



LARISSA SIRIANI

O
Coração
da
Magia

Quiterata

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Para os meus pais, por seu amor incondicional. Para Andressa, por seu apoio infinito e a sua fé inabalável em mim. Para Willian, que escutou os meus lamentos enquanto escrevia este livro. E pra você, leitor, única razão pela qual o meu sonho se tornou possível.

Doce Rotina de Cada Dia

Eu corria acelerada, o mais rápido que meu longo vestido de festa me permitia. Lágrimas escorriam pelo meu rosto e borravam a minha visão. Eu só conseguia enxergar, no fim de uma ruela deserta, uma enorme cortina de fumaça seguida do que parecia ser um paredão de fogo. Eu não o via, mas ouvia seus gritos: Sam estava lá. Meu Sam. Eu quase conseguia sentir o fogo consumindo sua pele, a dor inexplicável atingindo seus membros.

Tentei me forçar a correr mais rápido, mas tropecei por causa do salto idiota que eu tinha inventado de usar. Salto, vestido longo, penteado, maquiagem; se eu soubesse que teria que lutar contra bruxas naquela noite, teria ido ao baile de jeans e All Star. Mas agora não dava tempo de pensar naquilo. Arranquei as sandálias desajeitadamente e tentei abrir um rasgo no vestido que me permitisse correr mais rápido. Então o ouvi gritar, chamar meu nome. Tornei a correr como se a minha vida dependesse disso.

Eu estava alcançando. Estava cada vez mais perto. Eu já conseguia enxergar Sam, num ponto mais alto, amarrado numa tora de madeira, quase sendo alcançado pelo fogo. Meus joelhos estremeceram como se fossem feitos de gelatina, mas eu não podia parar. Tentei acelerar, mas uma barreira invisível me deteve. Eu gritei

em desespero, mas algo pareceu travar minha garganta. E então eu as avistei.

Kathi Jonas e Megan Goyle. Minhas irmãs de alma, também conhecidas como Jane e Cecily Von Evans, aquelas malditas. Elas riam abertamente para mim, e Megan lançava rápidos olhares de desdém para seu irmão Sam, preso na fogueira. Como ela podia fazer isso com ele? Mais importante, por que *ele*? Se queriam a mim, por que não vieram me pegar? Sam não precisava estar envolvido.

Continuei me debatendo contra a parede invisível, tentando contorná-la. A cada choque, eu era lançada alguns centímetros para trás. Seja lá qual feitiço fosse aquele, era dos bons. Eu berrava a plenos pulmões, mas nada saía. Eu me recusava a sair dali sem lutar. Elas não iam levar o meu Sam!

Finalmente, então, consegui gritar. Minha voz saiu em palavras incompreensíveis, gritos assustadores, porém eficazes. De imediato, algo aconteceu: eu despenquei no chão, exausta, mas meus olhos estavam bem abertos. Vi a parede invisível se dissolver numa camada de poeira, e vi Kathi e Megan morrerem bem diante de mim, suas vidas sendo sugadas junto com toda a magia em meio a um redemoinho de luz branca que cortava a noite. Eu as ouvi gritar e implorar e sofrer, mas eu não consegui sentir pena.

Breu. O fogo se apagou com outra onda de luz, e Toy, saído do nada, escalou a fogueira e usou suas unhas e dentes afiados para libertar Sam, que mesmo estando muito machucado, veio trôpego até mim. Imaginei que ele fosse me agradecer, ver se eu estava bem, me perguntar o que tinha acontecido. Ao invés disso, ele se abaixou e me olhou como se eu fosse um monstro.

Completamente merecido, imagino. Tipo, eu tinha matado a irmã dele. Mas doía, de qualquer maneira.

- Por que você fez isso, Malena? – ele me perguntou, e essa pergunta se repetia inúmeras vezes, como se houvesse um eco sem fim. Todo o cenário se dissolvia e se transformava num nada negro, onde estávamos eu e ele apenas, o som batendo nas paredes invisíveis, voltando pra mim.

Eu tentava responder. Gritava. Mas não emitia qualquer ruído.

E então, vindas do nada, Megan e Kathi reapareceram, caminhando lentamente. Os rostos sem expressão, a pele pálida e de aparência gélida, os vestidos rasgados e cheios de sangue, inúmeras marcas ao longo do corpo como se tivessem sido chicoteadas. Tentei agarrar a mão de Sam, para ao mesmo tempo protegê-lo e pedir ajuda, mas, para a minha surpresa, ele soltou minha mão com uma expressão quase de nojo. Se levantou e se afastou de mim, dando espaço para que Megan e Kathi me alcançassem.

Mais rápido agora, elas vêm até mim.

Vieram me buscar, vieram me buscar. Elas vieram me buscar pra me levar pro inferno.

Como alguém pode ser condenada por tentar salvar uma vida?

Como eu poderia não ser condenada por tirar duas vidas pra que isso acontecesse?

Talvez eu mereça ir pro inferno.

Grito quando suas mãos frias e podres me alcançam, e então acordo, só pra descobrir que é madrugada de novo.

Sonhar com a mesma coisa durante aproximados 60 dias não é brincadeira.

Suspirei de alívio e pus a mão sobre a testa suada. Ouvi o som do telefone, mas ele não estava em nenhum lugar que eu conseguisse ver. O toque estridente do meu celular tinha sido o meu bote salva-vidas todas as manhãs nos últimos dois meses. Não fosse por ele, eu descobriria exatamente que tipo de vingança Kathi e Megan tinham preparado para mim. Mesmo que só nos meus sonhos.

Então Toy saltou sobre a minha cama, carregando meu celular na boca, parecendo um daqueles cachorrinhos que trazem o jornal pros donos nos filmes. Meu gato preto falante deixou-o sobre a minha barriga, completamente babado, e deu um miado engraçado. Preferi não comentar o quanto ele se parecia com um cachorro naquele exato momento. Poderia deixá-lo ofendido.

- Ele me acordou também. – ele disse, sem animação – É o Sam.

- Você sabe ler? – perguntei com um bocejo, depois de limpar o visor e ver que ele estava certo.

- Não, eu apenas tive tempo pra memorizar que a primeira ligação do dia é sempre a dele.

Era verdade. Desde que eu e Sam tínhamos começado a namorar, ele me ligava todos os dias de manhã. Mesmo quando era sábado, como hoje. Toy reclamava o tempo todo, dizendo que aquelas ligações completamente desnecessárias serviam apenas para acordá-lo de uma boa soneca. Eu achava o máximo.

- Oi, amor. – atendi, tentando não parecer completamente cansada. Parecia que um trator tinha passado sobre mim durante a noite.

- Oi, Lena! – Sam exclamou, todo animado, me chamando pelo apelido que tinha adotado pra mim – Bom dia!

- Bom dia, Sam. – dei um sorriso largo só de escutar sua voz – Me acordou, sabia?

- Eu ligo especialmente pra ter esse prazer!

- Obrigada por isso.

- Minha mãe quer saber se você virá aqui hoje. Pra almoçar.

Fiquei com a boca aberta por uns instantes, sem saber o que dizer. Passei a mão nos meus longos e escorridos cabelos quase brancos, ainda tentando encontrar uma resposta que Sam obviamente sabia que eu viria a dar. A Sra. Goyle queria me conhecer desde que Sam havia falado sobre mim pela primeira vez, mas eu ainda não tinha coragem suficiente para encará-la.

- Sam, você sabe que eu não *posso* ir aí. – eu disse, com cautela, enfatizando bem o fato de que eu simplesmente *não podia*.

- Para com isso, Malena. – Sam disse, parecendo chateado. Há dias ele tentava me convencer a ir até lá. E há dias eu estava tentando enrolá-lo com todo tipo de desculpa possível.

- Você não sabe como é, ok? – bufei e engoli o choro que estava vindo – Como você acha que eu vou poder olhar pra sua mãe depois de... – *ter matado sua irmã*, pensei, mas optei por algo menos direto – Tudo?

- Ela não sabe de nada.

- Mas eu sei, e isso é suficiente pra que seja horrível.

- O que eu devo dizer a ela?

- Qualquer coisa.

Sam ficou mudo do outro lado. Toy lambeu a pata e eu vi que seu olhar me reprovava. Bufe.

- Desculpe. – murmurei – Eu só preciso de tempo.

- Eu entendo, Lena. – ouvi-o suspirando – O tempo da minha mãe já acabou. Ela está bem agora. Você sabe que quando estiver pronta, vai ficar tudo bem.

- Sei, claro.

“Como você consegue ser tão legal comigo depois disso?”, eu tinha vontade de perguntar. “Eu matei a sua irmã”. A calma de Sam pra lidar com um assunto que ainda me corroía e sua capacidade de me namorar mesmo sabendo que eu tinha destruído parte de sua família eram coisas que eu simplesmente não compreendia. Como alguém podia ser tão bom a ponto de perdoar e ainda amar uma pessoa capaz de algo tão ruim quanto o que eu tinha feito?

Mas eu não falei nada. Trocamos mais algumas palavras e eu desliguei, com o coração agoniado. Olhei em volta, pousando meu olhar no canto escuro do sótão onde ficava o baú da família von Evans. Eu não tinha coragem de mexer em nada, como se qualquer mudança sequer na posição daqueles itens abrisse feridas do tamanho de caminhões. Por isso, os livros e diários de bruxa estavam jogados exatamente como da última vez em que haviam sido usados. O espelho de moldura dourada, antigo, quebrado e manchado, continuava apoiado na parede ao lado da minha cama, juntando teias de aranha. Toy era a única herança de Dorothei que não me dava vontade de vomitar.

Principalmente, meu lado bruxa continuava intocado. Adormecido. Eu nem sabia se ele ainda estava lá depois das coisas que haviam acontecido e do feitiço que eu havia proferido. Para salvar Sam eu tinha pago um preço enorme que ia além do peso descomunal das mortes que já carregava todos os dias sobre os ombros. Eu não me arrependia de nada, mas não ter mais minha magia era completamente incômodo.

Sem mais a facilidade de fechar portas que esqueceu abertas só de olhar pra elas. Sem puxar as coisas pra si, sem fazer o que quiser com tudo à sua volta. Porém, sem explodir nada acidentalmente e tudo isso. E mais importante, sem Dorothei dividindo minha vida e

meus pensamentos comigo. Tentava me lembrar do enorme inconveniente que era ter minha antepassada bruxa vivendo na minha cabeça comigo, me aporrinhando toda vez que ela começava a reclamar da minha condição de humana comum. Era algo de que eu realmente não sentia falta.

Me levantei, troquei de roupa e pus um pouco de comida para Toy. Coloquei o celular sobre a cômoda, calcei os chinelos e desci do sótão. A luz do dia que iluminava o corredor machucou meus olhos sensíveis demais, e eu os cobri com a palma da mão enquanto descia.

Na cozinha, minha mãe, Milla, meu pai, Dave, e meus irmãos Colin, Dylan e Adam já estavam tomando café. Dei um bom dia desanimado e peguei o leite na geladeira.

Apesar de o inverno já estar no final, ainda fazia frio em Oxford. Naquele sábado, fui com Toy até a loja de animais, onde ele escolheu sua ração e paquerou uma gata de outra mulher. Ri disso enquanto íamos pra casa, e Toy me disse que, quando se é um gato falante com séculos de idade, se aprende a apreciar as coisas boas da vida.

Não discuti depois dessa.

- Não vai ver Sam hoje? – ele me perguntou, quando já estávamos de volta no sótão. Eu peguei o livro de química e meu caderno.

- Prova na segunda-feira! – justifiquei, e Toy fez algo que parecia um ronronar irritado.

- Você está fugindo dele, Malena, admita!

- Estou. – fiz beicinho e abandonei o livro – Você me entende, não é? Por favor, de todos no mundo, me entenda!

- Eu não entendo. – Toy subiu na minha cama e deitou sobre o meu travesseiro, olhando de um jeito curioso pro meu abajur de panda – Você age como se qualquer um soubesse que matou a menina Megan só de olhar pra você. O que não é verdade. Você disfarça muito bem.

- Cale essa boca! – exclamei, com medo de que alguém o tivesse escutado – Eu deveria fazer um feitiço pra cortar fora essa sua língua comprida!

- Você não tem mais magia.

- Obrigada por me lembrar disso, Toy! Muito esclarecedor!

Abri o livro e comecei a ler. Fiz umas anotações de fórmulas aqui e ali, tentando me concentrar. Era difícil. A menção ao ocorrido me dava arrepios na espinha, revirava meu estômago, e me fazia lembrar dos meus pesadelos. Eu odiava a sensação de impotência que aquilo me trazia.

- Se serve de consolo, você matou duas bruxas que queriam escravizar a cidade e matar seu namorado. – Toy disse, de repente. Automaticamente, mexi a mão, como se fosse segurar seu focinho, mas nada aconteceu. Teria funcionado perfeitamente bem se eu fosse bruxa. Não era mais o caso.

- Esqueça isso. – pedi, com a voz cansada. Mas nem eu conseguia esquecer.

Vinte minutos inteiros se passaram, e eu ainda estava na primeira página. Era óbvio que eu não ia conseguir estudar daquele jeito.

- Eu tenho uma teoria. – Toy afirmou então, vindo até mim. Pulou sobre o meu livro e ali se sentou, me encarando com seus grandes olhos amarelos.

- Só fale se for uma teoria química. – resmunguei, me sentindo uma completa fracassada.

- Acho que você não perdeu seus poderes. – insistiu o gato, e eu fiz uma careta.

- Toy, preste bastante atenção porque só vou fazer isso uma vez, ok?

Ergui a mão e me concentrei, buscando a magia que não estava ali e tentei mover alguma coisa. Um livro, um fio de cabelo, qualquer coisa. Nada aconteceu.

- Viu só? – tirei-o de cima do livro e espanei os pêlos – Eu não sou mais uma bruxa, Toy. Felizmente.

- Não finja que está feliz com isso. É deprimente.

- Me deixe estudar!

Toy miou e deitou-se aos meus pés. Ficou calado, e eu tentei estudar pela hora seguinte, avançando as páginas sem me lembrar do que havia lido nas linhas anteriores. Era simplesmente impossível me manter sã com tudo me fazendo lembrar dos meus piores pesadelos a cada momento.

O pior de tudo era admitir que Toy tinha razão. Era mesmo deprimente o modo como eu tentava fingir que adorava voltar a ser só mais um ser humano limitado. Eu estava me enganando, ou tentando me enganar. Por mais de 15 anos, eu tinha me acostumado a ser a menina estranha. Durante meses, eu tinha aceitado e aprendido a lidar com o fato de eu ser uma bruxa. E agora, eu só me sentia comum.

Comum porque todo mundo em Oxford já tinha se acostumado comigo, e ninguém mais me olhava de maneira diferente só por ser albina. Comum porque eu era mais uma garota na minúscula OSD me esforçando pras provas finais, me desdobrando entre as dúvidas de faculdade e meu namorado perfeito.

Comum porque eu não era mais uma bruxa, não tinha mais que salvar uma cidade inteira – por menor que ela fosse – não destruía coisas sem intenção quando estava irritada demais, não movia nada com a mente, não podia fazer feitiços, não tinha toda aquela emoção de viver sempre no risco e não tinha mais nada de excitante na minha vida.

Obviamente, eu sabia que estava sendo ridícula e egoísta. Quero dizer, qualquer um adoraria um pouco de paz após todas as coisas insanas que haviam acontecido, certo? Qual era o sentido de querer mais problemas? Eu devia estar completamente feliz agora!

Mas não podia, porque eu sentia falta de tudo, mesmo da parte ruim. Até de discutir comigo mesma em frente a um espelho quebrado, e de saber que eu tinha um lado ruim escondido em mim. Eu sentia falta porque era o que me fazia sentir especial, diferente de um jeito só meu.

Malena, Malena, em que você estava pensando?

Eram mais ou menos nove da noite, e eu não fazia a menor idéia do que eu estava fazendo com meu material de química, quando o celular tocou e me deu um susto. O achei debaixo do travesseiro e atendi, já sabendo quem era.

- Oi, Sam. – disse, de pronto.

Mas não era Sam do outro lado da linha.

- Malena, eu acho que deveríamos nos ver. – disse minha tia Frida, do outro lado da linha.

- Eu estou ótima, tia, e você? – soltei, petulante. Não era a primeira vez que minha tia me ligava num sábado à noite.

Na verdade, ela vinha me ligando todo sábado à noite nos últimos meses, sempre pra dizer que queria me ver. Eu sempre fugia. Não nos víamos desde o batizado de Linda, pouco depois do Ano Novo. Na ocasião, eu fiz de tudo pra sair da festinha o mais rapidamente possível, fazendo de tudo para não ser pega desprevenida.

- Malena, eu estou falando sério. – suspirou – Eu estou ótima. Mas estou preocupada com você.

- Eu agradeço, mas não é necessário. – afirmei, em tom de quem dá por encerrado o assunto.

- Dorothi, será que pode me escutar?

Aquilo era novo. Em todas as ligações, minha tia nunca tinha me chamado pelo meu nome de bruxa. Ela sempre me tratava como sobrinha, não como irmã. Ser chamada pelo meu outro nome me fez estremecer.

- Zethi, seja razoável. – pedi, com o tom que costumava usar quando era Dorothi falando, e não eu. O tipo de conversa mudava, o vocabulário, e até disso eu sentia falta. Quando era Dorothi, a Dorothi de verdade, quem estava falando, soava confiante e natural. Quando eu tentava imitar, parecia uma menininha de dez anos mostrando o que aprendeu na escola.

- Eu estou preocupada com você! – ela insistiu – Preocupada porque você está fechada pra mim depois das coisas que aconteceram. Você acha que eu não vejo, que eu não ouço o quanto está diferente?

- Quem está fofocando pelas minhas costas?

- Venha até aqui e falamos disso.

Claro. Como se ela fosse barganhar aquilo comigo quando tudo o que eu queria era não lembrar.

- Boa noite. – declarei.

E desliguei. O telefone, dessa vez, pra ter certeza de que não voltaria a ser incomodada.

Mas evidentemente fui incomodada. Por mim mesma. Porque desligar o telefone não impediu que eu dormisse e sonhasse o mesmo pesadelo de novo.

Eu não gostava daquela rotina.

Fiz meu caminho de sempre até a OSD na segunda-feira, acompanhada como sempre por Eric e Freddy, que iam na frente, chutando os últimos resquícios de neve e falando de pessoas que eu não conhecia muito bem. Eu estava exausta, tinha uma prova e nenhuma perspectiva de me dar bem no dia.

A vida estava chata, era verdade. Mas talvez fosse melhor assim. Eu podia dar atenção à minha família, aos meus amigos. Podia me preocupar com coisas maiores no tempo certo, podia viver sem o risco iminente de ser morta ou de ter as pessoas que eu amava ameaçadas por quem quer fosse. Eu estava bem daquele jeito, não estava?

A que eu estava querendo enganar?

Cheguei na escola e quase fui atropelada no estacionamento ao passar distraída demais. O motorista – um cara do último ano, pelo que eu podia me lembrar – buzinou e me mandou sair da frente. Meu coração acelerou, e eu sabia que aquela seria possivelmente a maior emoção que eu teria no dia. E nos próximos.

Atravessei o estacionamento lotado de pedrinhas da OSD em direção aos prédios pequenos e mais do que suficientes pra população tão limitada da nossa escola. Ali na frente, exatamente como no primeiro dia de aula em que eu havia levado um estojo nas costas sem querer, estavam Haley e Hellen Nelson, as gêmeas mais parecidas e cômicas do mundo; Yara de los Angeles, minha melhor amiga e fiel religiosa; Ned Lee, o chinês que eu mais gostava no mundo; e o meu Sam.

Sam, como em todas as manhãs, foi o primeiro a me receber, com o seu abraço apertado e o beijo que ainda me fazia ter vontade de pular de alegria. Eu ainda me sentia como se o estivesse vendo pela primeira vez. O frio na barriga não tinha desaparecido, nem aquela sensação de que o mundo explodiria em cores de tanta felicidade que eu sentia por estar com ele.

Dei um oi rápido pra todo mundo, observando Yara e Ned conversarem. Estava perdida em pensamentos nostálgicos quando *ela* chegou.

Liu Schieng Chuan. A pessoa com quem eu tinha tido que me acostumar nas últimas duas semanas. Uma chinesa um pouco menor do que eu, que ia pra escola com penteados estranhos e botas de combate. Suas roupas me lembravam de Kathi – mas eu evitava fazer essa comparação pra não começar a chorar onde estivesse. Preferia pensar que Liu era uma peça única.

No entanto, havia alguma coisa sobre Liu que me incomodava. Eu não sabia dizer exatamente o que era. Ela não era nova na cidade – eu nunca tinha prestado atenção especial a ela por não termos nenhuma aula juntas, mas, por ela ser do mesmo ano que eu, já sabia que ela existia. Mas ela tinha se aproximado de maneira tão repentina de Ned, e olhava a todos nós de maneira tão estranha...

Bufei. Devia ser só coisa da minha cabeça. Eu estava desconfiada dela pura e simplesmente porque a sua intromissão na vida dos meus amigos estava fazendo a Yara sofrer, e eu a odiava por isso. Ned não percebia, mas eu – e todo mundo – via o sorriso maldoso que ela lançava pra minha amiga quando os dois estavam juntos, como se ela tivesse algum tipo de qualidade superior que a tornava muito melhor que Yara, e portanto merecedora de Ned. Uma necessidade de fazê-la sentir inveja pelo que lhe tinha sido roubado.

Quando a vi chegar perto de Ned e lhe dar um grande beijo na boca, só pude imaginar o que Yara estava sentindo. Ela e Ned não haviam dado certo: um mês depois de terem começado a sair juntos, terminaram. A amizade ia bem, mas eu sabia, mesmo que ela não me dissesse, que ainda gostava dele. E ele agora estava com Liu.

Discretamente, Yara tirou seu time de campo e veio até mim e Sam. Usava a mesma saia que ia até os pés, e os cabelos negros presos numa trança que caia infinitamente pelas costas. Completamente diferente de Liu, com seu cabelo escorrido preto rabiscado de azul e vermelho em mais de um ponto, suas roupas coloridas desengonçadas e seu jeito meio punk de ser.

Sem dúvidas sobre a minha preferência!

- Tudo bem? – perguntei a Yara, indicando Ned com a cabeça.

- Eu estou ótima. – ela me respondeu, mas eu sabia que não era verdade. Eu só não ia dizer isso a ela.

- Vai me ajudar a estudar hoje, então? – indaguei, só pra mudar de assunto. Yara fez uma careta.

- Tem *mesmo* que ser na sua casa? – quis saber, e eu rolei os olhos.

Ela ainda tinha medo da Casa Azul. Todo mundo tinha medo, ainda que estivesse habitada e perfeitamente segura (pelo menos até onde as pessoas tinham conhecimento) desde que nós chegamos. Divaguei por um instante pelas lembranças daquele passado tão distante, me perdendo nas imagens da minha outra vida. Retomei o foco antes que me perdesse por completo.

- Não faz o menor sentido você ter medo, ok? – afirmei, sorrindo. Yara tentou sorrir também, mas não deu muito certo – Eu te protejo!

Olhei por um mísero segundo pra Sam. Ele sorria com a compreensão que só ele poderia me dedicar.

- Tudo bem. – Yara respondeu, sorrindo sinceramente – Você tem razão. Eu estou sendo boba.

- Claro que está!

Então o sinal tocou, anunciando o início do martírio. Me despedi de Sam e segui ao lado de Yara para o meu prédio.

A OSD já era quase que uma segunda casa pra mim. Eu já conhecia cada prédio e cada funcionário, já reconhecia rostos e lembrava nomes, cumprimentava pessoas aleatoriamente no caminho pra sala de aula. O difícil era passar pelos corredores, onde as fotos de Megan Goyle e Kathi Jonas me lembravam da assassina que eu era. Talvez fosse por causa daqueles cartazes de desaparecidas, do eterno sofrimento das mães, da persistência em encontrar suas filhas que, eu sabia, nunca voltariam pra casa, que eu não conseguia esquecer. Todos os dias, os olhos nas fotos me encaravam com ares de acusação, e a minha culpa nunca diminuía. Como sempre, fingi ignorar, e entrei na sala de aula.

Me sentei no meu lugar de sempre, atrás de Yara e ao lado de Ned, agradecendo a Deus – ou ao Senhor das Almas, como ensinava meu lado bruxo – por não ter que agüentar a nova namorada dele por pelo menos duas aulas. Meu estado de felicidade não durou muito mais tempo, quando me lembrei que era aula de matemática

e estremei. Eu já teria repetido naquela matéria se Ned não me ajudasse tanto quanto podia.

Aparentemente, aquela ajuda não era o suficiente. Porque, quando o Prof. Timmy me entregou a minha prova corrigida, o "D" estava em vermelho, circulado e gritante.

- Ótimo. – murmurei. Naquela prova, eu tinha passado metade do tempo pensando no meu pesadelo de sempre, e a outra metade tentando colar de Ned. Não tinha tido muito sucesso.

Eu não fazia idéia do que faria pra recuperar aquela nota. *Aquelas*, eu deveria dizer. Aquela era o meu segundo D, seguido de um C- e um C+. Isso sem contar que a primeira prova do semestre tinha sido um fiasco: eu tirei um E. Definitivamente, eu era a aluna mais fracassada daquela sala.

Pra não dizer a mais miserável.

As aulas se arrastaram até a hora do almoço. Minha prova no segundo tempo foi um pouco melhor do que eu esperava que fosse. Foi um alívio imensurável deixar a sala de aula e ir até o refeitório, onde Sam já estava me esperando, com um sorriso no rosto e os braços abertos pra me receber.

Eu não agüentaria um só segundo se não fosse por ele, disso eu tinha certeza.

Me sentei entre ele e Halley. Ela, pra variar, cochichava com sua irmã gêmea, Hellen. Ao lado de Hellen, Patrick copiava a lição de casa que Yara tinha feito, e ao lado de Yara estava Ned, seguido de Liu. A decisão de deixá-la sentar na nossa mesa tinha muito mais a ver com a nossa amizade por ele do que com aceitarmos ela. Liu não fazia o menor esforço em ser simpática e não tinha o menor interesse em ser nossa amiga. Pra mim, ela só não tinha levado Ned pra se sentar na sua antiga mesa (junto com outros punks da escola) porque ali era o melhor lugar para forçar Yara a observar a relação dos dois.

Eu estava pensando num modo de tirar minha melhor amiga da posição de dor em que ela se encontrava quando Halley finalmente pareceu notar que a mesa estava cheia e resolveu expandir sua conversa. Ela parou de falar, os lábios unidos numa linha fina, então sorriu com excitação.

Qual seria a fofoca da vez?

- Nossa mãe... – ok, essa era nova – Contou uma coisa IN-CRÍVEL pra gente!

As gêmeas tinham pego essa mania de separar as palavras em sílabas quando queriam enfatizar alguma coisa, nos últimos tempos. Me irritava mais do que a mania de completarem as frases uma da outra só pra me deixar confusa.

- Parece que tem um grupo de ciganos vindo pra cá! – Hellen exclamou, como se fosse a notícia do ano – Ciganos! Dá pra acreditar?

- Minha mãe disse que teve um grupo pequeno deles há uns vinte anos atrás. – Liu falou, do nada. Era novidade que ela opinasse nas fofocas que as gêmeas Nelson sempre contavam durante a hora do almoço – Com seus panos coloridos e música e dança. Ela achava bonito.

- Meu pai se lembra deles também. – Yara falou, apressadamente, e eu fiquei ainda mais surpresa em perceber que ela só estava falando porque Liu tinha dito algo primeiro – Disse que eles eram malignos, que assaltavam as lojas, assustavam as crianças, como demônios. Meu pai disse que não duvidava nada que fossem bruxos ou algo do tipo, aparecendo e sumindo sempre do nada.

Meu cérebro ficou alerta num segundo quando ela disse a palavra “bruxos”. Sam apertou minha mão, entendendo meu pequeno pânico, e então eu relaxei. Quero dizer, qual era a possibilidade de haverem mais bruxos do que eu já conhecia? Éramos uma espécie bem rara, pelo que as lembranças de Dorothei me diziam.

Seguiu-se uma enorme discussão sobre a tal índole cigana, onde Liu e Yara, como era de se esperar, lideravam os dois lados extremos. Eu preferi simplesmente não me meter. Eram apenas superstições de um velho religioso. Yara era bem convencida de tudo que seu pai pregava e ensinava, mas eu sabia que aquilo era pura besteira. Eram apenas ciganos. Iam chegar, acampar por um tempo, e ir embora. Nada com que eu precisasse realmente me preocupar.

O Grande Encontro

- Yara, o que foi aquilo na hora do almoço? – não resisti perguntar, enquanto eu e ela andávamos em direção à minha casa. Yara parecia bem apreensiva, mas estava colaborando.

Ela mordeu o lábio, e vi seus olhos marejarem. Uma onda de pena me abateu, porque eu não sabia mais o que fazer por ela. Eu não podia tirar dela a dor do coração partido. O que era uma droga, porque a única coisa de que minha amiga realmente precisava era algo que eu não podia dar.

- Eu não sei. – suspirou, e ergueu os olhos, como se pra fazer as lágrimas voltarem pra dentro – Eu só... – deu um riso sem humor pra si mesma – É ridículo, não é? Essa competição?

- Desculpe, mas é. – respondi, com toda a honestidade que me cabia. Passei meus cadernos pra outra mão e envolvi seus ombros com o braço livre. – Ei. Vai ficar tudo bem.

- Eu queria que passasse, entende? É fácil entender porque não deu certo, difícil é só...

- Entender que ele não sente mais?

Yara bufou. Meia dúzia de lágrimas já tinham escapado.

- É. – soltou, por fim.

- É por isso que hoje eu e você vamos nos afundar nos números! – eu disse, tentando soar animada. Não parecia divertido nem pra mim. Ela riu, de qualquer maneira, então eu fui em frente – Podemos tomar sorvete enquanto você tenta me fazer entender... qual é mesmo o nome daquela coisa que a gente tá aprendendo?

- Equações com números fatoriais? – sugeriu, e eu sorri.

- Isso aí! Você vai entrar em coma depois de hoje!

Ela riu, e nós seguimos o nosso caminho.

Yara estava tão apreensiva quando chegamos e entramos em casa que era possível ler o medo estampado em sua testa, mesmo que ela tentasse esconder com uma expressão tranqüila. Imaginei como ela agiria se eu a levasse para o sótão, meu quarto, local onde o passado tenebroso daquela casa realmente havia se concretizado.

Ela era uma pessoa sensível. Tanto que eu não conseguia entender como não tinha sentido a bruxa que há – havia – em mim.

Afinal, ela tinha medo de Kathi. Ela mantinha distância de todas as pessoas na minúscula Oxford que tinham alguma coisa a ver com toda essa história de bruxas. Yara deveria correr de mim também. Ou talvez ela só não sentisse porque eu não era realmente uma antes de reconhecer Dorothi em mim. Ou simplesmente porque eu não representava perigo.

A quem eu estava querendo enganar? Eu tinha matado duas garotas numa única noite. Eu representava perigo *sim*.

Nos sentamos na sala, onde Yara observava tudo com cuidado, como se esperasse que o bicho papão saísse de repente da lareira ou alguma coisa assim. Mamãe apareceu, vindo da cozinha, com um pano de prato nos ombros.

- Boa tarde, meninas! – exclamou, abrindo o sorriso que eu sempre via quando me olhava no espelho num dia feliz – Yara! Como vai?

- Tudo bem comigo, Sra. Gördon, e com a senhora? – Yara respondeu, educadamente e tentando fingir que não estava apavorada.

- Eu estou ótima! – respirou fundo – Precisam de alguma coisa?

Yara já ia dizer que não, obrigada, mas eu sabia exatamente do que ela precisava. E, de certa forma, eu também.

- Pode nos fazer um chá de camomila, mãe? – eu pedi, e mamãe assentiu, devagar.

- Claro. – concordou – Volto logo!

Mal ela saiu, Yara já estava me fuzilando enquanto pegava os cadernos.

- Não precisava dar trabalho pra sua mãe! – Yara afirmou – Eu já estou melhor!

- Não seja boba, é só um chá! – rolei os olhos – Minha mãe não vai morrer por causa de um chá!

Ela não parecia convencida. Mesmo assim, pegamos todos os nossos itens de estudo e começamos a operação Números Fatoriais!

Minha mãe voltou com o chá, e isso ajudou um pouco a acalmar os ânimos. Depois de meia hora, Yara já estava tão absolutamente

entretida em tentar me fazer entender a matéria que já tinha deixado de lado quase todo o seu medo sobre a casa – *quase*. Ela ainda olhava por cima do ombro de minuto em minuto esperando que algo pulasse em cima dela. Mas estava fazendo o possível para se manter calma.

Já estávamos naquilo há duas horas, e minha cabeça doía com o excesso de informação. Tinha repassado a matéria duas vezes, e estava fazendo pela terceira vez os exercícios que eu tinha errado, enquanto Yara comparava a minha prova com a dela – a diferença entre um A e um D eram gritantes e óbvias. Fui salva por breves segundos quando meu celular emitiu um alerta de mensagem.

“Jantar aqui, hoje. Aniversário de casamento dos meus pais. Não aceito não como resposta.”

Aquilo bastou pra que toda a camomila fosse imediatamente eliminada do meu sistema nervoso e eu começasse a suar. Hoje? Como assim hoje? Por que ele não tinha me avisado nada antes? Por que ele estava fazendo aquilo comigo?

- Malena, o que foi? – Yara percebeu. Acho que eu estava ficando meio verde; afinal, seria impossível ficar mais pálida.

- Não é nada. – respondi, mas minha incapacidade de piscar os olhos e minha voz atravessada na garganta rapidamente denunciaram o contrário. Yara pôs os livros de lado e pegou o celular. Leu a mensagem e me lançou um olhar de repreensão.

- Ainda essa história?

Yara sabia de parte dos fatos. Sabia que eu estava me recusando terminantemente a conhecer a família de Sam. Sabia que eu estava em pânico. Sabia que Sam queria muito que eu conhecesse seus pais. Só não sabia qual era o grande mistério por trás daquele drama todo.

- Você não entende. – falei, quase chorando. E ela não entendia mesmo. Nem Sam, por mais absurdo que pudesse parecer, entendia. Ele estava me levando direto pra boca do tubarão!

- Não entendo mesmo, porque você não me explica! – Yara me devolveu o celular, que eu peguei com mãos trêmulas – Você está sendo boba! Não tem do que ter medo! Os pais dele não vão te trucidar nem nada do tipo!

Não vão porque não sabem da verdade. Mas eu sabia da verdade. Eu estaria me trucidando sozinha.

- Aposto que você já enfrentou coisa muito pior que um jantar de bodas! – ela continuou, e eu me segurei nesse pensamento enquanto ela falava.

E não era verdade, afinal?

Não sabia a que exatamente Yara estava se referindo – já que boa parte das coisas realmente difíceis e terríveis que eu tinha enfrentado na vida não era de conhecimento geral -, mas ela estava certa. Eu já tinha enfrentado coisa muito pior. Já tinha enfrentado preconceito, já tinha crescido com sete homens (contando meu pai) cuidando de mim, já tinha me mudado bruscamente, descoberto que era uma bruxa, feito feitiços, tirado vidas. Já tinha feito tantas coisas difíceis, já tinha enfrentado tantos momentos de medo, que dificilmente algo poderia me assustar.

Exceto a expectativa de me encontrar com duas pessoas que não sabiam realmente quem eu era, nem minha relação com o pior drama de suas vidas. Mesmo que, secretamente, eu tivesse, na verdade, os salvado. Eles não sabiam disso. Assim como não sabiam que eu tinha matado Megan.

Eu não acreditava nem por um segundo que estivesse sendo boba. Meu medo era real, e tinha a ver com culpa e muito remorso pela dor dos Goyle. Mas Yara estava certa, eu podia passar por isso. E antes agora do que quando não houvesse mais como adiar.

- Tem razão, né? – falei, devagar. Tive a impressão de que ela tinha me dado um sermão enorme, mas que eu não havia escutado uma palavra sequer. Mas só o fato de eu admitir que ela estava certa já fez Yara sorrir.

- Claro que tenho. – ela passou a mão carinhosamente pelos meus cabelos, com um olhar fraternal – Agora responda pra ele que está combinado, e crie coragem.

Coragem. Ia precisar de muito mais que coragem. Ia precisar de sorte, e ela e eu raramente andávamos de mãos dadas por aí.

Com os dedos trêmulos, respondi um simples “tudo bem”. Ia bastar. Tentei continuar estudando depois disso, mas simplesmente não funcionou. Eu tinha algo muito mais urgente com que me

preocupar agora – o maior e menos ansiado encontro de toda a minha vida.

Mal consegui falar com Sam depois disso. Me sentia um pouco traída por ele ter me forçado aquele encontro de uma maneira tão brusca. Achava que ele, de todas as pessoas, entenderia porque eu precisava de tempo. Ao invés disso, estava me forçando a pular do penhasco, mesmo sabendo que eu estava apavorada com a altura. Uma tremenda facada nas costas.

Mesmo assim, eu não conseguia ficar brava com ele. A decisão estava tomada, e eu estava confiante de que não voltaria atrás. Minhas mãos suavam e meu coração batia forte só de pensar no que me aguardaria naquela noite. Na minha cabeça, eu ainda tinha formada aquela imagem louca de que eles me reconheceriam como assassina no mesmo instante em que eu aparecesse, e me expulsariam com tochas e forçadas da cidade, como nos tempos medievais.

- Você seria enforcada por assassinato, se estivéssemos nos tempos medievais. – Toy miou, entediado, quando compartilhei esse pensamento. Imaginei que os Goyle estavam me enforcando, e imediatamente me senti enjoada.

- Ajudou bastante.

- Só estou dizendo que esse pensamento não tem o menor fundamento. Eles são seres humanos normais. Não têm nenhum tipo de clarividência que permita adivinharem quem você é.

- Toy, você não está ajudando a me deixar tranquila!

- Sinto muito. Não sou seu psicólogo.

Bufei e troquei de roupa pela décima vez. Uma buzina quebrou o silêncio, e corri pra janela manchada do meu sótão, só para ver o carro de Sam parado logo em frente.

- Rápido: vermelha ou roxa? – perguntei para Toy, me referindo às cores das roupas que eu tinha provado. Ele saltou de cima do meu criado mudo, desinteressado.

- Não faz diferença. Eu não enxergo cores.

Ele podia ser realmente irritante às vezes!

Sam buzinou de novo, e eu desisti. Calcei um sapato, peguei a bolsa e desci penteando o cabelo. Sem um mínimo de maquiagem – tinha passado tanto tempo me preocupando com o que vestir que não tinha tido tempo para me maquiar – eu estava com uma aparência totalmente fantasmagórica, o que, acreditava eu, não colaboraria em nada para uma primeira impressão. Quando abri a porta da frente, Sam já estava com o dedo a um milímetro da campainha.

- Você demorou. Achei que tivesse desistido. – explicou. Ele sabia tão bem quanto eu quantas vezes aquela possibilidade havia passado pela minha cabeça.

- Eu não conseguia escolher o que vestir. – falei, e me inclinei para beijá-lo. Perdemos alguns minutos ali, até que Sam decidisse que já estávamos atrasados o suficiente. Então entramos no carro e começamos o nosso trajeto em silêncio.

- Pensa pelo lado positivo, você vai conhecer bastante membros da família de uma vez. – Sam disse, em tom de brincadeira – Te poupa novas visitas.

Outros membros da família? Ele não tinha me dito isso!

- Quem vai estar lá? – perguntei, apavorada. Sam pensou por um momento.

- Não muita gente. Só meus dois tios, meu avô e uns poucos amigos dos meus pais. É um jantarzinho simples.

Não me pareceu nada simples. Era um jantar com convidados. Achei que fosse um jantar só pra nós mesmos!

Mas, pensando bem, mais gente significava mais chance de fugir dos pais de Sam. Eles estariam ocupados com outras pessoas, e não poderiam me dar total atenção, o que seria perfeito. É, ia dar tudo certo.

Chegamos na casa dos Goyle poucos minutos depois. Eu estava tremendo, por dentro e por fora. Sam estava tão tranquilo que chegava a me dar agonia. Ele abriu a porta para mim e segurou firme minha mão, como se para dizer que estaria ali pra qualquer coisa. Aquele gesto me fez sentir um pouco mais confiante. E então nós entramos.

A porta da frente dava para uma sala não muito ampla, circular e bem decorada. A lareira estava acesa com um pouco de lenha, tornando o ambiente bastante quente, com cheiro de pinho. Três sofás em tons de marrom e bege estavam colocados em volta de uma mesinha de centro com tampo de vidro, cheia de portas-retrato que, mesmo sem ver, eu sabia conterem fotos de Megan. Na sala, bebendo vinho e conversando animadamente havia três homens, a quem Sam me apresentou como sendo seu avô paterno, seu tio Lon, e Jerry, colega de escola dos seus pais.

Após olhares estranhos na minha direção – Jerry ficou particularmente impressionado e chegou a quase derrubar sua taça de vinho ao me ver parada atrás dele – e alguns comentários educados sobre como eu era bonita por parte do avô de Sam, fomos em direção à cozinha. Eu ainda podia sentir que me olhavam fixamente enquanto eu andava. Em geral, aquilo não me incomodava, mas agora o peso era diferente. Era da família de Sam que estávamos falando.

- Espero que o Jerry não tenha te ofendido. – ele falou no meu ouvido – Ele é um idiota às vezes, mas é um grande amigo do meu pai.

- Não. Eu já estou acostumada. – tentei sorrir, mas estava nervosa demais. O falatório na cozinha era grande. Um cheiro delicioso de carne assada aumentava à medida que nós nos aproximávamos.

Quando chegamos à porta da cozinha, apertei forte a mão de Sam para buscar a coragem. Mordi o lábio inferior com tanta força que achei que fosse sangrar. O falatório desapareceu no instante em que todos deram conta da minha presença.

As primeiras pessoas que vi foram uma versão mais nova e uma mais velha de Lon – de fato, os três eram tão parecidos que só as rugas e os fios de cabelo branco poderiam definir alguma diferença entre eles. Supus que fossem o outro tio e o pai de Sam, embora eu não soubesse ainda quem era quem. Uma mulher muito alta, de grossos cabelos vermelhos e um mal gosto absoluto para roupas estava logo ao lado. Um casal jovem, cuja mulher estava tão grávida que parecia prestes a explodir, bloqueava a entrada. E, no fogão, estava ela.

Eu soube que era ela a mãe de Sam logo de cara porque nenhuma outra pessoa seria tão semelhante a Megan Goyle. Só de olhar pra ela, tive vontade de vomitar – era como ver uma versão madura de Megan que nunca seria real, como jogar na minha cara o futuro que eu havia tirado dela. Ela estava usando um vestido bonito azul escuro, com um avental por cima tão verde quanto os olhos de Sam. Olhos que ela compartilhava. Olhos que Megan compartilhava em vida.

Sam fez o imenso favor de quebrar o silêncio, a única razão pela qual eu não dei as costas e sai correndo dali naquele exato momento. Ele sorriu como se tudo estivesse perfeitamente natural, soltou minha mão, passando o braço em volta dos meus ombros e me apresentou:

- Pessoal, essa aqui é a Malena, minha namorada.

Nem mesmo o braço dele em volta de mim fez com que eu me sentisse melhor. Sem a mão dele pra segurar, senti que estava começando a tremer, e me perguntei se a minha vontade de chorar estava tão evidente pra eles quanto estava pra mim – os olhos marejados, a boca trêmula, as rugas se formando na testa. Mas eu tinha que ser forte. Eu já havia passado por tanta coisa e ainda estava viva. Nada do que eu fizera tinha sido por mal.

Respirei fundo e comecei a cumprimentar as pessoas. A grávida, Joanna, que era colega de trabalho da mãe do Sam no banco da cidade, e seu marido Joshua. O tio mais novo, Wilbert, e o pai de Sam, Xavier, que me tratou muitíssimo bem e me elogiou tanto que tive até vergonha. A mulher alta, Pamela, madrinha de Sam. E Sandra.

Sandra Goyle. Mãe de Sam. Mãe da garota que eu havia matado há poucos meses. Aquela que, no momento, segurava minha vida na mão sem sequer saber disso. Ela me olhou com curiosidade e me abriu um imenso sorriso maternal que eu não tive certeza se consegui retribuir. Então me beijou nas duas bochechas e me deu um abraço longo, dizendo que estava muito feliz por finalmente me conhecer, como eu era bonita, e como aquele dia era especial.

Tudo acontecia em câmera lenta. Aos poucos, a conversa na cozinha voltou, e eu apenas concordava com praticamente tudo que

me era dito. Estava tão assustada que não conseguia prestar atenção a nada, ou pensar antes de responder a uma pergunta. Sam conversou com o tio e com o pai, e me deixou sozinha fingindo um papo com sua família que simplesmente não estava acontecendo. Eles falavam comigo – em especial Sandra, que aparentemente estava tão feliz por eu estar ali que não conseguia prestar atenção em mais nada – e tudo o que eu conseguia fazer era gritar para mim mesma “o que vocês estão fazendo? Eu matei um parente de vocês!”

Mas eles não sabiam. Ninguém sabia. Ninguém precisava saber. O que não tornava nada mais fácil, contudo. Para mim, era como se estivesse óbvio, escancarado, uma verdade desagradável que qualquer um podia acessar. Um remorso que estaria ali para sempre.

Foi um alívio quando Sam finalmente me resgatou e me levou dali. Fomos para a sala de jantar, onde a mesa já estava posta. Lá ele me abraçou e me aninhou em seu peito.

- Está tudo bem. – murmurou pra mim – Não foi tão difícil.

Eu não conseguia responder. Estava paralisada. Sam ergueu meu rosto e me olhou com preocupação.

- Lena, diz alguma coisa, ou vou achar que você está entrando em colapso.

Abri a boca, ensaiando algumas palavras, mas não conseguia. Eu queria muito ir embora dali agora mesmo, voltar pra minha casa, pro meu sótão, e ficar escondida onde eles não pudessem me ver. Mas já estava ali. Não tinha como sair agora.

- Eu só estou nervosa. – consegui soltar, finalmente, após alguns minutos.

- Não precisa ficar. – ele me garantiu, e me agarrei com todas as forças nessa certeza – Prometo que nada de ruim vai te acontecer.

Concordei, mas por dentro, ainda estava tremendo. Fomos interrompidos quando Sandra pediu ajuda para colocar a mesa, o que foi ótimo – um pouco de atividade ajudava a aliviar aquela tensão. Consegui carregar o assado até a mesa sem derrubar nada, e em seguida me sentei seguramente ao lado de Sam na mesa – só para descobrir que Sandra se sentaria do meu outro lado.

Antes de começarmos a comer, fui surpreendida por todos dando as mãos em oração. Eu não era uma pessoa religiosa – meu único deus, se podia chamá-lo assim, era o Senhor das Almas, senhor de todas as bruxas. Mas eu seriamente duvidava que pudesse agradecer a ele na mesa de jantar dos Goyle. Principalmente porque todos os meus problemas tinham origem no fato de Ele ter me dado poderes. Não fazia dele meu melhor amigo.

Após uma breve oração para agradecer pela comida, Xavier fez questão de servir vinho a todos – inclusive a mim e Sam. Minha mãe me mataria se soubesse que eu tinha bebido, mas talvez o vinho me ajudasse a ficar mais calma. Então Xavier ergueu sua taça.

- Gostaria de propor um brinde... – ele começou, e alguns na mesa riram. Jerry e Wilbert, para ser mais exata – É, um brinde. Um brinde a uma mulher maravilhosa, com quem eu construí a minha vida, a minha família, e que me fez mais feliz do que eu jamais poderia imaginar. Um brinde aos deliciosos dezenove anos ao lado dela, e um brinde aos filhos que ela me deu.

Meu coração acelerou. Por que ele estava fazendo isso? Por que não podia fazer um brinde ao amor ou à paz mundial? Por que tinha que entrar justamente nesse assunto?

- E um brinde à minha filha querida, que não está mais entre nós. – silêncio. Vi os lábios de Sandra se crisparem numa linha fina, trêmula. Era óbvio que ela estava a um instante de começar a chorar. Não sei se dava pra perceber que eu também estava.

Ninguém disse nada. Fiquei feliz por isso. Por um minuto inteiro, não consegui ouvir nem uma respiração. Decidi não olhar pra nada além do meu próprio prato vazio, imaginando quanto minha cara devia estar parecida com ele – branca, lisa, inexpressiva. Será que ela me denunciava enquanto a assassina horrível que eu era?

- E um brinde à nova filha que entra hoje nessa casa! – Sandra continuou, para meu espanto, e quando a olhei, seus olhos marejados, com algumas lágrimas escorrendo, sorriam pra mim, a taça erguida – Um novo membro pra nossa família, que irá fazer meu filho muito feliz, tenho certeza.

- Saúde. – Sam brindou, antes que alguém pudesse adicionar mais alguma coisa.

Todos brindamos, e esvaziei a minha taça num só gole, tamanha a surpresa. O vinho desceu dóido pela minha garganta, deixando minha boca seca logo em seguida. Me senti um pouco tonta, mas isso não impediu que eu aceitasse uma segunda taça de vinho.

O jantar foi finalmente servido, mas eu já estava totalmente sem apetite. Com medo de fazer feio, me forcei a comer. Não demorou até que a conversa recomeçasse, e, conseqüentemente, que alguém se dirigisse a mim.

- Então, Malena, você não é daqui. – Pamela afirmou, apontando pra mim com o garfo. Pensei rápido no que responder. É fácil, disse pra mim mesma. Só preste atenção e responda, como uma pessoa normal.

- Não, não sou.

- Há quanto tempo se mudou?

- Alguns meses. Meus pais eram daqui.

- Ah, é? Qual o nome deles?

- Milla e Dave Gördon.

- Dave Gördon? Dave Harold Gördon? – ela sorriu, surpresa. Eu assenti, sem entender – Eu namorei seu pai!

Aquilo me deixou um pouco mais tranquila. Levar o assunto pra longe de mim, pros meus pais, e sua vida.

- Nós dois fazíamos educação física juntos, e depois trabalhamos no mesmo restaurante! – contou – Foi assim que começamos a namorar. Meu Deus, faz tanto tempo! E a sua mãe... eu me lembro dela. Lembro de quando ela ficou grávida. Foi um escândalo.

- Ah, foi. – Sandra emendou, o que me surpreendeu mais. Não achei que ela fosse falar mais nada depois do discurso emocionado – Eu não era amiga da sua mãe, mas tínhamos algumas aulas juntas. Algumas mães proibiram as filhas de falarem com ela. Achavam que a sua mãe era um mau exemplo.

- Ah, naquela época tudo era tido como mau exemplo! – Pamela riu alto – Achavam que ficaríamos grávidas por indução! E depois eles se casaram, não foi?

A essa altura, não falavam mais comigo. Enquanto Pamela e Sandra dividiam informações sobre meus pais, continuei a comer, cada vez com menos fome. Meu prato cheio era como um desafio

que jamais conseguiria ser vencido. Depois de vários minutos, Sandra finalmente se virou para mim de novo.

- Quantos irmãos você tem, Malena, querida? Porque até onde me lembro, seus pais tinham tido três filhos, e então nunca mais tive notícias deles.

- Somos em sete. – respondi, e as duas me olharam em absoluto choque.

- Sete? – Pamela repetiu, de queixo caído.

- E vocês todos vivem aqui? – Sandra perguntou, ainda surpresa. Fiz que sim - Aonde?

- Na Casa Azul.

Pausa. As duas se entreolharam por um longo momento, como geralmente acontecia toda vez que eu anunciava que morava no lugar mais assombrado da cidade.

Mas, pra minha surpresa, ninguém mudou de assunto, ou fez algum comentário sobre como o lugar era macabro, ou sobre todas as histórias que haviam ouvido sobre a casa enquanto crianças. Pamela me olhou com curiosidade e me lançou a pergunta que ninguém nunca tinha pensado em me fazer.

- E como é lá dentro?

Tive vontade de rir com a pergunta. Era tão inocente – quase infantil. Pensei numa resposta cabível por um minuto ou dois, enquanto brincava com a comida no prato.

- Bom, não tem nada de assustador lá dentro. Não agora, pelo menos.

Não agora que a última bruxa não existe mais, completei mentalmente. Mas ninguém precisava saber dessa parte.

- É verdade que ainda existe sangue seco no sótão? – Pamela parecia uma criança, com olhos brilhantes, perguntando acerca de uma história para um adulto. Chegava a ser cômico.

- Não. Eu durmo no sótão. Não tem nada lá.

- Você dorme no sótão? – Sandra surpreendeu-se novamente – E seus irmãos?

- Eu preferi ficar com o sótão. – expliquei, embora não houvesse nenhuma explicação verdadeira ou plausível do porque eu havia feito aquela escolha. Hoje, pra mim, soava como algo muito lógico – Não

havam quartos suficientes, e o sótão é bastante espaçoso. Virou um quarto bem confortável.

- Que estranho! – Pamela comentou, ao que Sandra concordou. Então ela fez a pergunta que iria arruinar toda a minha noite – E a história das bruxas?

Do meu lado, Sam engasgou com o vinho. O pedaço de carne que eu estava cortando escorregou e foi parar na mesa, fora do prato. Minhas mãos tremiam tanto que não consegui mais segurar os talheres. As luzes piscaram, e, com o canto do olho, vi a garrafa de vinho tremer, mas ninguém pareceu notar além de mim e Sam, que pôs a mão sobre a minha perna.

Fiz esforço pra me acalmar. Era eu quem estava causando aquilo? Como poderia?

- Que história? – perguntei, cuidadosamente. Reparei que, de repente, todos se mostravam extremamente interessados na história. Pamela principalmente. Lancei um olhar nervoso a Sam, mas ele não disse nada. A garrafa parou de tremer.

- Bom, você deve ter escutado. Uma das lendas é que moravam bruxas na casa, que juraram vingança, etc, etc. Algumas pessoas juram que elas deixaram coisas na casa. É verdade?

- Ahn... é... não tem nada lá. – menti, tão rápido que me surpreendi por ninguém ter desconfiado. As luzes vacilaram mais algumas vezes. Eu respirei fundo, e elas pararam.

- Nadinha?

- Não.

- Nenhum livro, nenhuma foto?

- Nada. A casa estava vazia quando nos mudamos.

- Que droga!

- São só lendas. – Sam disse, para meu alívio – Eu mesmo já estive lá algumas vezes, e garanto que não tem nada demais.

- Mesmo assim, aquela casa tem alguma coisa de ruim. – Sandra disse, distraidamente – Sabe, uma aura ruim. Eu não sei se conseguiria viver ali. Você é bastante corajosa, Malena.

Agradei com um sorriso, e rapidamente o assunto se foi. Pude me acalmar e tentar terminar meu jantar, apesar da revolução em que meu estômago havia se tornado. Já era tarde da noite quanto,

finalmente, Sam me trouxe de volta pra casa, sã e salva. Estávamos em silêncio no carro, ele dirigindo com seu olhar fixo nas ruas vazias, e eu encarando minhas mãos inquietas.

- Meus pais gostaram muito de você. – Sam comentou, num dado momento, quando já estávamos bem perto de casa. Eu fiz um muxoxo.

- Que bom.

- Eu te falei que ia dar tudo certo, não foi? Tirando o Jerry, que foi meio desagradável, todo mundo te achou...

- Como você consegue? – o interrompi, quase sufocada pela pergunta. Sam virou na minha rua e parou o carro na frente da Casa Azul antes de me responder.

- Consigo o quê?

- Fingir que não aconteceu nada! Ficar comigo depois de tudo! Olhar pra mim! Como você...?

A frase morreu no meio, porque eu não conseguia me expressar direito quando estava quase engasgando de vontade de chorar. Sam me encarou, mudo, por alguns segundos.

Eu estava com aquelas perguntas entaladas havia meses. Eu não duvidava do amor de Sam nem por um segundo, mas não conseguia entender como ele era possível. Eu havia matado a irmã dele! Havia destruído a sua família! Ele devia me odiar, pra dizer o mínimo.

- Lena, presta atenção... – ele bufou – Não foi fácil pra mim no início. Aceitar e perdoar, eu digo. Mas foi quando eu me lembrei direito daquela noite que eu percebi que não podia culpar você.

Acho que a minha cara de ponto de interrogação ficou bastante evidente, porque ele soltou o cinto de segurança e se virou pra mim, de modo a me encarar diretamente nos olhos.

- Foi a Megan quem me seqüestrou aquele dia. – ele continuou – A Kathi estava lá, mas foi ela quem me pegou. Foi ela quem me amarrou, e foi dela a idéia da fogueira. Ela teria me matado se precisasse, Lena. Ela não sentiu nenhuma compaixão, não pensou duas vezes, não questionou. Quem me salvou foi você. Então não me pergunte como eu consigo, ok? Eu seria burro se não conseguisse.

Eu já estava chorando antes mesmo de ele terminar de falar. Nos abraçamos e ficamos assim por alguns minutos, até eu ver a porta da frente ser aberta e meu pai aparecer na varanda, provavelmente se perguntando o que diabos eu estava fazendo naquele carro, na rua, às onze da noite. Dei boa noite a Sam e me preparei para descer, mas ele me segurou pelo braço. Somente pela expressão no seu rosto, já previ o que ele iria me dizer em seguida.

- Malena, você reparou no que aconteceu essa noite? – me perguntou, e percebi o quanto ele estava incomodado só pelo fato de ter dito meu nome ao invés de me chamar pelo apelido.

- O quê? – resolvi me fazer de desentendida. Claro que eu tinha percebido. Estava tão óbvio que eu não sabia como ninguém mais tinha prestado atenção. Mas aquela tinha sido uma noite difícil e eu não queria trazer mais problemas à tona.

- Quando Pamela te perguntou sobre as bruxas. Você se exaltou e...

Foi difícil ficar impassível, e mais difícil ainda mentir para Sam, mas fingi não fazer idéia do que ele estava falando. Fiz de conta que não tinha sido verdade, porque não podia ser. Não era. Era qualquer outra coisa, mas não podia ser aquilo.

- Ah, deixa pra lá. – ele murmurou. Nos despedimos e entrei correndo pra dentro de casa.

Indesejado

Tive uma noite inquieta. Não conseguia dormir. Não conseguia sequer fechar os olhos. Toda vez que virava pra um lado ou pro outro, a imagem daquela garrafa tremendo sobre a mesa me vinha à memória.

Aquele era, sem dúvida, o sinal pelo qual eu estava esperando. O sinal de que eu não era comum, afinal de contas. Mas agora que

estava ali, na minha cara, eu não queria me convencer, tampouco gostar daquilo enquanto realidade. Estava a todo custo tentando achar uma explicação decente e de preferência não-mágica para o episódio, como se estivesse de volta aos meus primeiros dias em Oxford e todo o pandemônio que minha magia recém descoberta e incontrolável estava causando à minha volta.

Eu estava apavorada como havia estado naquele dia em que acidentalmente explodi a porta de vidro do restaurante. Apavorada porque já estava começando a me habituar com a idéia de não ter mais poderes, e agora eles estavam ali de novo. Apavorada principalmente porque, se meus poderes estavam de volta, o que aquilo significaria exatamente?

Meu feitiço naquela fatídica noite podia não ter sido cem por cento específico, mas foi totalmente claro, pra mim, para os presentes e, tenho certeza, para o Senhor das Almas. Ele poderia tirar minha magia ou me matar ou fazer qualquer coisa desde que matasse aquelas duas. Ele escolheu tirar minha magia. Ok. Eu podia viver com isso. Estava vivendo com isso. Era o preço que eu tinha escolhido pagar. Mas se eu não tinha perdido de fato minha magia... bom, isso significava que o feitiço tinha sido menos eficaz?

Ou simplesmente que não havia funcionado?

A mera idéia de que minhas duas irmãs de alma ainda poderiam estar vivas me encheu de arrepios e ânsia de vômito. Se antes elas queriam se vingar, imagine agora, se estivessem vivas. Mas havia qualquer possibilidade de elas estarem vivas de fato?

Não. Eu saberia. Elas não teriam demorado a vir me buscar.

Então o que era?

Levantei, porque não conseguia mais ficar deitada. Eu estava molhada de suor, e mesmo a cálida claridade da lua entrando pela janela já estava me incomodando. Andei pelo sótão escuro, pensando. Como havia sido da primeira vez mesmo, quando eu descobrira que era bruxa? Parecia que já fazia tanto tempo. Como um sonho distante, borrado, uma lembrança meio perdida.

Impaciente, respirei fundo e resolvi tentar. Estiquei o braço em direção ao espelho de Dorothei, e me concentrei. Tentei sentir a magia correndo pelas minhas veias, me fazendo cócegas por dentro,

mas não consegui. Movimentei a mão, como costumava fazer, esperando obter qualquer resultado. O espelho não se mexeu. Sequer deu uma tremidinha.

Bufei de frustração, e, de repente, uma dor lacinante me atingiu a cabeça. Como se houvessem um bilhão de sirenes tocando ao mesmo tempo dentro dos meus ouvidos, junto com cem facas sendo atiradas simultaneamente na minha cabeça. A dor foi tão forte que caí ajoelhada em frente à cama, mãos cobrindo as orelhas, chorando de uma dor que eu não sabia de onde vinha.

E então, tão rapidamente como havia surgido, ela se foi, me inundando numa onda de alívio e cansaço que me fez imediatamente deitar e adormecer.

Nada mais aconteceu durante aquela semana. Sam não tocou mais no assunto da garrafa trêmula, e eu fingi que não tinha acontecido. Também não comentei sobre a forte dor de cabeça que me acometera naquela madrugada. Não estava preocupada em saber de onde viera – só queria que nunca mais acontecesse.

Contudo, se antes meu problema para dormir eram os malditos pesadelos, agora era a insônia que me mantinha acordada. Durante todas as noites ao longo daquela semana, dormi umas duas horas, às vezes menos. Ao final da semana, já estava tão exausta, e ao mesmo tempo acostumada, que nem me preocupava mais em tentar dormir durante o dia, ou em deitar na expectativa de uma noite melhor.

Quando a sexta-feira chegou, depois de tomar uma caneca de chá calmante e deitar e rolar durante duas horas, cansei de ficar na cama. Precisava fazer alguma coisa, ou ficaria louca. Meus olhos foram quase que de imediato em direção ao velho baú sujo e empoeirado das irmãs von Evans; baú onde eu não mexia havia meses.

A tentação foi grande demais pra que eu resistisse. Me arrastei em direção ao baú e passei por todos os imensos cadernos com capa de couro, pesados e escritos à mão. O velho livro de poções, o imenso “catálogo” de feitiços, os diários. Decidi começar por eles.

Peguei o maior, de Jane von Evans, ainda que a lembrança dela me desse nojo e ódio. Nunca tinha tido a curiosidade de realmente ler o que tinha escrito ali, mas agora que tinha paciência e, definitivamente, tempo para tal, me parecia um bom passatempo. Levei-o até a minha cama, acendi meu abajur de panda e comecei a ler.

Não havia nada de interessante nas primeiras páginas. Apenas algumas anotações sobre uma longa caminhada que as irmãs estavam fazendo, e como Jane detestava ter de cuidar de todas as irmãs pequenas. Reparei que quase não havia menções aos pais, tal como nas memórias de Dorothei – era como se eles sequer existissem. Aparentemente, Jane tinha sido pai e mãe daquela família, ainda que tivesse sido uma vaca traidora.

Parei e reli uma passagem. Estava sem data, uma anotação jogada ocupando uma página inteira. Ela não fazia sentido nenhum para mim, mas parecia ser bastante importante para Jane, já que estava sublinhada várias vezes.

Sangue mágico rompido pode abrir o portal.

Do que será que ela estava falando? Mordi o lábio, pensativa, e decidi marcar aquela página com um clip. O fiz cuidadosamente, com medo que a página velha e sensível rasgasse mesmo com a pressão mais suave. Então avancei pelo livro.

Jane reclamava muito. Reclamava do comportamento de suas irmãs. Reclamava da temperatura, dos lugares onde passava, das pessoas. Reclamava da comida que comia e da vida que levava, e o tempo todo dizia que quando o Senhor das Almas reconhecesse o que estava fazendo por Ele, seria feita sua Senhora.

Lendo seu diário, a crueldade de Jane também se tornou mais evidente. Ela era fria, egoísta, calculista, e se divertia à custa do sofrimento alheio. Uma verdadeira psicopata. Em mais de uma passagem ela mencionava torturas ou joguinhos com pessoas por motivos fúteis - para saber como chegar ao próximo vilarejo ou pedir por um pedaço de pão. Ela dava detalhes tão explícitos em seu diário que parecia rever o momento em sua cabeça como num filme

em que ela poderia parar e rever quantas vezes quisesse, em câmera lenta. Seus filmes preferidos eram aqueles em que ela terminava matando algum humano inútil, ou destruindo suas casas por pura diversão. Era a coisa mais horrível que eu já tinha lido na vida.

Já passavam das quatro da manhã e eu ainda estava lendo. Decidi que já tinha tido o suficiente de terror por uma noite e coloquei o diário de lado. Voltei a me deitar e torci pra conseguir dormir. Não demorou muito para perceber que meus desejos não se tornariam reais.

Meu aniversário se aproximava rapidamente. Por mais que todos os dias e noites me parecessem iguais aos olhos exaustos, o calendário me dizia o contrário: dia 22 de fevereiro estava cada vez mais próximo. E eu estava absolutamente sem vontade de comemorar.

Isso não era comum, é claro. Aniversários na família Gordon sempre eram um grande acontecimento. Mesmo que fosse uma festinha só pra gente, tinha uma festinha. Era o dia em que o aniversariante podia escolher o que todo mundo ia comer, o que todo mundo ia vestir e o jeito como a casa ia ficar. Lembro que quando Adam comemorou 18 anos, ele quis que todos os seus amigos viessem só de roupa íntima, e o cardápio seria Doritos, refrigerante e cerveja. Foi o único aniversário do qual fui terminantemente proibida de participar.

Por essa grande tradição em torno das nossas celebrações de aniversário, uma semana antes, esse já era o assunto em pauta na mesa de jantar. Eu estava ocilando entre comer e tirar uma soneca em cima do prato quando Bryan me cutucou nas costelas e me tirou do transe.

- E ai, maninha, já sabe o que vai ser de aniversário?

Eu nem tinha pensado no assunto. Eu não sabia nem em que dia estávamos. Eu só queria dormir.

- Não, não pensei em nada ainda. – falei, com um bocejo. Minha mãe fez cara feia.

- Ponha a mão na boca quando bocejar, Malena. – me repreendeu
– Que sono é esse, menina? Não está dormindo à noite?

Não, não estava. Mas não queria preocupar minha mãe com um assunto que ela não poderia resolver. Dei de ombros, como se não soubesse o que havia de errado.

- E como assim você não pensou em nada ainda? – Bryan continuou, se servindo de um pouco de suco – É o seu primeiro aniversário em Oxford. Tem que ser legal.

- Aceito sugestões.

- Você podia fazer uma festa tipo dark aqui em casa. – Freddy sugeriu – Se aproveitar do status de casa mal assombrada.

- Não. – estremei, mas não acho que ninguém tenha reparado – Não mesmo.

- Eu já decidi o que eu quero pro meu aniversário! – Colin se intrometeu – Alguém quer ouvir?

- Não! – Freddy deu um tapa na cabeça dele, ocasionando uma leve guerra de tapões até que a minha mãe ameaçou atirar a tigela de salada na cabeça dos dois.

- Seu aniversário é só daqui a um mês, Colin. E você vai ter que se entender com o Adam. Pensei em fazer uma festa só esse ano. – minha mãe disse, quando os dois se acalmaram. Colin olhou pra ela, ofendido.

- Por quê? O Adam é um babaca! Ano passado a gente comeu sushi durante um dia inteiro por causa dele!

- Babaca é você que fez todo mundo aguentar seus amigos jogando Super Mario a noite toda! – Adam retrucou, atirando uma bolinha de guardanapo sujo no meu outro irmão. Minha mãe olhou feio.

- Vamos fazer o aniversário dos dois juntos porque é mais barato e ponto final.

Nenhum dos dois disse mais nada, mas tive a impressão de que Colin não havia dado a discussão por terminada. Ele podia ser extremamente chato quando queria.

- Eu acho que a Malena tinha que fazer uma noite de strip poker com algumas amigas dela. E eu, claro. – Freddy soltou, fazendo

todos, inclusive eu, gargalharem. Meu pai lhe deu um merecido tapa no pescoço pela sugestão.

- Eu vou pensar em alguma coisa. Quem sabe eu faça vocês comerem pão com marshmallow tomando coca-cola sem gás de novo. – brinquei, me referindo ao meu aniversário de doze anos, quando fizemos uma competição em família no meu aniversário que consistia em, basicamente, eu vencer todos os desafios e todo mundo fazer o que eu queria. No fim da noite, minha mãe quase foi parar no hospital por causa da gastrite.

- Mas pense rápido, filha. – minha mãe pediu, com uma piscadela – Falta menos de uma semana.

Como se eu não soubesse.

Subi depois do jantar e fui direto pra cama. Eu precisava dormir a qualquer custo. Meu cérebro já não estava mais funcionando decentemente, e meu corpo logo, logo ia parar de me obedecer. Deitei com a roupa do corpo e afundei a cabeça no travesseiro. E, como que por um milagre, adormeci.

Amaldiçoei o alarme quando ele tocou. Eu ainda estava tão cansada! Exausta, para dizer a verdade. Continuei com os olhos fechados por mais dez minutos, antes que o alarme tornasse a soar e me fizesse levantar xingando.

Fui até o banheiro e milagrosamente não tive que pedir pra Eric sair pra que eu usasse o banheiro: ele se retirou voluntariamente e ainda me desejou bom dia. Estranhei, mas fechei a porta e escovei os dentes. Depois voltei, troquei de roupa e penteei os cabelos. Não sabia dizer o que, mas sentia que alguma coisa estava errada. Antes de deixar o sótão, olhei pra ver se não tinha esquecido nada para trás, mas não era isso o que estava me incomodando. Desci as escadas em direção à cozinha, e, quando cheguei lá, minha mãe estava preparando waffles com Nutella, meu café da manhã preferido. Quando ela me viu, abriu um sorriso monstro e veio me abraçar.

- Bom dia, aniversariante!

Eu primeiro aceitei o abraço e respirei fundo o aroma de waffles e Nutella que invadia a cozinha. Depois parei e pensei.

- Aniversariante?

Involuntariamente, larguei minha mãe como se tivesse levado um choque. Do que ela estava falando? Aniversariante? Meu aniversário era dali a cinco dias!

- Até onde eu me lembro, todos os anos, dia 22 de fevereiro, você faz aniversário! – minha mãe exclamou, rindo de mim – Esqueceu que dia é hoje?

Apavorada, fui até o calendário que ficava ao lado da geladeira, daqueles antigos, de arrancar páginas. 22 de fevereiro. Não era possível! Puxei o celular do bolso da calça e chequei a tela. 22 de fevereiro.

Como isso era possível? Como isso tinha acontecido? Eu tinha apagado por quase uma semana inteira?

A possibilidade mais tangível, eu sabia, não era aquela. Mas o mais provável era também o mais absurdo, porque ela não estava mais ali. Não tinha estado ali há meses. Ela tinha sumido, levada junto com toda a minha magia.

Me lembrei da garrafa tremendo sobre a mesa, das luzes piscando. Se havia uma chance, ainda que mínima, de a minha magia estar voltando, isso não poderia significar também que...

Não. Não, não, não.

- Senta pra comer, ou vai esfriar. – minha mãe me acordou dos meus próprios pensamentos, e me passou um prato lotado de waffles com muita Nutella. Mas, de repente, eu tinha perdido a vontade de comê-los.

Me sentei e peguei pequenos pedaços de waffle com as mãos, fazendo uma grande sujeira. Nem o gosto maravilhoso conseguia tirar o amargo que havia tomado conta da minha boca. Nem meu prato preferido tinha a habilidade de abrir espaço no meu estômago, que de repente havia encolhido até ficar do tamanho de uma bola de gude. Enfiei alguns pedaços goela abaixo, mas depois pedi pra minha mãe empacotar tudo para eu comer na hora do almoço. Eu estava totalmente sem fome.

Freddy e Eric desceram e me deram um duplo abraço de urso, que quase quebrou minhas costelas. Depois reclamaram que eu tinha comido todo o waffle, e que eu ia morrer gorda e solitária por isso.

Não me importei. No momento, estava mais preocupada com a possibilidade de o meu corpo ter sido comandado por uma bruxa sem escrúpulos durante cinco dias. Isso sim era urgente.

Fui pra escola a passos apressados, largando meus irmãos para trás. Só havia uma pessoa com quem eu queria, com quem eu podia conversar. Então imaginei tudo o que ela poderia ter feito no meu lugar, quantas coisas horríveis não havia aprontado, quantas pessoas não teria ofendido. Será que ela havia conseguido destruir minha vida naqueles poucos dias? Mais importante, será que Sam tinha conseguido perceber a diferença?

Queria mais que tudo ir diretamente até Sam, que estava conversando com Jay perto da entrada do nosso prédio, mas mal tinha atravessado o estacionamento e já fui surpreendida com um abraço que me levantou do chão. Era Patrick.

- Parabéns! – ele disse, e me surpreendi com uma demonstração de carinho tão grande da parte dele – Muitas felicidades, blá, blá, blá. Você já deve ter ouvido isso em algum lugar.

- É, acho que já. – brinquei, confusa. Logo atrás dele, vinham Ned e a insuportável Liu.

- Parabéns, Malena. – Liu me deu um abraço que mal me tocou e um beijo sem graça no rosto – Seja muito feliz.

- Obrigada. – respondi, meio enojada. Ela não parecia nem um pouco sincera.

- Feliz aniversário, Malena! – Ned foi mais caloroso e me deu um longo abraço – Te entrego seu presente hoje à noite. Prometo que não é um livro de matemática!

Hoje à noite? Quis perguntar do que ele estava falando, mas se tinha uma coisa que eu havia aprendido sobre essas situações era não sair distribuindo perguntas sobre o que havia acontecido, ou passaria por louca. Ainda estava pensando nisso quando Yara veio e me deu um longo abraço apertado.

- Parabéns, parabéns, parabéns! – eu ri, porque sua voz foi ficando mais e mais aguda até terminar num silvo doído – Que Deus te proteja, e te dê muitos anos de alegria, viu?

- Amém, Yara!

- Olha só... – ela me soltou e me olhou meio sem graça – Juro que estou fazendo de tudo pro meu pai me deixar ir na sua festa. Acho que ele se convenceu um pouco mais porque a sua mãe ligou ontem. Obrigada por isso, aliás.

- De nada...

- De qualquer maneira, caso eu não vá, seu presente está aqui. – ela abriu a mochila e me estendeu um pacote azul turquesa.

- Não precisava, sabia?

- Eu sei, mas quis mesmo assim. Só não abra na minha frente, ok?

- Combinado.

Ela olhou pra trás, e abriu um sorriso enorme.

- Bom, vou pra aula. Te encontro lá.

Concordei, e assim que ela se foi, vi Sam vindo na minha direção. Ele não estava sorrindo, mas também não estava sério. Seu rosto não apresentava nenhum tipo de expressão que eu pudesse definir. Ele se aproximou e me deu um abraço seco, sem sequer me dar um beijo antes.

- Parabéns, amor. – ele disse, e na hora eu soube que ele havia notado que algo estava errado. Imediatamente, o abracei com toda a minha força.

- Sou eu, Sam. Sou eu, eu juro! – sussurrei no ouvido dele, e comecei a chorar. O corpo dele endureceu de repente, mas depois ele também me abraçou com força, beijando meus ombros, meus cabelos, meu rosto e minha boca repetidas vezes. Quando o olhei, percebi o quanto ele devia estar preocupado.

- Lena, eu sabia que não era você! Eu tinha certeza, certeza absoluta! Ela tentou e todo mundo acreditou, mas eu sabia que não era você!

- Eu te amo, sabia?

- Eu também amo você, Malena Gördon. Tanto que você nem sabe.

Enterrei meus lábios nos dele e me perdi no gosto da sua boca por um breve minuto. Eu estava até sem ar, mas pelo menos tinha parado de chorar. Queria ficar ali com ele, mas o sinal tocou, anunciando o fim do nosso tempo livre. Olhei séria pra Sam.

- Na hora do almoço a gente conversa.

Ele piscou em concordância.

Depois de duas aulas extremamente longas, e umas dez confirmações de presença numa festa que eu não sabia que iria acontecer naquela noite, a hora do almoço finalmente chegou. Eu já estava exausta de tanto fingir pra todo mundo que fazia a mínima ideia do que estava acontecendo ou do que elas estavam falando. Era estressante.

A passos rápidos, desci as escadas do prédio e procurei por Sam entre os estudantes. O encontrei ao lado de Jay perto da cafeteria. Quando me viu, falou qualquer coisa pro amigo e veio em minha direção com um ar de preocupação no rosto.

- Vamos até a quadra? – sugeri, e ele simplesmente fez que sim e me acompanhou.

Caminhamos de mãos dadas e no mais profundo silêncio até a quadra coberta. Nos sentamos na arquibancada, e antes mesmo de conseguir dizer alguma coisa, já estava com vontade de chorar. Me sentia mais exposta e vulnerável do que nunca. Mas tentei me manter o mais firme possível.

- O que aconteceu nesses últimos dias? – perguntei, com a voz trêmula. Sam bufou e pensou um pouco.

- Não sei dizer direito. Não estive com você o tempo todo, porque achei que tinha alguma coisa errada. – contou – Você chegou um dia, e parecia muito feliz. Muito feliz de verdade, sabe? Então você me agarrou com toda a vontade na frente da escola inteira, e foi quando eu soube que tinha alguma coisa errada.

Realmente, nada parecido comigo. Pelo menos Sam sabia a diferença.

- Eu te acompanhei o dia todo na escola, mas você continuava esquisita. Falava de um jeito diferente. Não sei explicar. No dia seguinte, fingi que tinha que estudar pra me livrar de você, e você nem se importou. E cada dia era uma surpresa diferente, e então você chegou com a história da festa e...

- Que história da festa? – interrompi, subitamente. Aquilo estava me matando.

- Sua festa de aniversário. – Sam explicou – Você convidou a escola inteira pra uma super festa na sua casa. E quando digo a escola inteira, estou falando sério. É o assunto da semana.

- Meu Senhor! – escondi o rosto nas mãos, imaginando como seria aquilo. Como minha mãe havia concordado com a idéia era uma pergunta que eu nunca poderia responder.

- Lena, o que foi que aconteceu? De verdade.

Olhei pra Sam com apreensão. Como eu poderia explicar pra ele? Como poderia colocar aquilo em palavras de uma maneira que não soasse como se eu fosse completamente maluca?

Eu esperava nunca ter que dizer nada pra ele sobre esse meu lado. Eu nunca havia entrado em detalhes sobre isso com ele. Mas, pelo andar das coisas naquele momento, parecia ser minha única alternativa. Ele precisava saber, para não se deixar enganar.

- Você se lembra no dia do Baile de Inverno, quando te contei a história toda do que tinha acontecido?

- Lembro.

- Lembra que eu disse que tive que “dividir” meu corpo com a minha ancestral bruxa?

- Sim. Dora, ou sei lá o nome dela.

- Dorothei. – um arrepio me percorreu a espinha só de dizer o nome dela. Suspirei – Quando eu disse que dividi o corpo com ela, estava falando sério. Aqui... – e apontei minha cabeça – Éramos nós duas.

- Tipo uma segunda personalidade? – Sam franziu o cenho. Eu tinha certeza absoluta que ele estava me tomando por maluca, mas era a única explicação que eu podia dar.

- Tipo isso. Só que o tempo todo. Ela estava dentro de mim, como uma segunda consciência que rebatia tudo o que eu pensava. Não sei explicar. – adicionei, frustrada, porque estava complicando ao invés de clarear as coisas – O importante é que, às vezes, ela assumia o controle.

- Controle de quê?

- De mim. Ela tomava meu corpo de mim. Mas nunca por tanto tempo.

Sam ficou mudo. Meu coração batia acelerado, e eu tremia. Ele não me olhou, nem disse nada por um longo tempo, encarando o vazio, com o rosto sério.

- Você deve achar que eu pirei. – murmurei, pra quebrar o silêncio. Sam me olhou e tentou sorrir, mas não deu muito certo.

- Depois de tudo o que eu já vi, eu jamais poderia pensar isso, Malena.

Consegui sorrir, agradecida por pelo menos ele acreditar em mim. Pra minha alegria, Sam soltou um suspiro pesado e envolveu minhas mãos nas dele.

- E como nos livramos dessa bruxa?

Mordi o lábio, porque aquela era a pior parte. Sabia que, se ela estava ali, então não tinha mais volta.

- Nós não nos livramos dela. – respondi, lentamente – Ela é parte de mim. Não posso simplesmente removê-la.

O sinal tocou, e eu fiz menção de me levantar para voltar pra classe. Sam me deteve segurando meu braço, seu olhar mais uma vez sério.

- Ela estava ai com você esse tempo todo? – perguntou.

- Não nos últimos meses. Achei que tivesse sumido.

- E se ela está de volta... bom, o que isso quer dizer?

Novamente, estremei. Aquela era a pergunta que não queria calar, mas para a qual eu não tinha resposta. Então eu apenas dei de ombros e puxei Sam de volta pra aula comigo.

Onde Há Fumaça

Quando cheguei em casa, a primeira coisa que eu fiz foi jogar as coisas sobre a cama e me colocar diante do espelho de Dorothei.

Ele estava perfeitamente igual. A mesma rachadura no meio, as bordas gastas, as manchas. Uma camada adicional de poeira tinha se juntado nos últimos meses. Mas, quando me olhei nele, tomei um susto; não havia sinal do belo rosto maligno de Dorothei. Era quase como se nada houvesse mudado.

Porém, metade do meu reflexo não estava lá também. Metade do espelho refletia minha pele translúcida, meus cabelos louro-água bagunçados e meus olhos violeta escancarados de surpresa. Mas na outra metade, não havia nada. O espelho refletia o que estava atrás de mim, como se eu fosse invisível, mas não estava me refletindo.

Não soube como interpretar isso. Então apenas baixei o espelho, frustrada. Bufei, fechei os olhos, e me concentrei.

Eu sei que você está aí, pensei, franzindo as sobrancelhas. Por que você não aparece, Dorothei?

Esperei, mas nada aconteceu. Nenhuma dor, nenhum eco, nenhuma voz. Mas eu sabia que ela estava ali. Era a única explicação possível pro que tinha acontecido. Ou isso, ou admitir de vez que eu *tinha* dupla personalidade.

O que, definitivamente, não era opção.

Dorothei, eu não posso te fazer mal, lembra? Então apareça. Não me deixe achar que estou enlouquecendo, por favor.

De novo, nada. Bruxa idiota. Não podia simplesmente aparecer, já que estava tentando tomar o meu lugar?

Olhei pro espelho, pensativa. Uma idéia me ocorreu, e eu tentei afastá-la, mas era uma esperança muito forte pra que fosse simplesmente ignorada. Se Dorothei estava de volta, então será que isso queria dizer que...

Movimentei meu braço, sem tocar no espelho, como se fosse levantá-lo. Imediatamente, o espelho me obedeceu e se ergueu no ar.

Boquiaberta, mantive o espelho no ar por mais alguns segundos. Então o balancei no ar, de um lado para o outro, testando até onde ia aquele milagre. Mesmo em choque, mantive a magia por mais um

minuto inteiro, antes de colocá-lo novamente no chão e olhar para as minhas próprias mãos, como se elas fossem alienígenas.

Meu cérebro estava a todo vapor agora. Me coloquei de pé no meio do sótão, olhando pros lados, procurando minha próxima vítima. Levantei minha mochila, ainda cheia com os materiais da escola, meu abajur em formato de panda, meus travesseiros. Colocava as coisas no ar, olhava para elas totalmente maravilhada, e passava para o próximo item à minha vista. Era como um sonho se tornando real. Então parei, em frente à minha estante.

Até onde será que ia?

Me concentrei e estiquei os braços em direção à estante. Respirei fundo e puxei todos os livros de uma vez, arrancando-os da estante, fazendo-os pairar no ar.

- O que você está fazendo?

Tomei um susto, e todos os livros desabaram no chão ao mesmo tempo, causando um estrondo alto o suficiente para assustar a cidade inteira. Olhei para trás, mas ela apenas Toy, me encarando com seus grandes olhos amarelos.

- Você quase me matou do coração! – exclamei, com o coração batendo a mil por hora. Mas eu estava feliz de mais para brigar com ele, então soltei uma risada que estava presa desde que havia conseguido colocar o espelho no ar – Toy, você viu isso?

- Vi e ouvi. – ele respondeu, entediado, lambendo a pata – Eu te falei que você não havia perdido seus poderes.

- Não é maravilhoso?

- Dorothe também acha.

Minha alegria instantaneamente murchou. Dorothe. Sempre Dorothe.

- Ela não está me respondendo. Não consigo falar com ela. – falei, me sentando no chão, ao lado da imensa pilha de livros.

- Talvez ela não esteja ai pra te responder. – Toy sugeriu – Ela passou cinco dias te suprimindo na sua própria mente, Malena. Deve estar exausta.

- Espero que ela me consulte antes de fazer isso de novo. – afirmei, emburrada, mais para mim mesma (e conseqüentemente para Dorothe) que para Toy.

- Ela não foi tão ruim. Até providenciou uma festa de aniversário para você.

- Ela agarrou Sam.

- Com o *seu* corpo. Então, tecnicamente, você agarrou Sam.

- Você está do lado de quem afinal? – reclamei, e comecei a mandar livro por livro de volta para a estante. Toy miou alto.

- Estou do lado das duas. E talvez você não tenha notado, mas vocês estão exatamente do mesmo lado.

Ponderei aquilo por um momento. Talvez – e só admitia aquilo porque Toy era mesmo um bom conselheiro quando queria ser – ele estivesse com a razão, e Dorothi não fosse minha inimiga. Não poderia ser, certo? Ela estava comigo nessa, e em todas as outras. Era parte de mim. Nós convivíamos, de uma forma ou de outra.

Terminei de colocar todos os livros na estante, e resolvi me deitar um pouco. Dentro de algumas horas, eu tinha uma enorme festa de aniversário para enfrentar, e só o destino sabia que absurdos me aguardavam. Eu precisaria estar, no mínimo, descansada.

Levantei às seis e meia e comi alguma coisa. Quando procurei por meus pais ou meus irmãos, encontrei meu pai, Adam e Dylan na frente de casa, empilhando toras e toras de madeira. Meu coração estremeceu e eu gelei, e sai correndo pro lado de fora.

- O que vocês estão fazendo? – perguntei, tentando não soar assustada. Dylan sorriu pra mim e apertou minha bochecha com uma mão suja.

- Recolhendo a madeira pra fogueira. – respondeu, e, como se quisesse provar o que estava dizendo, atirou mais uma tora de madeira pra pilha.

Do que eles estavam falando? Que fogueira? Eu não me lembrava de ter pedido uma fogueira!

Claro que não, pensei, imediatamente. Eu não tinha nem pedido uma festa. Aquilo era arte de Dorothi, uma artimanha dela, me mandando um sinal. Uma fogueira na frente da minha casa, como da última vez. O que aquela infeliz estava tentando me dizer?

Agora, infelizmente, era muito tarde para cancelar os planos da festa com fogueira. Afinal, para todo mundo, eu tinha pedido aquilo,

e seria minimamente estranho resolver desfazer tudo de última hora. Tinha de deixar como estava. Tentei esquecer o assunto e voltei pra dentro de casa.

Tomei banho, e me coloquei diante do guarda-roupa, no duro dilema de ter que escolher uma roupa pra vestir. Bufeí. Minha última festa de aniversário grande tinha sido aos dez anos de idade, e minha mãe ainda escolhia minhas roupas na época. O que eu deveria vestir?

Estava frio, então resolvi que usaria alguma coisa quente. Botas. Peguei um par de botas de cano médio, de couro, sem salto, que estava esquecido no meu armário. Uma calça jeans justa e escura iria bem. Mas o que mais?

De relance, olhei pra cama, e vi o pacote que Yara havia me dado ainda fechado, jogado junto da minha mochila. Tinha me esquecido completamente. Com um breve movimento de braço, o pacote pulou da cama para as minhas mãos, e eu o desembrulhei, revelando uma maravilhosa blusa de crochê num tom de azul-arroxeadado impressionantemente parecido com o dos meus olhos. Fiquei maravilhada. Resolvi vesti-la para a festa.

Demorei quase uma hora e meia para me arrumar depois disso. Tentei fazer alguma coisa com o meu cabelo, mas não parecia haver magia que funcionasse contra a sua lisura excessiva. Tentei me maquiar com um pouco mais de ousadia, mas qualquer coisa a mais no meu rosto fazia com que eu parecesse um palhaço. Lavei o rosto tantas vezes que estava começando a irritar a pele, então decidi deixar como estava, natural e albina. No fim das contas, apenas adicionei um par de brincos ao visual e descí.

A fogueira já estava acesa quando cheguei ao lado de fora, e não teve como não me sentir hipnotizada, e ao mesmo tempo apavorada com o fogo crepitando em frente à minha casa. Eu quase podia rever o pior momento da minha vida como se estivesse acontecendo de novo, bem diante dos meus olhos. O desespero, o medo, os olhos de Sam, as chamas, Kathi, Megan. Morte.

- Parabéns, Malena!

Tomei um susto, e por pouco não gritei, quando Hellen Nelson me cutucou e soltou seu parabéns num gritinho estridente. Ela e sua

irmã gêmea, Halley, eram as primeiras a chegar. As duas me deram um abraço ao mesmo tempo, e me entregaram um embrulhinho minúsculo.

- Você está linda! – Halley elogiou, com seu típico sorriso de orelha a orelha.

- Adorei essa blusa! – Hellen emendou, puxando minha blusa nova com pouco cuidado. Tive vontade de pedir pra ela tirar a mão, mas me contive.

- Obrigada. Yara quem me deu. – respondi. Mas elas já não estavam mais prestando atenção. Estavam mirando a fogueira e, principalmente, a casa.

- Sabe, essa é a primeira vez que nós chegamos perto dessa casa! – Hellen contou, seus olhos brilhando. Halley parecia igualmente perdida em admiração.

- Tem fantasmas ai dentro?

- Demônios?

- Duendes?

- Bruxas?

- Não tem nada ai dentro. – me apressei em responder, porque elas estavam me enlouquecendo – A casa *não* é mal assombrada.

- Olhando assim, bem que parece. – Halley fingiu um arrepio, e ela e Hellen riram. Tentei rir junto, mas o fingimento morreu na garganta.

- E onde estão seus irmãos gatos? – Hellen perguntou, felizmente já deixando o assunto Casa Azul de lado.

- Por aí. – falei, com alívio. Antes que eu pudesse mandá-las procurar por eles, já tinha mais gente chegando.

Na hora seguinte, a única coisa que eu fiz foi recepcionar pessoas. Apesar de ser meio da semana, e de termos aula no dia seguinte, a OSD inteira parecia estar ali. Sam chegou quando já não aguentava mais sorrir e agradecer pelos votos de felicidade, mas não tive tempo de lhe dar atenção, pois mais e mais gente chegava a todo momento.

Num dado ponto da noite, as pessoas pararam de chegar, mas parecia que toda a cidade de Oxford estava reunida em frente à minha casa. Enquanto procurava por Sam, passei por Eric,

discretamente enroscado com Hellen, e por Bryan, não tão discretamente fugindo a todo custo de Halley. Adam entrou em casa, seguido por minha mãe e Yara. Liu circulava a fogueira com os olhos grudados no fogo, enquanto Ned batia papo com Jay. E então, finalmente, trombei com o meu namorado.

- Até que enfim eu te encontrei! – suspirei de alívio, abraçando-o pela cintura. Sam riu e beijou o topo da minha cabeça.

- Até que enfim a senhorita tem um tempo pra mim!

- Olha só o que Dorothei me arranjou! – olhei em volta, sem o menor ânimo. Eu não era uma pessoa festeira. Ficaria muito mais feliz se minha festa de aniversário tivesse seis convidados bem escolhidos, ao invés da cidade toda.

- A fogueira foi bastante desnecessária.

- Muito.

- Quer fugir daqui?

Olhei para cima, pro fundo dos seus olhos maravilhosamente verdes, e ele sorriu de um jeito tão íntimo que não consegui segurar um sorriso em retorno. Não disse nada; apenas balancei a cabeça afirmativamente, e peguei na sua mão enquanto ele me levava por entre as pessoas que conversavam, riam e se divertiam, sem lembrar da existência de uma aniversariante.

Demos a volta na casa até os fundos, onde não havia ninguém. Sam se sentou na grama, e me sentei ao lado dele. Ele passou um braço pelos meus ombros e me puxou mais pra perto, e por um tempo, apenas senti o cheiro dele, misturado ao cheiro de grama e à fumaça que pairava no ar por causa da fogueira. Então ele me beijou.

Começou como um beijo normal. Passei a mão pelo rosto dele, e brinquei com seus fios de cabelo. Sam me puxou mais pra perto, e eu me virei, passando as pernas por cima das suas, me sentando no seu colo. Ele me beijou com mais intensidade, e eu devolvi. Senti uma mão afagando perigosamente minha nuca, me causando arrepios, e a outra tentada a se aventurar por debaixo da minha blusa. Enquanto parte de mim se assustava pela velocidade com que aquilo estava acontecendo, outra parte me dizia que ainda não estava rápido o suficiente, e senti meus dedos involuntariamente se

agarrando à gola da sua camiseta, como se quisessem tirá-la. *Eu* queria tirá-la.

E então veio um barulho abafado de explosão, seguido de muitos gritos altos, desesperados. Paramos na hora, a pulsação acelerada, meu rosto quente, os cabelos bagunçados. Foi quando vi as chamas.

Eu não deveria estar vendo chama nenhuma, pensei, mas elas estavam ali, numa altura totalmente absurda. As chamas estavam no teto. As chamas *vinham* do teto, percebi, e me coloquei de pé o mais rapidamente que pude. Eu conseguia ouvir os gritos apavorados, e o fogo se alastrou pela madeira do telhado como se fosse mato seco, dominando todo o andar de cima.

- Malena, a gente tem que sair daqui. – ouvi Sam dizendo, mas não conseguia escutar de fato. Meus olhos estavam concentrados numa única coisa: minha casa estava pegando fogo.

Senti Sam me puxando, e corremos pelo lado de fora de volta pra frente da casa. O fogo já tinha dominado quase tudo ali, numa horrível cena de filme de terror. Aquele monte de gente reunida tinha desaparecido, e muitos ainda corriam por suas vidas. Vi Sam puxando o celular e discando rapidamente um número, se virando pra falar, mas não consegui escutar o que ele dizia. Estava travada.

Então me lembrei. Mamãe, Adam, Yara, entrando. E se eles ainda estivessem lá dentro? E se tivesse *qualquer um* lá dentro?

Não pensei duas vezes e corri em direção à casa, apesar de Sam ter gritado pra eu ficar. Não dei ouvidos. A possibilidade de alguém estar lá dentro me moveu mais e mais rápido, e nem cogitei a chance de ficar presa e eu mesma morrer. Quando cheguei perto do ardor intenso do fogo, tentei me lembrar de algum feitiço – qualquer feitiço – que me ajudasse, e implorei mentalmente a Dorothea por ajuda. Aquilo tudo era culpa dela, por ter tido a idéia imbecil da fogueira, em primeiro lugar. Ela precisava me ajudar agora.

Uni todas as minhas forças para explodir a porta em chamas. Não havia lugar pra pisar que não estivesse totalmente dominado pelo fogo. Gritei alto:

- Tem alguém ai dentro?

Sem resposta, apenas o crepitar.

- Malena!

Olhei para trás. Era Toy, a uma distância segura.

- Dê a volta. Adam está lá dentro, ele e Yara. – me falou, com urgência. Me apavorei.

- E minha mãe?

- Ela saiu, mas você tem que andar logo! Os dois estão lá em cima!

Em cima? O que eles estavam fazendo lá? E pior, como diabos eu ia chegar ao andar de cima?

Dei a volta. O fogo ainda não tinha se alastrado totalmente, e ainda tinha acesso pela área de serviço, que dava pra cozinha, e então para a escada alternativa pro andar superior. Era isso. Corri contra o tempo, contra as minhas próprias forças, inalando tanta fumaça que não conseguia segurar o ar por mais de um segundo antes de começar a tossir. A subida foi penosa e dolorida. Quando cheguei, vi Adam em meio ao fogo, com uma Yara desmaiada apoiada em seus ombros, e muita, muita fumaça.

- Malena, o que você tá fazendo aqui dentro? – Adam gritou, entre tossidos. Olhei à minha volta, tentando achar uma rota de fuga.

- Vem por aqui. – berrei de volta – Dá pra sair pela cozinha.

Eu tossia e lacrimejava, sentindo o ar me fugir dos pulmões à medida que a fumaça entrava. Minha visão estava embaralhada, eu me sentia tonta, mas não podia desistir agora que tinha chegado ali. Vi Adam se esforçar pra carregar o peso de Yara além do seu próprio, e assim que chegou perto o suficiente, tentei ajudá-lo colocando o outro braço de Yara sobre os meus ombros.

Mas, quando abri a porta pra escada de serviço, fomos recebidos por uma enorme labareda que se alastrava escada acima. Estaquei. Como iríamos sair dali agora que a única alternativa não existia mais?

Tentei lembrar de algum feitiço, mas não conseguia pensar em nada com clareza. Minha mente estava nublada, como minha visão, cada vez mais turva. Eu sentia minhas pernas fraquejarem, e minha respiração ficar cada vez mais ofegante, cada vez mais dolorida. Olhei ao redor, pra minha casa em chamas, pro meu irmão tentando se manter firme, pra minha melhor amiga desmaiada. Eu não podia

morrer daquela forma *de novo*, de volta à fogueira. E definitivamente não podia deixar que eles morressem daquele jeito.

Então talvez eu tivesse que criar um feitiço próprio. Eu já tinha feito isso antes, naquele dia, após o baile. Tinha criado um feitiço e salvado Sam. Eu podia fazer isso de novo.

Droga, era tão difícil pensar. O que todos os feitiços que eu sabia tinham em comum? Todos eram uma prece em nome do Senhor das Almas, claro. E todos tinham...

Todos tinham uma rima.

Ia ser extremamente forçado. E totalmente impensado, e com certeza o pior feitiço e pior prece que qualquer bruxa já havia feito. Mas eu não tinha mais escolha.

- Senhor das Almas, a ti venho de novo. – murmurei, na minha própria língua, ignorando o latim que era geralmente usado nos feitiços – Para o bem desta tua serva, faz-nos capaz de atravessar o fogo.

Eu estava estendendo o feitiço para não-bruxos. Não sabia se isso era permitido, nem se o Senhor das Almas aceitaria aquela prece em nome de mim, Adam e Yara, ou se me salvaria e queimaria os outros dois. Mas eu precisava tentar. Então tentei respirar – o que só serviu pra me causar um enorme acesso de tosse – e andei em direção às chamas.

Escutei Adam gritar meu nome em desespero. Escutei as chamas crepitando, e, por um instante, acreditei que fosse morrer queimada. Mas continuei andando, e não senti nada. Absolutamente nada. E, quando olhei para o lado, vi que Adam e Yara também estavam intactos; e que meu irmão, apesar de aparentar completa descrença, estava caminhando o mais firmemente possível.

Descemos as escadas sem sermos atingidos pelas chamas, e saímos pelos fundos da casa. Tão logo estávamos do lado de fora, tropeçamos e caímos no chão, um sobre os outros, e todos sobre mim. Apaguei imediatamente.

Tudo estava meio borrado quando tornei a abrir os olhos, como se eu tentasse enxergar debaixo d'água.

A primeira coisa que eu percebi é que estava claro. Não claro do tipo “sua casa está em chamas”, como deveria estar, mas claro do tipo um enorme branco que se estendia pelo infinito. Me perguntei se havia a menor possibilidade de eu estar morta, de nada ter dado certo, e – estremei ao pensar nisso – de Adam e Yara estarem mortos também. Aquilo me deixou tão apavorada que procurei me mexer pra verificar se estava viva e inteira.

Lentamente, comecei a sentir meus músculos. A visão ainda estava embaçada, mas eu tinha certeza absoluta que todos os meus dedos, tanto das mãos quanto dos pés, estavam ali. Meus braços arderam numa dor lacinante quando tentei movê-los, então decidi deixar pra outra hora. Minhas pernas pareciam bem, mas eu estava com a movimentação bem limitada. Então movi a cabeça para o lado.

Meu pescoço parecia estar dormente, pois demorei muito mais que o usual só pra completar um simples movimento. Tudo o que enxerguei a princípio foram borrões no fundo branco, e então algo mais. Um longo cano prateado, cujo brilho me ardeu os olhos. Tentei fechar as pálpebras pra focalizar a visão, mas não funcionou. Tentei então me voltar pro outro lado, mas só vi uma mancha preta em meio ao fundo desbotado.

Então, finalmente, escutei. Assim que o primeiro barulho chegou, eu soube que estava viva, e, mais importante, que ficaria bem. Porque a primeira coisa que eu escutei foi a voz dele chamando meu nome.

- Lena?

Senti que ia chorar instantes antes de sentir as lágrimas realmente começarem a escorrer em cascata pelo meu rosto. A visão, já embaçada, piorou, e o mundo insistia em não entrar em foco. Cada soluço fazia meu peito arder e doer em ferroadas. Senti um toque leve próximo á minha barriga, seguido de um afagar no topo da cabeça, ao mesmo tempo em que ouvia Sam murmurando para eu ficar calma, e que eu estava bem. Não sabia mais se estava chorando de dor, de infelicidade ou simplesmente porque queria enxergá-lo e não conseguia.

Muitas lágrimas e soluços depois, alguém me mandou abrir os olhos e uma luz forte foi jogada na minha cara. Pisquei, mas tentei manter o olho aberto o máximo possível, apesar da ardência. Me fizeram uma série de perguntas que eu não conseguia compreender ou responder com clareza, e então fui deixada em paz. Não queria, mas tornei a dormir.

O mundo estava bem melhor quando acordei novamente, no que me pareceram poucos segundos depois.

Demorei a abrir os olhos, porque gostava da sonolência e da preguiça que dominavam meu corpo – aquela sensação boa de manhãs de domingo, como se a gente acordasse, mas soubesse que pode se dar ao luxo de dormir um pouco mais. Finalmente, abri os olhos para a imensa luz branca fosforescente que estava bem acima de mim e pisquei várias vezes para me acostumar à claridade.

Quando consegui, enfim, manter os olhos abertos, pude identificar a lâmpada e finalmente separá-la do teto. Respirei fundo, e ignorei a dor que veio com o suspiro. Novamente, testei os movimentos dos meus dedos, mãos, braços e pernas, sentindo-os um pouco mais relaxados, e tornei a mexer a cabeça, desta vez me virando diretamente para onde eu tinha visto Sam segundos atrás.

Só que desta vez, era Dylan quem estava ali. Meu irmão dormia sentado, o queixo praticamente tocando o peito, a boca entreaberta e um fio de baba colado entre o lábio e a camisa. Vê-lo inteiro, são e salvo me deixou mais tranquila. Não queria acordá-lo, mas sabia que ele gostaria de saber que eu estava acordada.

Tentei fazer um “psiu”, mas meus lábios estavam moles, e precisei reaprender a usá-los por um minuto antes de conseguir fazer qualquer coisa com eles. As primeiras tentativas de acordar meu irmão terminaram em chuva de saliva ou movimentos estranhos com a boca, até que, por fim, consegui fazer um barulho suficientemente alto e consistente que o acordasse.

Dylan levantou a cabeça assustado, com os olhos meio querendo se fechar novamente, e procurou pros lados antes de olhar pra mim. Quando me olhou, sua primeira reação foi a de quem não fazia idéia de quem eu era ou o que ele estava fazendo ali. Até que,

finalmente, ele pareceu entender, e imediatamente se colocou de pé e ao meu lado.

- Maninha, você acordou!

Meus lábios não me obedeceram quando tentei sorrir, e pareciam dormentes demais pra eu conseguir falar. Estava muito boba e sonolenta ainda para formar palavras, mas não queria mais dormir. Queria ficar acordada e rever minha família, ter certeza de que estava todo mundo bem.

Dylan pareceu entender isso apesar da minha falta de palavras, e saiu do quarto instantes depois. Em um minuto, eu já ouvia passos e vozes pelo corredor, e o som da porta se abrindo, ao mesmo tempo em que meu quarto se enchia de gente.

Ao meu redor agora estavam Bryan, Colin, Eric, Freddy e meus pais. Pelo visto todo mundo tinha tirado o dia de folga só pra me esperar acordar. Todos falavam ao mesmo tempo e disputavam pelas minhas mãos. Minha mãe se aproximou pra me fazer um cafuné, e Colin levantou o lençol que cobria as minhas pernas. Queria tranquilizar todo mundo, dizer que estava feliz de estarem todos bem, e, mais importante, queria perguntar onde diabos estava Adam. Mas minha boca ainda não se mexia de forma perfeita, e eu só conseguia balbuciar coisas incoerentes.

Em poucos minutos, a porta tornou a se abrir, e minha mãe e Bryan abriram espaço para que a face idosa e amigavelmente familiar do Dr. X (cujo nome eu ainda não lembrava, nem conseguia me concentrar o suficiente para ler no crachá) entrasse em foco. Ele sorriu pra mim com uma prancheta nas mãos e puxou do bolso do jaleco uma lanterninha, que acendeu diante dos meus olhos. Examinou meu rosto, depois me descobriu e começou a erguer e virar meus braços, minhas mãos, e levantou minha camisola para olhar minha barriga. Olhou minhas pernas, a planta dos meus pés, e pediu que meus irmãos o ajudassem a me virar pra examinar minhas costas. Finalmente, pediu que eu tentasse falar alguma coisa, mas não consegui. Ele sorriu e anotou qualquer coisa na ficha que estava na prancheta.

- Essa sensação que você está sentindo nos seus membros e na sua boca vai passar conforme os remédios forem saindo do seu

sangue. – o Dr. X explicou, calmamente – Suas queimaduras já estão bem cicatrizadas, e creio que, se você sentir que está bem, poderá ir pra casa amanhã mesmo.

A família inteira comemorou. Eu, silenciosamente, também. Queria mais do que tudo ir pra casa, sair daquele hospital, e descobrir como estavam Adam e Yara. Queria ver Sam, e Toy, e deitar na minha própria cama...

O pensamento me atingiu sem ser convidado, como um balde de água fria. Eu não tinha mais minha própria cama. Eu não tinha mais casa, eu não tinha mais nada. Era por isso que eu estava naquele hospital – o incêndio! Meu aniversário. A fogueira, o fogo, a gritaria. Eu não tinha mais nada. Estava oficialmente sem teto.

Olhei em volta e vi quase toda a minha família reunida ali em volta de mim. Meus irmãos conversando animadamente entre si, meus pais escutando atentamente a tudo que o Dr. X dizia. Eu podia estar sem casa, e ter perdido tudo, e podia ter que recomeçar pela segunda vez em menos de um ano, totalmente do zero agora. Mas eu ainda tinha minha família. E, no momento, aquilo era tudo de mais importante.

Algumas horas depois, eu já estava conseguindo falar e me mexer com mais facilidade, e me sentia menos mole. Minha família tinha ficado até se certificar de que eu estava feliz, me sentindo melhor e bem alimentada, e então todos voltaram pra onde quer que estivessem hospedados – preferi deixar o assunto “casa” fora do tópico de conversas enquanto estivesse ali.

Sam chegou mais tarde naquele mesmo dia – que eu descobri ser sábado, quase três dias depois do meu aniversário. Eu estava sozinha, mudando os canais da televisão sem realmente prestar atenção, quando ele bateu à porta e entrou com um buquê de flores.

Abri um sorriso assim que o vi. Sam se aproximou da minha cama, o rosto escondido por detrás de uma seleção de flores coloridas que eu nunca tinha visto. Ele se sentou na beirada da minha cama e estendeu o buquê para mim.

- Trouxe pra alegrar seu dia. – disse, e me deu um beijo.

- Você já alegrou meu dia. – respondi, e me peguei cheirando as flores, como se vê mocinhas fazendo em filmes de romance. Não senti cheiro específico de nada, então apenas emendei um – São lindas.

- Como você se sente?

- Melhor. Cansada. Minhas pernas dóem um pouco.

- Você ficou com algumas queimaduras por causa daquele momento de heroísmo.

- Eu sei. Minha mãe disse que foi milagre não ter sido nada mais grave.

Sam me lançou um olhar duvidoso, que eu desviei. Não tinha nada de milagre, e nós dois sabíamos bem. O fato de que eu estava com apenas uns fios de cabelo chamuscados – o que me obrigaria a cortá-los -, queimaduras leves nas pernas, nos pés, na barriga, nos braços e nas mãos, e não morta, se devia ao fato de eu ser bruxa, e não a alguma salvação milagrosa. O que me trouxe uma outra questão, que eu também havia deixado de lado o dia todo.

- Como estão o meu irmão e a Yara?

Sam hesitou por tanto tempo que senti meu coração acelerar. Pus as flores de lado e segurei firme na mão dele. Sabia que havia algo de muito grave que ele – e todo mundo, a propósito – não estava me contando, e precisava saber o que era.

- Sam, o que aconteceu com eles? – insisti. Ele desviou o olhar. Meu coração estava batendo tão depressa que minha respiração vacilou. O que era que ele não queria me contar?

- Fique calma, ok? Me pediram pra não dizer nada, mas não posso não contar pra você. – ele começou a se desculpar, e eu o interrompi.

- Quem pediu?

- Seus pais. – Sam bufou – É a Yara. Ela... ela não está nada bem.

- Nada bem *como*?

- Ela está em coma, Malena.

Parei. Minha melhor amiga estava em coma?

Sam deve ter percebido que eu parei de respirar, porque se apavorou e começou a me chacoalhar. Senti lágrimas tão fortes vindo que nem me preocupei em segurá-las.

- Como assim ela está em coma? – perguntei, soluçando. Sam me abraçou e procurou me acalmar antes de me responder.

- Alguma coisa caiu na cabeça dela. Estão achando que pode ter sido uma viga, ou um pedaço de madeira. Ela chegou aqui inconsciente.

Ela estava inconsciente, eu me lembrava. Mas daí a estar em coma... eu não conseguia processar a idéia.

- O que os médicos falaram?

- Estão bastante confiantes. – Sam me garantiu, tentando ensaiar um sorriso que não teve muito efeito – Acham que ela vai acordar logo. Ela vai ficar bem, Lena.

Mas não importava o quanto Sam tentasse parecer certo disso, nem mesmo quão positivas fossem as respostas dos médicos, eu não conseguia aceitar que Yara estava em coma. Era tudo minha culpa e daquela festa idiota, daquela fogueira sem sentido, de ela ter se sentido segura o bastante pra ter ido à minha casa.

Chorei por mais meia hora antes de conseguir me acalmar. Sam me jurou que me acompanharia até o quarto dela, desde que primeiro eu me concentrasse em ficar boa pra ter alta no dia seguinte. A contragosto, concordei.

Revelações

Eu ainda estava abalada quando deixei o hospital no dia seguinte. Minha mãe amaldiçoou Sam por ter me contado sobre Yara, mas, assim como ele, me garantiu que ela ficaria boa e acordaria logo. Passei por mais uma breve consulta com o Dr. X, que me examinou de cima a baixo e conferiu como eu me sentia antes de me deixar ir embora.

Tudo o que eu queria era ir pra casa, para o meu sótão. Mas aí me lembrei que eu não tinha mais sótão, da mesma maneira como não tinha mais absolutamente nada. Não tinha mais roupas, celular, móveis ou material escolar. Não tinha mais meus livros, meus CDs, minhas fotos. Tudo tinha ido embora com o fogo.

- Onde nós vamos ficar? – perguntei, quando entramos na minivan. Éramos só eu, minha mãe e meu pai hoje, embora eu tivesse visto Ned no corredor do hospital. Minha mãe me contou que ele estava ali desde a sexta-feira, passando longas horas no hospital, esperando alguma coisa mudar no quadro de Yara, se recusando a ir embora.

- Vai demorar até as coisas voltarem ao normal, querida. – papai respondeu, numa voz cansada – Mas estamos todos bem e é isso o que importa. O seguro da casa vai nos render um bom dinheiro, e tudo que precisamos agora é começar de novo.

- Além do mais, muita gente se ofereceu pra fazer doações. – mamãe contou, enquanto meu pai dava a partida no carro – Eu não queria aceitar, mas suponho que seja o melhor. Janine Jonas ofereceu as roupas antigas de Kathi.

Estremeci só de pensar nisso – eu vestindo as roupas da garota que matei. Isso sem contar o fato de que Kathi não fazia bem o meu estilo no quesito moda.

- Vai ficar tudo bem. – papai assegurou – Nós já estamos procurando uma casa nova.

- E onde vamos ficar até lá? – perguntei, novamente. Afinal, essa era a minha questão inicial e ninguém tinha me respondido ainda.

- Eu e sua mãe estamos hospedados com a sua avó Martha, Eric, Adam, Colin e Dylan estão com a sua avó Dina, Freddy e Bryan estão com a tia April e você... – parou o carro – Vai ficar com a tia Frida.

Só então olhei pela janela e vi onde nós estávamos. A casinha salmão onde Frida e Hugo moravam com sua recém-nascida filha Linda. A família que eu procurava evitar.

- Precisa de ajuda? – meu pai perguntou, quando viu que eu não me mexia. Lentamente, balancei a cabeça negativamente e abri a porta da van pra descer.

Meus pés choraram quando tocaram o solo, mas logo me acostumei. Dei tchau pros meus pais e caminhei até a porta da frente. Eles já tinham sumido quando apertei a campainha.

Meu alívio foi inexplicável quando a porta se abriu e nem Frida nem Hugo estavam do outro lado. Ao invés disso, estava uma garota

da minha aula de Estudos Sociais, com uma expressão cansada.

- Oi, Malena! – ela exclamou, num misto de surpresa e alegria. Tentei sorrir, mas estava difícil.

- Oi... – qual era mesmo o nome dela? – Cleo. – completei, rapidamente, após me lembrar no último segundo. Ela sorriu e me deu espaço pra entrar.

Tudo estava tão branco e fresco como da última vez que eu havia entrado ali, no que hoje me parecia ser outra vida. Cleo fechou a porta, e não tardou até ela suspirar e me olhar de um jeito curioso.

- Tudo bem com você? – perguntou.

Logo me lembrei que eu estava numa cidade com a população inferior a 2 mil habitantes, então é claro que eu já era notícia. Nosso acidente devia ser assunto de primeira página no jornal local. Cleo seria provavelmente a primeira de uma fila interminável de pessoas me perguntando como eu estava dali pra frente.

- Melhorando. – admiti, respirando fundo. Cleo torceu o nariz.

- Sinto muito pela sua casa. – falou – Deve ser bem ruim perder tudo de uma vez.

- É... – foi tudo o que eu pude dizer, um nó se formando na minha garganta.

- Frida me disse que você vai ficar aqui por uns dias. – que bom que eu sou a última a saber! – Mas acho que eu vou ser mais companhia do que ela. Quero dizer, eu e a Lindinha, claro!

Assenti devagar. Em pensamento, me perguntei se Cleo já tinha visto a marca de mão que ela tinha no peito.

- De qualquer jeito... – Cleo interrompeu meus pensamentos voltando a falar – Quero que saiba que pode contar com o apoio da minha família. Eu, meus pais e meu irmão estamos separando umas roupas boas pra doar. Espero que não fique ofendida.

- Eu agradeço. – respondi, com um sorriso fraco – De verdade. Não vou ser orgulhosa num momento desses. É muito generoso da parte de vocês.

- Não se preocupe! – suspirou de novo – Bom, venha comigo, vou te levar até o seu quarto.

Cleo me deixou num quarto de paredes esverdeadas, com uma cama simples de solteiro de um lado e um guarda-roupa do outro.

Colado à porta do guarda-roupa, estava um bilhete.

Consegui algumas roupas para você. Espero que sirvam, dizia a caligrafia caprichada que só podia ser de Frida. Abri o armário, e havia ali pendurado dois casacos, um jeans em bom estado, e uma pilha com mais ou menos quatro ou cinco camisetas.

Já era um começo.

Me sentei na cama, já me sentindo cansada, e logo deitei. Pensar em recomeçar me deixava exausta. Da última vez, não tinha dado muito certo. Eu tinha vindo para Oxford e me descoberto como sendo uma bruxa destinada a matar seis pessoas. E tinha acabado por matar duas.

O quão desastroso esse recomeço poderia ser?

Só me dei conta de que havia dormido quando acordei, abrindo os olhos e a narinas para o cheiro de jantar pronto. Mal havia me sentado, a porta se abriu e Frida entrou, trazendo uma bandeja com um prato feito.

- Ah, você acordou! – ela disse, abrindo seu sorriso radiante. Era difícil não se sentir tentado a sorrir também quando ela iluminava o mundo apenas estando alegre. Me fazia esquecer de que vinha fugindo dela nos últimos meses.

Frida se sentou, e eu dei espaço para a bandeja ficar entre nós duas. Macarronada com almôndegas. Meu estômago roncou em resposta.

- Obrigada. – agradei, rapidamente, antes de começar a comer. Frida me olhou com um carinho que eu certamente não merecia.

- Vai ficar tudo bem. – ela disse, e eu rolei os olhos – Eu sei que você já deve ter escutado isso várias vezes. Mas vai ficar tudo bem.

Nem me dei ao trabalho de responder. Eu estava sem casa, sem roupas, sem móveis, sem absolutamente nada, e minha melhor amiga estava em coma. Não havia como as coisas ficarem bem, exceto se por um milagre.

Terminei de comer e suspirei. Não queria admitir, mas eu realmente me sentia melhor agora. Estômago cheio sempre ajuda.

- Eu te trouxe um presente. – Frida falou de repente, agachando-se no chão e tateando sob a cama. Eu a observei, confusa, até que

ela, milagrosamente, puxou o baú das von Evans, praticamente intacto.

- Eu achei que ele tivesse se perdido no incêndio! – meus olhos marejaram, e Frida me sorriu com satisfação – Como você...?

- Hugo conhece alguns homens no corpo de bombeiros. Conseguiu que recuperassem nossas coisas e as mandassem diretamente pra cá. – ela abriu o baú e a vi revirando os livros de feitiço, de poções, os diários. Estava tudo salvo.

Eu não tinha nem como agradecer. Para Frida, agora que não era mais bruxa, aquilo talvez não fosse de grande importância – somente uma parte da sua herança que se perderia no fogo. Mas para mim, era vital. Todos os conhecimentos bruxos de que eu poderia dispor estavam naquele baú. E graças a um milagre (ou a alguma magia poderosa) estava tudo inteiro.

O sorriso de Frida foi aos poucos morrendo. Ela fechou o baú e o empurrou de volta para sob a cama, e então tornou a se sentar ao meu lado, me encarando com olhos preocupados.

- Acho que já é hora de nós duas conversarmos. – minha tia disse, então, num tom mais grave, menos tranquilizador.

Assenti, devagar. Eu não tinha mesmo saída, tinha?

- Sam me disse que seus poderes voltaram. – afirmou, e eu senti uma pontada aguda de raiva.

- Então Sam tem fofocado com você pelas minhas costas. – rolei os olhos, tentando esconder o quanto aquilo me deixava nervosa – Realmente ótimo.

- Sam e eu só queremos o seu bem! – Frida exclamou, alcançando minha mão. Eu deixei que ela a pegasse – Ele está preocupado com você. Ficou sem ação quando viu que seus poderes estavam de volta, e que você não tinha percebido.

- Eu já havia percebido. Só preferi não dizer nada. Achei que não fosse nada.

- Está tudo bem. Eu entendo. – ela suspirou - Ele também me contou sobre Dorothi.

Hesitei. Pensar em Dorothi e no quanto ela tinha me prejudicado por uma única idéia sem graça pra brincar comigo me fazia ter vontade de vomitar.

- Prefiro não tocar nesse assunto. – respondi, amargamente.

- Não tem problema. Falaremos quando você achar melhor. – Frida então sorriu, iluminando o quarto – Mas estou feliz que seus poderes voltaram. Sabe o quanto isso é ótimo?

- Não é ótimo! – puxei a mão de volta e cruzei os braços – Ok, eu admito que estou me sentindo melhor agora que os tenho de volta. Mas, Zethi, você não percebe?

Ela franziu o cenho, fosse pela minha reação, por não saber a resposta, ou fosse simplesmente porque eu a tinha chamado pelo nome de alma. Nunca era uma coisa boa quando nós duas começávamos a nos chamar pelos nomes antigos.

- E se os meus poderes voltaram porque eu fiz alguma coisa errada? – indaguei, sentindo um nó apertado na garganta só de pensar nisso – Eu ofereci minha magia ou minha vida para que Kathi e Megan fossem punidas, e ainda estou viva, e meus poderes voltaram. – logo, já estava me desesperando – E se a única razão pra isso estar acontecendo for porque o feitiço não deu certo?

- Malena, suponho que se não tivesse dado certo, nós saberíamos. – Frida pontuou, em tom ameno – Quero dizer, elas ainda estariam por aqui, certo?

- Mas e se elas não estavam mortas? – eu insisti – E se elas estavam vivas quando eu e Sam nos livramos delas, e se eu realmente as matei quando as joguei no rio?

- Malena, pare com isso! – ela bufou, e passou as mãos no meu rosto assustado – Você está delirando, e se culpando por algo que você não podia fazer diferente. Me escute, ok?

Engoli meu desespero e concordei lentamente. Eu estava tão aflita que qualquer outra possibilidade seria uma idéia à qual me agarrar com toda a minha fé.

- E se o seu sacrifício agradou o nosso Senhor? – Frida sugeriu, lentamente, e meus pêlos do braço se arrepiaram só à menção do Senhor das Almas – E se ele ficou contente com o seu serviço e decidiu devolver sua magia?

- O Senhor das Almas jamais ficaria feliz por eu ter matado suas filhas. – respondi – Somos uma raça em extinção.

- O Senhor das Almas sabe que somos uma raça em extinção. Mas mesmo ele concordaria que foi uma questão de sobrevivência. Se uma bruxa perdesse a magia toda vez que mata outra, metade de nós não seria mais bruxa.

Mais uma vez, fiquei em silêncio. Talvez ela estivesse certa. Talvez eu não tivesse estragado tudo, e simplesmente estivesse sendo agradecida pelo trabalho feito. Como eu iria saber?

- Pense nisso, está bem? – Frida me pediu, se levantando e pegando a bandeja – Qualquer coisa, só precisa chamar.

Eu estava muito mais aliviada quando ela saiu e fechou a porta.

Passei o resto do dia praticando e tentando me acostumar de novo com os meus poderes. Eu me sentia como a velha Malena de novo, que não sabia de onde aquilo tinha vindo, surpresa e sem ar toda vez que alguma tentativa dava certo.

Na manhã seguinte, Frida veio me acordar. Era uma segunda-feira, e eu tinha me esquecido completamente de que precisava ir para aula. Levantei e vesti uma calça jeans meio larga e uma das camisetas que estavam ali, me cobrindo então com um casaco emprestado de Frida. Ela me arranjou um caderno e algumas canetas, que eu coloquei numa bolsa que ela não usava mais.

Hugo fez a gentileza de me deixar na escola, sem dizer uma palavra o caminho todo. Meus pés ainda não estavam bons o suficiente para me levarem até a escola andando. Bastou que eu chegasse na frente do prédio para ver como as coisas tinham mudado nos meus poucos dias de ausência.

Ned e Liu estavam sentados um ao lado do outro, mas sem se falarem ou se abraçarem como sempre faziam. Patrick estava quieto, sem correr nem fazer brincadeiras, sem falar ou zoar com a cara de ninguém. As gêmeas mal trocavam cochichos. Sam foi o único a vir até mim e esboçar um sorriso.

- Como você está? – ele me perguntou, me abraçando. Sentir o seu cheiro me fez esquecer por um momento de todo o horror dos últimos dias.

- Já estive melhor. – admiti. Então Ned me olhou por um instante, e eu me lembrei. Como eu tinha esquecido? Yara.

O nó na minha garganta era grande como uma bola de golfe. Só me dei conta de que estava chorando quando Sam limpou as lágrimas do meu rosto e me deu um beijo leve na boca. Seus lábios me sussurravam que ia tudo ficar bem, mas estava difícil de acreditar no que ele dizia. Minha vida inteira parecia um caos completo, um inferno absoluto, do qual eu não conseguiria sair mesmo que quisesse.

O dia foi lento. Nem meus poderes bastavam para fazer o relógio acelerar, tampouco para melhorar o peso tão óbvio na atmosfera entre nós. Suspirei aliviada quando o sinal bateu nos liberando pro almoço, e corri a encontrar Sam.

Foi o tempo de eu entrar no refeitório para que todas as cabeças se virassem para mim e uma infinidade de cochichos incômodos começasse. Eu podia imaginar o que eles estavam dizendo, e por um instante, me irritei com a pena que muito provavelmente me estava sendo direcionada. Sam veio me salvar quando eu já não fazia idéia de que rumo tomar.

Mas não me levou até a nossa mesa. Ao invés disso, atravessou o refeitório comigo e me levou para o lado de fora, para o ginásio. Imagens de um passado não muito distante pipocaram na minha mente, me lembrando daquele primeiro dia em que Kathi tinha descoberto meus poderes ali mesmo, na arquibancada. Na minha ingenuidade e confiança nela. Parecia outra época, um passado tão distante que era como se nem fosse meu.

- Por que me trouxe aqui? – perguntei, quando paramos e nos sentamos numa das arquibancadas.

- Pra poder conversar melhor. – Sam respondeu, envolvendo uma das minhas mãos com as suas duas. Então olhou para mim, no fundo dos meus olhos violetas. Tentei não aparentar o quanto me sentia assustada, despreparada pro que quer que ele tivesse pra me contar.

- Adam veio falar comigo enquanto você estava no hospital. – Sam me contou, e eu tremi – Ele me perguntou se... bom, ele meio que deu a entender que tinha alguma coisa errada com você.

Respirei bem fundo e bem devagar, meu corpo todo arrepiado, tremendo.

- O que exatamente ele te perguntou? – quis saber, e Sam fez uma careta.

- Ele estava assustado. Disse que vocês andaram em meio ao fogo.

Eu tinha me esquecido completamente do detalhe de que Adam estava consciente enquanto eu os tirava de dentro da casa. *Muito* consciente, pelo que eu podia perceber agora. Como eu ia explicar pra ele o que tinha acontecido?

- Eu acho que ele sabe. – Sam concluiu, para o meu desespero – Talvez ele não faça a menor idéia *do que*, mas com certeza sabe.

- Isso não ajuda muito. – murmurei, e Sam apertou minha mão.

- Talvez você deva falar com ele. – sugeriu – Descobrir o que ele viu. Dizer a verdade.

- Sam, você pirou? – eu quase gritei, e então me contive – Eu não posso contar a verdade. Já tem mais gente envolvida nisso do que eu gostaria! Meus poderes são um imã de problemas pra mim e pros outros!

- Vai ser pior se você não disser nada, Lena. Se o Adam mantiver a suspeita, ele vai ficar de olho em você e vai acabar se tornando seu inimigo. Conte a verdade antes que ele descubra sozinho.

Sam estava certo. Eu precisava conversar com Adam, saber o que ele tinha visto e no mínimo tentar convencê-lo de que não tinha sido bem assim. E quanto antes eu fizesse isso, melhor.

- Eu conto. – acabei concordando, a contragosto – Vou passar pela casa da minha avó essa semana e converso com ele.

- Nada disso. – Sam disse, mal eu tinha terminado de falar – Você vai lá hoje. É uma ordem.

- Você não manda em mim!

- É pro seu bem! Faça por mim.

- Odeio quando você me deixa sem escolhas.

Eu estava tremendo quando Sam me deixou na casa da minha avó.

Toquei a campainha, e forcei um sorriso quando minha avó Dina me recebeu e me colocou pra dentro. Eu disse que queria ver o

Adam, e ela me deixou subir – disse que ele estava no último quarto do corredor. Respirei fundo, assenti, e subi as escadas.

Adam estava lá, deitado na cama, olhando pro nada. Sentou, assustado, quando eu abri a porta sem bater. Não queria lhe dar a escolha de não abrir a porta pra mim.

Fechei a porta, e vi que meu irmão me olhava como uma insegurança que jamais pertencera aos olhares que ele lançava para mim. Medo, talvez. Ainda mais temerosa estava eu, de dizer a verdade, de saber que ele sabia. De confiar a mais um aquele peso. Minha boca de repente ficou seca, e a minha garganta doeu para soltar um fraco:

- Oi.

- Oi. – ele me respondeu. Não parecia meu irmão mais velho. Parecia uma criança assustada.

Me aproximei, e ele não se mexeu. Sentei-me ao seu lado na cama e Adam se ajeitou, pra nos deixar confortáveis. Mas, por um bom tempo, nenhum de nós disse uma única palavra.

- Adam, nós precisamos conversar... – pronunciei as palavras com calma e cuidado, com medo da sua reação – Sobre o que aconteceu. No incêndio.

Adam balançou a cabeça devagar em concordância, mas não respondeu. Meu Deus, ia ser mais difícil do que eu havia pensado.

Eu já estava achando que ia ter que falar com as paredes quando Adam respirou fundo e baixou a cabeça. Quando começou a falar, sua voz era profunda, distante. Soava como se ele estivesse recontando a mais absurda lenda que ele já havia escutado.

- Eu vi o... – fez uma pausa e soltou um riso sem nenhum humor – Eu vi você murmurando alguma coisa. – outra pausa. Ele ainda não me olhava, e o peso das suas palavras era enorme sobre a minha cabeça – E de repente nós andamos no fogo. No meio do fogo. Como se ele não conseguisse nos atingir.

Adam ergueu a cabeça. Os olhos estavam confusos, marejados. Inconformados, eu diria. O nó na minha garganta só inchou e doeu mais.

- Eu devia estar chapado com a fumaça. – Adam ponderou, e seus olhos me imploravam pra que eu dissesse que ele estava realmente

chapado. Que eu risse e dissesse que ele estava maluco.

Mas eu não ri.

Eu não fazia a menor idéia de que tipo de loucura tinha me dado, mas eu realmente estava considerando, contar a verdade a ele. Acabar com o segredo pro meu irmão mais velho.

Não que isso fosse ajudar em alguma coisa pra mim. Talvez só piorasse. Mas eu simplesmente tinha aquela sensação de que eu tinha que fazer isso. De que, agora que ele tinha testemunhado, não tinha mais outro jeito.

Eu estava maluca, com certeza. Quero dizer, contar a verdade? Adam ia ficar com medo de mim, ou me mandar pra fogueira – de novo. Lá no fundo da minha cabeça, senti Dorothei estremecendo, incomodada com o pensamento. Ou talvez tivesse sido eu mesma. A idéia de ser churrasco vivo também não me animava muito.

- Malena... – meu irmão implorou, pegando meu braço com tanta força que me deixou assustada, tão longe eu estava, divagando – Malena, por favor!

Engoli em seco ao olhar pros grandes olhos azuis cheios de temor, medo e esperança do meu irmão. Era difícil respirar.

- Me diga. – pediu – O que foi aquilo? O que você é?

A pergunta, o jeito como foi colocado, doeu fundo no meu coração. *O que você é?*, ele havia perguntado. Como um bicho, uma coisa, algo que não merecia a classificação humana. Agora eu tinha realmente certeza de que ele estava apavorado.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer pra voltar atrás. Adam tinha visto demais, e coisas como essas não se apagam facilmente da memória. Não, eu não tinha opção a partir do momento que escolhi salva-lo. Adam agora teria que saber e guardar o meu segredo – ou usa-lo pra se livrar de mim.

O que eu realmente não considero uma opção. Mas ele devia estar assustado o bastante pra isso.

Tomei coragem e, só de olhar pro meu braço, o aperto que Adam me impunha diminuiu. Seu punho se abriu, e pelo seu rosto confuso, não havia sido uma decisão consciente. Massageei meus músculos doloridos e respirei fundo.

Olhei para Adam, bem fundo nos seus olhos azuis, sem saber o que dizer exatamente. Era um assunto delicado. Talvez demorasse para fazê-lo entender.

Ou talvez eu pudesse ser direta e simples. Soava melhor.

- Adam, eu sou uma bruxa. – soltei, quase sem nem pensar na escolha de palavras.

E fiquei surpresa quando ele riu.

Encarei-o, completamente pasma, enquanto ele ria. A palavra “bruxa” lhe escapou umas duas vezes pelos lábios. Ele parecia meio fora de controle, então decidi que, se os ocorridos durante o incêndio não eram prova que bastasse, então talvez eu precisasse lhe dar mais algumas.

Me levantei, sentindo a magia, o poder correndo nas minhas veias, saindo do âmago da minha alma e bombeando para cada espaço livre do meu corpo. Estendi os braços e deixei que eles coordenassem o que viria a seguir, me esquecendo momentaneamente do fato de que eu não estava muito bem treinada.

E a verdade é que, bem, todo o quarto começou a voar.

Primeiro a colcha levitou, surpreendendo Adam no meio das risadas. A cortina, as roupas, a cadeira, o travesseiro. Eu eu simplesmente não conseguia assumir total controle do que eu estava fazendo. Era loucura. Ia me esgotar, verdade. Mas ali estava, cada item no quarto voando pelos ares, dançando na frente dele.

Parei quando ele pronunciou as palavras:

- Você é uma bruxa.

Suspirei, sentindo-me exausta, e cai sentada na cama. Precisei respirar fundo algumas vezes pra recobrar o fôlego perdido. A bagunça à nossa volta era óbvia quando tudo desabou.

- Por favor... – pedi, sem voz, sem ar – Não conte a ninguém.

Ele apenas assentiu, quieto.

- É um segredo muito grande, Adam. – insisti – Me diga que eu posso confiar com você. Não importa o quão assustado você esteja.

Vi que Adam hesitou antes de dizer, mas não me preocupei. Eu também hesitaria, se estivesse no lugar dele. O termo “bruxa” não costuma ser muito positivo na maior parte do tempo.

- Pode confiar. – prometeu.

E que escolha eu tinha além de acreditar?

Brilhante

- Não foi uma boa idéia contar pra ele. – Toy afirmou, categórico, quando lhe contei sobre Adam.

Estávamos na casa de Frida, e ele tinha acabado de reaparecer após todos aqueles dias que se seguiram ao incêndio. A má notícia era que, havíamos descoberto, Linda aparentemente era alérgica a gatos – o que restringia Toy ao meu quarto, apenas, e ao lado de fora, motivo pelo qual ele estava tão mal humorado e pessimista sobre tudo. Eu bufei diante da sua conclusão.

- Bom, o que mais eu poderia fazer? – indaguei, revirando os olhos.

- Um feitiço de memória seria um bom começo.

- Não posso fazer um feitiço de memória no meu irmão. Não seria certo.

- É perigoso seu irmão saber da verdade, Malena. Pode colocá-lo em risco.

Claro que ele tinha um ponto. Mas eu estava pronta pra aceitar que o que eu tinha feito era, ainda que apenas em parte, correto. Precisava acreditar que era o que eu devia fazer, que não tinha outra escolha, ou então acabaria enlouquecendo.

- Já está feito. – falei, como quem bota um fim no assunto. Mas para Toy o assunto nunca está acabado. Ele fez um barulho estranho que era quase parecido com uma risadinha.

- Você tem uma tendência ridícula a esperar o melhor das pessoas, Malena. É isso o que te diferencia de Dorothei. E é o que às vezes me faz sentir falta dela.

Dito isso, ele caminhou majestosamente em direção à janela aberta e sumiu rua afora. Tentei ignorar ao máximo o que ele havia dito, mas eu odiava comparações, desde minha mãe comparando meu comportamento ao dos meus irmãos, até aquela mania irritante de Toy de me comparar a Dorothei. Resolvi então que tinha de me ocupar.

Me abaixei no chão e puxei o pesado baú das von Evans debaixo da cama. Eu tinha visto Frida remexer por entre alguns itens, mas um pedacinho meu lá no fundo da minha consciência – Dorothi, muito provavelmente – queria que eu abrisse o baú e tivesse certeza de que tudo estava lá dentro, que nada estava faltando. Anotei mentalmente que o espelho não estava mais ali, mas não sentiria falta dele; se Dorothi quisesse aparecer, o faria em qualquer outro lugar. Ela não tinha preferências.

Bufei e me ajoelhei diante do baú, ainda um pouco empoeirado. Passei meus dedos sobre sua superfície azulada toda talhada, cheia de mínimos detalhes que eu não conseguia perceber simplesmente olhando. Eu o abri sem esforço, tossindo um pouco por causa da nuvem de poeira que veio em seguida. Estava me inclinando pra pegar o primeiro livro quando ouvi batidinhas e a porta se abriu.

- Malena, o jantar...

Frida parou de falar ao me ver junto do baú. Entrou e encostou a porta, ajoelhando-se ao meu lado com um pequeno sorriso nos lábios. Eu comecei a tirar os livros e cadernos e tudo o que havia dentro dele, passando-os para Frida, que os espalhava no chão, no mais completo silêncio.

- Vê isso aqui? – ela me mostrou uma pequena caixinha de música de madeira talhada e sem bateria, pela qual eu teria passado despercebida em qualquer outra ocasião - Cecily fez pra mim no meu quinto aniversário. Foi Jane quem fez o encanto para que ele tocasse música.

Ela abriu a caixinha, e uma música estridente e irritante começou a tocar. Eu fiz uma careta enquanto Frida ria, até finalmente fechá-la.

- Claro que Jane nunca fez nada de graça. Ela fez questão de colocar a pior música possível. Irremovível.

Frida pôs a caixinha de lado, então. Neste ponto, já havíamos tirado tudo de dentro do baú, e só aí me dei conta de como havia explorado pouco dele. Além dos pesados livros de poções e feitiços, e de todos os diários das von Evans, havia uma infinidade de caixas e saquinhos de pano que eu nunca tinha me interessado em abrir, além de outros livros pros quais eu nunca tinha dado atenção. Me

senti tão feliz olhando pra tudo aquilo, que tinha certeza de que Dorothi, onde estivesse ali no fundo da minha alma, estava aguardando isso há muito tempo.

Frida partiu para um saquinho de pano encardido, amarrado com uma fita azul suja. Desatou o nó com habilidade e virou o conteúdo na mão, me mostrando em seguida: era uma pulseirinha com um dente minúsculo preso num pingente de ouro.

- Isso era seu. – ela estendeu pra mim, e eu o peguei. De algum modo, reconheci a pulseira delicada imediatamente, mesmo que não fizesse idéia de quando Dorothi a havia usado – Foi sua primeira pulseira.

- E por que o dente?

- É uma superstição. A profecia diz que as crianças bruxas serão alimento do Senhor das Almas no seu Retorno. O dente simboliza que você já não é mais criança, porque perdeu os dentes de leite.

- Nunca ouvi falar dessa profecia.

- Você nunca ouviu falar de muitas coisas. Dorothi morreu aos quinze anos. Ela estava começando seus estudos mágicos.

De repente, o rosto da minha tia se iluminou, e ela sorriu.

- É isso! Vamos retomar seus estudos mágicos, Malena!

A idéia me deixou ao mesmo tempo interessada e entediada. Eu já tinha tanta coisa pra estudar, tantas matérias com que me preocupar, e ela queria me dar mais uma?

Mas eu não disse nada, porque Frida já estava animada remexendo entre os livros que eu não conhecia. Pegou um deles, grande e gasto, mas do tipo que parece capaz de sobreviver por milênios. Empurrou o resto das coisas que havia entre nós duas e colocou o livro no chão, abrindo-o.

- Esse livro é uma peça raríssima. – me contou – Foi encantado para anotar sozinho cada evento mágico importante ao longo dos séculos. Tudo que já aconteceu na história das bruxas está aqui, desde o princípio.

Assenti, e me pus a folhear o livro, sem prestar atenção a nada. Longas e longas páginas de anotações a mão, numa letra fina e inclinada, juntamente com grandes desenhos coloridos que pareciam

ter sido feitos por um artista, ilustrando alguns momentos. Um cometa. Um eclipse. Imagens de objetos, de criaturas, de tudo.

- É tipo o Wikipedia das bruxas?

- É. Melhor, até. - Frida suspirou – E então, o que me diz? Quer continuar seus estudos?

Eu estava prestes a dizer que não, que tinha muita coisa com que me preocupar, que podia simplesmente ler o livro sozinha nas horas vagas, mas a resposta que saiu não veio de mim, eu sabia. Dorothi fez o imenso favor de me atropelar, controlar minha boca e dizer por mim:

- É claro!

E então era tarde demais pra dizer não.

Notei que alguma coisa estava diferente assim que cheguei na OSD na manhã seguinte.

Fofoca era uma coisa normal. Principalmente numa cidade pequena, todo mundo fofocava, o tempo todo. Era a coisa mais comum do mundo ver as meninas comentando, cochichando alguma coisa pelos cantos. Mas aquela era a primeira vez desde que eu havia chegado a Oxford em que, ao chegar na escola, todo mundo parecia estar fofocando sobre alguma coisa. A mesma coisa. As pessoas iam de um grupinho pra outro e carregavam a fofoca como se fosse contagiosa, como se tivessem que compartilhar.

Sentei no meu canto de sempre, na mureta em frente ao meu prédio, e esperei, porque em algum momento o comentário iria chegar até mim. Vi o rosto vermelho e sardento de Patrick se destacar entre os estudantes instantes antes de me dar conta de que ele estava correndo na minha direção, feito um louco. Quando ele chegou, estava sem fôlego.

- Malena, eu... – ele tentou respirar, mas parecia difícil – Eu... eu...

- Respira! – levantei e dei lugar pra que ele se sentasse. Patrick respirava longas golfadas de ar, e comecei a ficar preocupada – O que foi? Ta tudo bem?

- Ta tudo... ótimo... – ele riu, e tossiu em seguida, demorando para recobrar o ar – Você não... vai... acreditar.

- Malena, Malena!

Olhei para trás, e vi as gêmeas Nelson correndo na minha direção. O que tinha dado nesse povo pra virem todos correndo atrás de mim?

- O que foi? – perguntei, sem saber se me focava mais no Patrick sem fôlego ao meu lado, ou na curiosidade que estava me consumindo.

- O irmão do amigo do namorado da Tess Martins contou pro namorado dela, que contou pra ela, que falou pra gente... – Halley começou a dizer, mas eu já estava confusa e irritada, então interrompi.

- Contou o que?

- A Yara acordou! – Hellen exclamou, num gritinho quase histérico. Parei, em choque.

- Ela acordou? – logo, quem estava gritando era eu – Ela acordou? Quando? Por que ninguém me avisou?

- Era isso que eu ia te contar! – Patrick reclamou, mas eu não dei atenção a ele.

- Ela acordou essa madrugada! – Halley justificou – O irmão do amigo do namorado da Tess é enfermeiro lá no hospital, por isso...

- Eu tenho que ir!

No mesmo minuto, sai correndo dali. Atravessei o estacionamento na velocidade da luz e, quando vi, já estava na rua. Meu plano era simplesmente correr em direção ao hospital o mais rápido que pudesse, mas fui interrompida pela buzina de um carro. Me virei e vi a picape de Sam, e sua cabeça saindo pela janela.

- Onde você acha que está indo? – ele gritou. Eu corri até o carro, já ficando sem ar.

- A Yara acordou! – gritei, tão alto que Sam fez uma careta antes de começar a sorrir.

- É sério isso?

- É! E eu ia correr até lá...

- Sobe que eu vou com você.

Não hesitei. Dei a volta e subi. Mal tinha batido a porta e Sam já estava arrancando com o carro, a toda velocidade (permitida) em direção ao hospital. Não esperei que ele encontrasse uma vaga – simplesmente desci na porta e corri para dentro, sofrendo por ter

que esperar o elevador chegar para subir até o quinto andar, mas sem fôlego suficiente para subir de escada.

Quando o elevador finalmente chegou, Sam já estava lá. A subida nunca me pareceu tão extensa. Eu batia o pé, inquieta, tentando fazer com que aquela coisa fosse mais rápida, mas aparentemente minha magia não funcionava para acelerar nada. Quando as portas se abriram no quinto andar, sai rapidamente, sem me preocupar com o fato de que estava, sem ser anunciada, na área de tratamento intensivo.

Fui barrada pela primeira enfermeira. Ela se prostrou na minha frente, e eu estava para empurrá-la quando Sam me segurou. De que lado ele estava, afinal?

- Onde você está indo? – ela quis saber. Bufei de impaciência.

- No quarto 502. – respondi – Yara de Los Angeles. A que acabou de acordar de um coma.

A enfermeira olhou pra mim, e depois para Sam.

- Só posso permitir que mais uma pessoa entre. – afirmou. Nem precisei olhar pra Sam, pois ele já estava me empurrando.

- Eu te espero aqui fora. - disse. Não fiquei pra escutar. Andei até o final do corredor pintado em tons de bege, com suas luzes extremamente brancas e claras e vasos de flores sem vida. Estaquei diante da porta do 502 e então bati.

Quem veio abrir, pra minha surpresa, não foi nem a mãe nem o pai de Yara, nem um médico, uma enfermeira, ou qualquer outra pessoa. Quem abriu a porta pra mim foi Ned, que parecia mais feliz e mais exausto do que eu jamais tinha visto. Ele não disse nada; apenas sorriu e me deixou entrar.

A enorme cama de hospital estava cercada de equipamentos que eu não sabia para que serviam, e um tubo de soro estava conectado ao braço dela. Mas, apesar de todos os fios, do equipamento e do pinga-pinga do soro pendurado, os olhos de Yara estavam bem abertos, e seu rosto emoldurou um lindo sorriso, ainda que fraco, quando ela me viu entrar.

Fui até ela, mas tive medo de me sentar na cama, ou mesmo de abraçá-la ou fazer qualquer tipo de movimento que pudesse resultar em alguma coisa catastrófica e totalmente imprevisível que era

sempre tão típica de mim. Coloquei minha mão sobre a dela, e meu coração disparou de alegria quando minha amiga apertou meus dedos. Senti as lágrimas descendo, mas nunca estive tão aliviada.

- Eu estou muito feliz que você esteja de volta. – falei, com toda a sinceridade, fungando quase sem nem perceber – Eu me senti tão culpada!

- Não seja boba, Malena, nada disso é culpa sua. – Yara fez uma careta, como se eu estivesse ficando maluca, e então riu, uma risadinha fraca – E, pelo que me contaram, você salvou a minha vida.

- É, eu acho que salvei.

- Deus te abençoe, Malena! Meu anjo da guarda!

- Você teria feito o mesmo.

- Eu teria tentado. Não sou exatamente o tipo super-heroína.

Nós duas rimos, e por um instante, ninguém disse nada. Olhei para trás e percebi que Ned tinha saído.

- É bom ter você de volta. – repeti, com um suspiro de alívio.

- É bom estar de volta.

Conversamos sobre amenidades por mais alguns minutos até Sam entrar, iluminando o quarto com seu sorriso. Ele afagou os cabelos de Yara e perguntou como ela se sentia. Tomamos uma bronca por estarmos faltando à aula por causa dela. E só depois que eu já estava satisfeita e convencida de que ela ficaria bem fomos embora de volta pra escola.

Decidi tomar o caminho mais longo até a casa de Frida após a aula, indo na direção que me levaria primeiro ao centro da cidade, e então à rua dela, ao invés de me poupar trabalho. Eu me sentia feliz, tranquila e aliviada como não estava há dias. A tarde estava ensolarada, de céu aberto, apesar de ser apenas começo de Março, e, mesmo com o sol incomodando os meus olhos e a falta de protetor solar protegendo a minha pele, nada podia me tirar do sério; minha melhor amiga tinha saído do coma, todos aqueles que eu amava estavam vivos e bem, e tudo parecia estar se encaixando no lugar certo.

Eu tinha acabado de chegar ao centro, quando notei a confusão. Não exatamente confusão, mas uma multidão aglomerada – o que, em Oxford, significam umas 20 pessoas reunidas. Eu ouvi música, e cantoria, e aplausos. Um tipo de show ao ar livre? Ali, no meio da avenida principal de Oxford, uma cidade tão pequena que devia estar perdida no mapa?

Me aproximei da multidão, mas tudo que consegui ver de início foram cabeças e lampejos de alguma coisa dourada reluzindo à luz do sol. Mas a música estava tão intensa e tão agitada que logo me peguei embalada ao som dos tambores, pandeiros e um tilintar que pareciam vir de sinos. Mesmo sem entender o que estava sendo cantado, comecei a repetir os sons mentalmente, completamente tomada por aquele ritmo que parecia me invadir com uma felicidade ainda mais contagiante.

- Com licença. – me vi murmurar, pra abrir espaço entre as pessoas. Cumprimentei alguns que eu conhecia, mas nem todos olharam pra mim enquanto eu passava por eles. Os olhos, os aplausos e o encanto eram dedicados exclusivamente à atração à sua frente.

E quando eu cheguei num lugar onde eu podia ver, eu entendi por que.

Um homem com o cabelo cheio de tranças estranhas e sujas batucava um tambor na velocidade da luz e cantarolava em algo que não se parecia com nenhuma língua que eu tivesse escutado antes. Ele estava sem camisa, exibindo o peito nu e peludo (eca!), descalço e com uma calça branca de moletom. Ao seu lado, uma mulher de uns quarenta e tantos anos, cabelo preso pra trás num coque, enfiada num vestido azul e amarelo largo demais, tocava o pandeiro e acompanhava a melodia, acrescentando um tom mais fino à música, deixando-a, de certo modo, perfeita. Hipnotizante até.

E então, dançando aos pulos e giros, ela. Vestida numa bata vermelha leve, com duas saias em tons diferentes da mesma cor, cheia de anéis, colares e pulseiras douradas, que balançavam e tilintavam, adicionando à música aquele som que eu supus serem sinos. Ela era a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Algo nela, na sua alegria e no seu jeito de dançar, dava a dela... um tipo de

perfeição inexplicável. Seus cabelos castanhos em cachos pulavam enquanto ela dançava, e era visível que o seu efeito contagiante e encantador nem de perto recaía apenas sobre mim. Todo mundo só olhava pra ela. Ela era radiante, hipnotizante, como o sol. E nós éramos seus planetas, girando à sua volta, entregues à sua vontade.

Eu não tive escolha a não ser parar e admira-la dançar. O mundo e o tempo deixaram de ter importância. Eu poderia ficar ali a tarde toda compartilhando da energia que eu sentia ela emanar.

Pode ser que horas tenham se passado, ou apenas um minuto, quando eu pisquei e a vi tirar um chapéu velho de trás de si, aparentemente do nada. Mexeu-o e o fez girar, para então jogá-lo para o alto. Milhares de pétalas de diferentes flores e cores caíram sobre ela, e ela girou, braços erguidos, enquanto sua platéia boba ria, suspirava, exclamava e aplaudia.

Então o tambor parou, e a dançarina parou de dançar com uma reverência, pondo o chapéu à sua frente. O que aconteceu a seguir foi óbvio, e ainda assim impressionante. Cada uma daquelas pessoas que estavam assistindo se inclinou e jogou moedas, notas. Tanto dinheiro que o chapéu estava cheio. Eu tateei meus bolsos, mas não tinha nada para dar, e parte de mim se sentiu realmente pesarosa por isso. Eles mereciam, por um espetáculo tão bonito, tão contagiante. Meu dia nunca tinha sido tão bonito antes. Eu daria tudo o que tivesse como forma de agradecimento.

Uma vez que a música acabara, as pessoas começaram a se dispersar, voltar pra onde tinham ido. Eu não. Permaneci parada, sem conseguir me mover um passo adiante, enquanto eles recolhiam seus pertences e contavam seu dinheiro. Logo, sobramos apenas eu e eles. Quando perceberam que eu estava parada, encarando-os, se voltaram para mim com olhos curiosos. E pouco amistosos, eu diria, dado o olhar ferino que o único homem do grupo me lançou.

Mas foi ela, a dançarina, quem me olhou com atenção. Ela entregou o chapéu vermelho, agora abarrotado de dinheiro, à sua companheira, e se aproximou de mim a passos lentos e cuidadosos. Vista de perto, ela parecia ainda mais espetacular do que eu já acreditava que fosse – uma espécie de anjo esculpida com tanto

esmero que sua beleza chegava a doer. Seus olhos eram tão escuros que eu jamais poderia enxergar dentro deles como eu sabia que ela estava, de algum modo, conseguindo enxergar dentro dos meus.

- Você... – ela murmurou. Quase não pude ouvir sua voz. Era como se o vento tivesse falado comigo, trazido as palavras num sopro de ar até os meus ouvidos. O modo como os seus lábios se mexiam com cuidado era incrível.

Ela estendeu a mão na minha direção e pairou a apenas milímetros da minha pele. Parecia existir uma corrente elétrica entre nós trabalhando a milhares de wats por segundo. E eu queria tanto que ela me tocasse! Queria como se minha vida dependesse disso. Precisava sentir o veludo que eu sabia que aquelas mãos guardavam, sentir mais de perto o perfume que parecia defini-la.

Mas, pra minha tristeza, o homem segurou-a pelo pulso e a afastou de mim sem a menor cerimônia.

- Shiny... – ele disse, em tom de ameaça.

Então era esse o nome dela? Shiny? Eu gostava. Eu realmente gostava. E ela realmente era. Brilhante[1], quero dizer. Um brilho só dela, como uma estrela no céu.

- Eu alcanço vocês. – ela disse, olhando-o brevemente. Ele a soltou, olhou feio pra mim de novo, e deu as costas.

A voz dela era doce, uma melodia que eu nunca tinha ouvido, um tom tão único e tão agradável que, se ela tivesse cantado ao invés de dançar, provavelmente teria arrancado até a alma de quem a estivesse assistindo. Eu não sabia o que havia de errado – ou de muito certo – com ela, mas ela certamente era...

Única.

Então seus olhos recaíram sobre mim de novo. Me decifrando, me despedaçando por dentro, me rasgando e revelando todos os meus segredos sem querer. Era impossível resistir àqueles olhos. Eu sentia que podia confiar minha vida inteira a ela num segundo, e, contudo, não abri a boca. Eu queria, mas não conseguia. Uma parte de mim se recusava.

Dorothi.

- Você... – ela me circulou, e, embora não me tocasse, eu sentia aquela corrente elétrica passando pelo meu corpo, acompanhando-a

enquanto ela caminhava em volta de mim – Eu te conheço?

- Eu duvido. – respondi, quase sem voz, e meio gaga. Porque realmente não havia possibilidade alguma de nós nos conhecermos.

Não naquela vida.

- Tem certeza? – Shiny parou novamente em frente a mim, e inclinou ligeiramente a cabeça para baixo pra olhar nos meus olhos. Ela era só um pouquinho mais alta que eu.

- Tenho. – menti. Agora que ela havia me perguntado, eu não tinha mais certeza. Na verdade, eu estava confusa.

Me vi desesperadamente checando minhas memórias atrás de algum indício dela no meu passado, querendo encontra-la, torcendo pra que ela estivesse ali, perdida em algum lugar. Mas se eu realmente a tivesse conhecido em algum ponto da minha vida, como eu poderia ter esquecido? Eu jamais esqueceria aquele brilho e aquele riso e os olhos e a energia que ela tinha e que me contagiavam. Era o tipo de coisa que ficaria gravado na minha memória.

- A vida é muito relativa. – ela disse, de modo meio vago, ainda me examinando nos olhos. Respirei fundo quando seu olhar tornou-se mais intenso. Ela cheirava a rosas e incenso – Nós não nascemos apenas uma vez, você sabe. E você... eu sei que te conheço. Eu sinto essa... – e ela tocou meu braço, me fazendo arrepiar. Sua pele era macia e fina, exatamente como eu havia imaginado – Conexão.

Eu também sentia. Ah, eu sentia do fundo da minha alma dividida que a conexão entre nós duas era forte. Mas ainda assim, eu não disse nada. Dorothei estava segurando minha língua quando o que eu mais queria era me abrir completamente.

- Você acredita em vidas passadas? – ela me questionou. Engoli a questão em cheio, sentindo todos os meus instintos apitarem.

A vontade de falar era grande. De falar tudo, de me abrir, de confessar tudo o que ela quisesse ouvir. Eu olhava pra ela, e ela me dizia sem soltar a voz que estava disposta a escutar qualquer lamurio que eu precisasse soltar. Mas ainda assim, eu não podia.

- Não. – menti, mas a voz não era minha. Por que Dorothei se achava no direito de interferir com a minha conversa daquele jeito?

Shiny riu. Um riso meio travesso, irresistível. Ajeitou a postura e foi se afastando de mim lentamente, andando de costas e sem olhar pra trás.

- Me procure. – falou.

Então virou-se e começou a correr. Eu a observei, controlando o impulso maluco de correr atrás dela.

Posso ter ficado parada ali por horas, olhando feito boba pra direção em que a tinha visto sumir no horizonte. Mas, em algum momento, acordei e me dei conta de que não havia mais nada ali pra ver, que ela tinha desaparecido; e, nesse exato momento, meu dia e minha vida pareceram menos alegres, menos cheios de sentido. Suspirei e recomecei a andar para casa.

Enfeitiçada

A primeira coisa que eu fiz ao chegar em casa foi subir direto pro meu quarto, bater a porta, jogar as minhas coisas no chão e abrir o baú.

Peguei o diário de Dorothei e comecei a folhear, passando das partes que eu já tinha lido. Se havia alguma coisa ali, eu iria encontrar de algum modo. Passei do dia em que Dorothei havia sido traída, e percebi que não havia nada ali. Voltei pro começo, para poucos meses antes das irmãs von Evans descobrirem Oxford, e comecei a ler. E, honestamente, eu não sabia bem o que estava procurando.

Mas sabia que, fosse o que fosse, não era uma memória minha. Se fosse, eu saberia. Eu teria reconhecido, eu teria entendido aquele olhar, aquela conexão. E se era de Dorothei, por que nem ela se lembrava? Como ela poderia ter esquecido algo tão obviamente perfeito?

Talvez... talvez as outras soubessem. Talvez Frida soubesse, mas eu não queria perguntar. Era ridículo e infantil, mas eu não queria que ela soubesse, porque eu não queria ter que dividir aquele momento.

Meu Deus, o que havia de errado comigo?

- Relendo a própria vida? – uma voz disse do nada.

E eu me assustei. Estava tão compenetrada que dei um único salto de susto, e ouvi alguma coisa rachando. O teto tinha ganhado uma nova decoração em craqueado graças ao meu susto. Olhei em volta, e vi Toy empoleirado na janela.

- Desculpe pelo susto. – miou, lambendo a pata. Me acalmei, o diário prensado contra o peito, onde meu coração desacelerava devagar. Precisei de uns minutos daquele jeito antes de abrir os olhos e encara-lo.

- Mais ou menos. – respondi, em referência à sua primeira pergunta – Digamos que eu tenho uma pergunta sem resposta.

- Pra que um diário quando você tem a mim? – Toy perguntou, saltando da beirada da janela e vindo até mim. Colocou a pata sobre o diário, puxando para baixo, e eu deixei que ele caísse. Toy sentou-se sobre as páginas abertas e me olhou – O que você está procurando?

Bufei de novo, encostei a cabeça na parede e comecei a contar sobre o meu dia. Desde as partes felizes e que não tinham absolutamente nada a ver com o assunto, até as partes confusas e misteriosas que incluíam ciganos e uma dançarina que eu aparentemente conhecia, não necessariamente dessa vida.

Toy escutou tudo o que eu tinha a dizer sem soltar um único miado. Ele mal se movia. Parecia a estátua de um gato, parado tão firmemente naquela pose... sábia. Era engraçado como um gato poderia parecer sábio se você desse a ele o dom de falar - e conseqüentemente de te encher de conselhos a todo minuto.

- E o que exatamente você está procurando? – Toy indagou novamente, quando eu terminei de contar tudo. Eu peguei os diários de novo e os espalhei no meu colo.

- Alguma coisa, Toy, *qualquer* coisa! – exclamei, meio indignada, e muito, muito confusa – Essa mulher, ela... ela me conhece! Ela me

viu por dentro, ela enxergou alguma coisa e eu sei, eu sinto que tem alguma coisa, entende? É muito... argh!

- Malena, você está sequer ouvindo o que está dizendo?

- Eu preciso saber se Dorothi sabe alguma coisa sobre ela! – continuei, sem sequer escutá-lo ou parar pra respirar – Tem que ter alguma coisa! Eu senti a conexão, Toy, e era tão linda, e ela pediu que eu a encontrasse. Se Dorothi souber de alguma coisa, então talvez eu possa...

- Que o Senhor das Almas me castigue se eu estiver errado, mas você está completamente perdida, Malena! – Toy exclamou zangado, me interrompendo, e eu parei, olhando pra ele sem entender – Você não percebe?

- Percebo... o quê?

- Você está enfeitiçada, Malena. E um feitiço pesado.

Inevitavelmente, eu comecei a rir. Porque o que ele estava sugerindo era tão impossivelmente improvável que nem merecia ser levado a sério.

Enfeitiçada. Eu.

- Toy, acho que eu saberia se eu fosse enfeitiçada. – eu afirmei, entre os risos. Meu gato esperou até que eu parasse de rir, pra então falar:

- Então me diga, qual foi a última coisa em que você pensou depois que a viu? – perguntou.

E eu tentei, realmente tentei me lembrar. Mas eu não conseguia, porque a minha mente continuava divagando de volta para ela.

- Pode deixar que eu alerto sua tia. – ele disse, se levantando e indo em direção à janela – Nós daremos um jeito.

E saiu.

Meu Deus. Será que ele tinha razão?

Quero dizer, será que, mesmo sendo uma bruxa, eu estava suscetível a feitiços com tanta facilidade?

Meus pensamentos foram interrompidos pelas lembranças da dança e da corrente elétrica entre nós duas. Sua voz continuava sussurrando ao meu ouvido, me fazendo cócegas. “Me procure,” ela tinha dito. E eu queria muito procurá-la. Queria ir até ela e vê-la dançar de novo. Queria ouvir sua voz de sinos, queria que aquela

alegria inexplicável tomasse conta de mim de novo. Como alguém tão perfeita poderia ter me lançado um feitiço?

- Malena!

Frida irrompeu pelo quarto com a voz e a expressão de uma mãe preocupada. Me perguntei de onde ela tinha vindo, então e lembrei que estava hospedada na casa dela. Logo atrás vinha Toy, balançando a cauda.

- O que foi? – eu perguntei, em tom vago. Minha falta de interesse na voz me surpreendeu. Então me esqueci sobre o que eu deveria ter interesse, e fechei os olhos, me deixando invadir pelas imagens daquela tarde.

- Você está péssima! – Frida exclamou, ajoelhando-se ao meu lado e movendo minha cabeça, pesada e mole.

- Ela está sentada nessa posição desde a hora que eu a deixei. – Toy apontou, e eu disse:

- Não!

Mas então não sabia mais porque tinha dito isso. No mesmo instante em que eu pensava sobre alguma coisa – o que estava falando, o que eles estavam falando, onde eu estava – aquele pensamento era interrompido pela voz de Shiny ecoando na minha mente. Minha cabeça girava. Somente uma parte mínima do meu cérebro estava preocupado em acompanhar a situação que se desenrolava à minha frente. Frida correu pra fechar a janela, puxou o cobertor da minha cama e me enrolou nele.

- Por que está fazendo isso? – eu perguntei – A tarde está linda, e está tão quente lá fora...

- Malena, são seis horas da tarde e o sol parou de brilhar faz tempo! – minha tia exclamou, e eu não pude deixar de reparar em como sua voz soava distante – Está um frio absurdo dentro desse quarto!

- Eu não estou sentindo nada. – reclamei, incomodada com o cobertor. Eu ainda sentia o calor do sol na minha pele, o calor produzido pelo meu corpo quando ela tinha se aproximado...

- O que foi que fizeram com você?

- Ela não fez nada! – e então olhei para Toy – Seu gato malvado!

- Hugo! – Frida gritou – Droga, Malena, por que você foi tirar os meus poderes? Como vamos consertar isso agora?

- Frida, alguma vez nas nossas outras vidas nós conhecemos ciganos? – perguntei, acesa, de repente, agarrando o braço dela com tamanha força que ela se assustou – Me diga que sim! Eu tenho de conhecê-la de algum lugar! Eu sei que a conheço.

- Malena, me solte! – mandou, e eu o fiz, me sentindo boba de novo – Eu tinha certeza de que eram eles! – Frida bateu o pé, frustrada, de uma maneira que fez com que ela parecesse ter dez anos de idade – Mas eles não vão te fazer mal de novo. Vou garantir que você nunca mais cruze o caminho dessa gente!

- O QUE?

A minha reação foi imediata, imprevisível e completamente incontrolável. Só a idéia de não vê-la mais me dava calafrios. Porque eu precisava vê-la. Não podiam me impedir, não podiam me separar dela, não agora que eu a tinha encontrado. Nada disso. Eu não podia deixar.

E, por isso, alguma coisa me fez saltar sobre Frida e lançar as mãos sobre o seu pescoço.

- Não se atreva! – ameacei, com tanto ódio que a voz já não mais me pertencia. Minhas atitudes não me pertenciam. Eu não era mais eu.

E somente um nada do meu cérebro tinha se dado conta disso. A maior parte ainda obedecia aos comandos obscuros e aos impulsos insanos.

O que me fez apertar as mãos sobre a garganta de Frida, ignorando o fato de que o meu próprio gato estava arranhando o meu braço com força suficiente pra fazê-lo sangrar, pra tentar fazer com que eu parasse.

Mas alguma coisa me pegou por trás, e prendeu meus braços. Prendeu *de verdade*, de modo que nem mesmo magia poderia soltar. Me debati e urrei de raiva, e olhei pra cima, antes de ficar boba de novo.

Era Hugo.

- O que vamos fazer? – Frida perguntou, passando uma mão pelo pescoço vermelho. Hugo me segurou com mais força.

- Vamos ter que leva-la até a minha mãe. – respondeu.

Fazia tempo que eu não pisava na casa rústica onde Lady Lew morava e dirigia seu negócio de cartomante falida. Não, não exatamente falida. Ela era uma vidente de verdade, mas as pessoas não davam crédito por isso porque não tinham como saber. Não do jeito que *eu* tinha.

Não prestei muita atenção quando chegamos. Não sentia frio, mas notei que meu corpo estava tremendo enquanto Frida me ajudava a descer do carro, enrolada num cobertor e com as mãos ainda presas para trás. Eu continuava tentando me soltar, mas a minha magia ainda estava incapaz de ser usada. Hugo me ajudou a entrar, e nem mesmo o cheiro forte de incenso foi capaz de me causar incômodo. Eu estava nas nuvens.

Porque tudo me lembrava dela. Os dizeres pretos ao lado da porta me lembravam dos seus olhos escuros e profundos, o cheiro me lembrava do aroma que emanava dela. As velas me lembravam da luz refletindo em sua pele, as paredes me remetiam a cor de suas roupas.

Quando dei por mim, eu já estava sentada diante da mesinha, onde as velas de sempre descansavam. Hugo estava logo atrás de mim, e Frida, ao meu lado, segurava Linda no colo.

- A que devo a honra da visita? – a voz melancólica de Lady Lew ecoou pelo aposento vazio, vinda de lugar nenhum. Fechei os olhos e descansei a cabeça para trás. Só isso bastava pra imagem dela me aparecer novamente.

“Nós nos conhecemos,” ela me dizia em pensamento. “Descubra e venha me contar”.

Eu tinha que descobrir, de alguma forma...

- Abra os olhos, criança! – Lady Lew cuspiu na minha cara, e eu abri os olhos de repente, dando de cara com o seu rosto felino na minha frente, perto demais.

Ela cheirava a suor e canela. Não era uma combinação muito boa. E me olhava como se eu fosse um tipo de rato de laboratório, uma experiência muito interessante.

Tornei a fechar os olhos e virei o rosto, desinteressada.

- Certamente tem alguma coisa errada com ela. – entreouvi Lady Lew dizendo, mas não quis abrir os olhos. Eu podia acompanhar o que fosse e ainda me lembrar dela – O que o gato disse?

- Que ela se encontrou com um grupo de ciganos, e que uma estava especialmente interessada nela. – Frida contou, a voz trêmula, cuidadosa – Disse que elas se conheciam, e que depois disso, ela ficou assim.

- Eu não posso fazer muito através dessas informações, apenas. – a vidente argumentou, não parecendo se importar – Talvez devêssemos esperar que passe.

- Com todo o respeito, Pandora, mas eu não acredito que um feitiço que tenha nocauteado uma bruxa seja capaz de perder efeito assim tão simplesmente. – minha tia disse, logo em seguida.

Pandora? Lady Lew se chamava Pandora? Não era um nome muito bonito. Eu ainda preferia Shiny.

- Mãe, não há nada que a senhora possa fazer? – Hugo interveio, e o seu movimento repentino atrás de mim fez minha cadeira tremer. Abri os olhos e dei de cara com todos eles olhando para mim – Malena é a última bruxa na cidade, só podemos recorrer à senhora.

- Aparentemente, ela não é mais a última. – Lady Lew riu-se – Mas sim, há algo que podemos fazer. Teremos que mantê-la em observação, compreendem?

- Vinte e quatro horas presa e vinte e quatro horas de teste. – minha tia esclareceu, antes mesmo de meu cérebro começar a processar a informação – Daremos um jeito.

- Ótimo. A propósito, Hugo, com o que a prendeu?

- Corda de carneiro com sândalo. – ele respondeu, numa voz que me pareceu orgulhosa.

- Bem pensado. – então senti alguma coisa forçando entrada entre os meus lábios. Abri a boca quase que por reflexo, sentindo um líquido um pouco mais grosso que água, mas igualmente sem gosto, me descer pela garganta – Beba tudo. – ela mandou.

E os sons, os cheiros, e até mesmo minhas lembranças e devaneios sobre Shiny fugiram de mim.

Quando acordei de novo, a minha cabeça estava confusa.

Sem imagens, sem sons, sem cheiros e sem memórias. Apenas confusa. Como se alguém tivesse me girado até eu cair, e se eu abrisse os olhos, ainda veria o mundo se mover.

Então tentei me mexer, mas meus braços estavam atados. Puxei os dois braços com força, e só consegui machucar os pulsos. Tentei abrir os olhos, mas o movimento das paredes à minha volta era tão intenso que fizeram minha cabeça doer.

- Ahhh... – eu tentei falar, mas não consegui.

Céus, eu estava bêbada?

Não, se eu estivesse bêbada, certamente não estaria pensando com clareza.

- Shhh... – alguém fez pra mim, e senti uma mão delicada sobre a minha cabeça – Vai ficar tudo bem.

Frida. Tentei perguntar o que ela tinha feito comigo, mas só o que consegui foi soltar uma série de gemidos e lágrimas. Meus lábios não me obedeciam. Eu mal sentia meu corpo.

- Acabou já. – Frida me prometeu, baixinho – Você está em casa, mas nós vamos te manter presa até o seu período de observação acabar.

Eles não podiam me manter presa! Eu tinha que ir à escola, eu tinha que ver Sam...

Mas é claro que eu não consegui convence-la apenas choramingando alto.

- Vai passar logo. – continuou – Você deve estar se sentindo péssima, mas é só o sândalo. É muito poderoso pra inibir feitiços, mas também está te deixando fraca. Vai ter que ficar assim por mais umas horas. Mas não se preocupe, ok?

Não me preocupar? Do que ela estava falando? Ela ia me manter *presa* por sabe-se lá quanto tempo!

- É só um dia. Na verdade... – fez uma pausa – Só mais catorze horas a partir de agora. Eu disse pra sua mãe que você está doente, e Sam vai passar pra te visitar. Ele vai me ajudar na sua fase de teste.

Eu era um rato de laboratório mágico agora? Até meu namorado estava metido nessa?

- Tente dormir mais um pouco, ok?

Foi a última coisa que ela me disse.

Não ouvi mais nada, então.

- Sam?

Eu não sabia exatamente por que o estava chamando. Eu precisava chamá-lo. Eu queria escutar o nome dele saindo da minha boca, porque, por um momento, eu achei que o tivesse esquecido. Dele, do meu amor por ele, de tudo.

Mas o que tinha acontecido mesmo?

- Eu estou aqui. – sua voz leve me disse, e eu abri os olhos.

A imagem demorou pra entrar em foco. Sam multiplicou-se em oito, seis, quatro, dois, até virar um. Precisei piscar algumas vezes, contudo, pra conseguir fazer com que ele deixasse de parecer tão embaçado e fora de foco.

- Oi, Lena. – ele disse, sorrindo. Seus olhos verdes estavam preocupados, e seu rosto perfeito e meio bronzeado não conseguia

me enganar nem tentando muito parecer tranqüilo.

- Oi. – sussurrei, me sentindo mais feliz só de vê-lo ali ao meu lado. Ele riu.

- Você está com aquele sorriso de criança boba. – murmurou pra mim, e passou seu dedo em volta dos contornos do meu rosto – Eu fiquei preocupado, Lena.

- Com o quê?

- Com o feitiço. – ele me olhou com mais atenção, franzindo a testa – Frida me ligou pra avisar que você estava em observação, que tinha sido enfeitiçada. Você não se lembra? Uma cigana...

E aquilo bastou para eu me lembrar de tudo.

A dança, a luz, o sorriso, aquela cigana dançando e encantando todo mundo. Meu comportamento patético, meus pensamentos ridículos, minha completa falta de atenção. Eu tinha até tentado estrangular minha própria tia! Que tipo de bruxa idiota eu era?

E agora eu me dava conta. Eu estava enfeitiçada, e não percebia na hora simplesmente porque *estava enfeitiçada*. Eu nunca poderia saber. Tinha sido tão forte que devia ter custado um bocado de energia dela. Um feitiço pesado pra prender uma bruxa.

Também agora eu sabia porque ela estava tão certa de que nos conhecíamos. Eu não podia me lembrar na hora porque meu cérebro estava tão lotado de Shiny e das lembranças e pensamentos que ela havia implantado no meu cérebro pra conseguir acessar as memórias de Dorothei.

Uma vez era ruim. Duas vezes era certamente humilhante.

Dorothei se remexeu lá no fundo, com raiva, buscando vingança.

- Eu me lembro agora. – afirmei, fazendo força pra me sentar. Sam me ajudou, e, quando eu abri os olhos de novo, vi as amarras que usaram pra me prender jogadas no chão – Frida sabe que eu estou solta?

- Sabe. – ele respondeu, chutando uma das cordas – Acabou seu tempo de observação. Hoje eu estou aqui pro seu período de teste.

- Eu preciso pedir desculpas a ela! – exclamei, repentinamente ansiosa – O que eu fiz foi imperdoável, Sam, eu preciso... – tentei me levantar, e caí. Sam me segurou pelos braços.

- Ei, calma ai, garota! – ele riu e me pôs sentada de novo – Você estava enfeitiçada. É claro que Frida entende. Ela está preocupada com você, não brava. Você não fazia idéia do que estava fazendo.

- Eu sei, foi tão... – bufei – Tão estúpido.

- Você não pôde evitar. Não é como se tivesse sido enfeitiçada alguma vez antes!

Mordi o lábio. Eu não ia admitir em voz alta que havia sido enganada duas vezes pela mesma bruxa.

- Você sabe o que eles fizeram comigo? – perguntei – Pra me... desenfeitiçar?

- Não exatamente. – Sam deu de ombros – Mas não importa. Você está bem agora. Segundo sua tia, só preciso me certificar de que o seu cérebro esteja fora da sintonia daquela mulher.

- Não se preocupe, agora está!

- Não sei. Acho que eu preciso confirmar.

- De que jeito?

Ele deu um sorriso levado e sentou-se ao meu lado. Passou uma mão pelos meus cabelos, puxando minha cabeça em direção à dele, e me beijou.

A Tenda de Ouro

Frida decidiu que eu podia – e devia – ir à escola no dia seguinte. Eu estava meio aérea, mas de um jeito bom. Minha cabeça estava comigo, eu não estava agindo como uma doida varrida, e podia pensar com perfeita clareza.

Mesmo assim, não conseguia tirar Shiny da cabeça. Não da maneira obsessiva e inevitável, como se ela fosse a única coisa importante de todo o mundo, mas daquele jeito intrigado e sem

respostas. Eu não podia evitar. Tinha sido enfeitiçada, Dorothei estava incomodada – minha cabeça não parava de doer, e eu sabia que era por causa dela – e Frida tinha deixado claro que não era a primeira vez que eu passava por isso. Tinha um pedaço muito grande de informação faltando ali, e eu precisava saber o que era.

Porém, não mencionei nada a Frida, ou a Sam. Eles ficariam loucos se soubessem o que estava se passando pela minha cabeça – ou achariam que eu estava ficando louca. Qualquer uma das alternativas não era muito favorável.

- Malena!

A exclamação veio de lugar nenhum, interrompendo meus pensamentos, assim como o abraço que me engoliu segundos depois. Demorei um instante mínimo pra me dar conta que era apenas Yara, eufórica, me abraçando.

- Você está de volta! – eu exclamei, me sentindo genuinamente feliz pela primeira vez naqueles últimos dois dias. Era tão bom ver minha amiga de pé de novo, bem e longe da cama de hospital!

- Estou! – Yara comemorou fazendo uma dancinha engraçada, movendo os braços pra cima e para baixo, me arrancando risadas.

- E como você se sente?

- Muito bem! – ela sorriu, mas vi seu sorriso murchando aos poucos. Segui seus olhos subitamente menos brilhantes, e dei de cara com Liu andando abraçada a Ned logo atrás de mim.

- Achei que eles fossem terminar depois dessa história toda. – comentei, frustrada. Ned tinha passado todos aqueles dias ao lado de Yara. Se eu fosse a namorada dele, jamais admitiria uma coisa daquelas, especialmente sabendo que os dois tinham tido um lance.

- De verdade? Acho que também tive uma pontinha de esperança. – ela bufou – Pelo que todo mundo... ah, quer saber? Não importa. Deus me deu a dádiva de continuar viva, e eu não vou ficar triste só porque Ned e Liu ainda estão juntos. Isso seria inveja. E eu não sou invejosa.

Controlei minha vontade de rolar os olhos, porque eu bem sabia que uma boa dose de ciúmes e inveja por alguém que a gente gostava não era algo que se pudesse evitar. Mas Yara tinha razão; ela estava viva e inteira, e não havia motivo pra estragar isso com

algo desagradável como problemas amorosos mal resolvidos. Ela teria tempo pra isso.

- Olha só quem resolveu aparecer!

Me virei assim que ouvi a voz de Eric. Ele e Freddy, que vinha logo atrás, me deram um abraço apertado e me examinaram atentamente.

- Como você está se sentindo? – Eric quis saber, e eu fiquei sem resposta. Claro que eles tinham percebido minha ausência. Eram meus irmãos. Estranho seria se não tivessem notado.

- Bem melhor. – falei, com toda a verdade, embora soubesse que eu e meus irmãos não estávamos nos referindo à mesma coisa.

- O que foi que você teve? – Freddy perguntou – A tia Frida não deixou nem a mamãe te ver! Ela ficou uma fera!

- Era contagioso. – justifiquei com a primeira coisa que me veio à cabeça – Mas já passou.

- Doença rápida!

- Pois é.

O sinal tocou anunciando a primeira aula do dia. Yara já tinha desaparecido prédio adentro. Comecei a subir as escadas na companhia dos meus irmãos até cada um tomar seu próprio caminho.

O dia passou tão rapidamente que sequer me dei conta. Não consegui me ater a nada – nem às aulas, nem ao tempo, nem às pessoas em volta de mim. Minha cabeça girava em um milhão de pensamentos que não tinham nada a ver com a Guerra Civil da aula de História Americana, ou com Jane Austen, na aula de Literatura. Meus pensamentos tinham nome, cores e centenas de perguntas sem respostas.

De uma coisa eu estava certa: não era por acaso. Não podia ser por acaso que ela – que eles, porque com certeza Shiny não era a única bruxa daquele grupo – tinha ido parar ali, e eu podia apostar minha vida na certeza de que também não tinha sido sem querer o fato de ela ter me enfeitado. Se ao menos Dorothei fizesse o favor de parar de se esconder de mim e aparecer, se ao menos ela dividisse comigo o que ela sabia...

Mas ela se recusava. Eu tentava a todo custo acessar as memórias dela, mas era como bater de frente com uma parede mental muito dura, indestrutível e infinita, que ela havia construído. E toda vez que eu tentava, minha cabeça doía, ao mesmo tempo em que um sentimento de vergonha e de ódio tomava conta de mim. Sentimentos que não eram meus. O que quer que Dorothei soubesse, era algo que ela preferia não compartilhar. E era por isso que eu precisava tanto dela.

Fiquei me perguntando em quantos eles eram. Semanas antes, o rumor da chegada dos ciganos havia se espalhado, mas de quantos estávamos falando? Eu tinha visto três, apenas, mas seriam só eles? Eu duvidava. Havia tanta informação de que eu precisava! E o único meio de descobrir era indo direto pra boca do lobo.

- Em que você está pensando? – Sam me perguntou, me cutucando na cintura, na hora do almoço. Me dei conta de que havia entrado numa espécie de transe durante o dia, e que não fazia idéia nem de como havia chegado até ali.

Olhei pro mar esmeralda dos olhos dele, buscando uma compreensão que eu sabia que ele não teria se eu lhe dissesse no que estava realmente pensando. Mas antes que eu pudesse inventar uma desculpa, uma mentira, ou simplesmente formasse a palavra “nada” nos lábios, Sam pareceu entender daquele jeito que só ele conseguia fazer. Ele olhou pro chão e de volta pra mim.

- Está preocupada, né?
- Muito.
- E curiosa.
- Você nem imagina.
- E está pensando em procurá-la, não está?

Mordi o lábio ao invés de responder, e Sam bufou. Vi sua mão se fechando e me perguntei se ele estaria com vontade de socar alguma coisa – tipo eu. Eu tinha certeza de que ele não entenderia.

- Você não vai. – ele disse, sem sequer olhar pra mim. Fiquei tão chocada que minha primeira reação foi tirar o braço dele que estava sobre os meus ombros.

- Não estou pedindo sua permissão! – exclamei, tão alto que atrai alguns olhares. Sam olhou feio pros curiosos e depois se voltou pra

mim, falando mais baixo.

- Não importa. A Frida não vai deixar você ir.

- Ela não pode me trancar em casa. E ela não manda em mim.

Sam me olhou por uns dez segundos, com a mesma cara de raiva e choque de quando percebeu o que eu estava pensando. Acho que eu nunca o havia visto tão bravo. Ele se virou pro lado, evitando me encarar por mais um ou dois minutos, e, quando olhou para mim de novo, já parecia um pouco mais calmo.

- Malena... – ele disse, ponderadamente – Não é seguro.

- Ela não vai me pegar desprevenida dessa vez. – argumentei, mas não confiava em nenhuma palavra que saía da minha boca. Eu nem sabia como ela havia me enfeitado! Como poderia evitar que acontecesse de novo?

- Então eu vou com você.

- Sam, você não...

- Não estou pedindo a sua permissão. – ele me interrompeu. Meio a contragosto, concordei.

- Depois da aula, então?

- Fechado.

Encontrei com Sam em frente ao prédio depois da aula. Meu coração estava acelerado de ansiedade, mas tentei não demonstrar nada quando encontrei com ele; Sam não parecia nada feliz.

- Vamos? – indaguei, depois de lhe dar um beijo rápido.

- Isso não está certo. – ele disse, segurando meu rosto com as mãos.

- Eu preciso ir, Sam. – peguei as mãos dele e entrelacei seus dedos nos meus – Tem coisas que eu preciso saber, coisas que só *ela* é capaz de me dizer.

- Esse é o problema! – ele exclamou, começando a andar comigo para o estacionamento – Ela! Eu não estaria preocupado se ela não estivesse lá!

- Eu já te disse que não tem porque se preocupar!

- Você pode continuar dizendo isso, mas não vai adiantar nada. Eu sempre vou me preocupar com você, Lena.

Não pude evitar sorrir. Mesmo quando ele estava aborrecido, ele ainda era um fofo. Chegamos até sua picape, e ele abriu a porta pra mim e me deixou entrar. Deu a volta e assumiu o volante.

- Você confia em mim? – perguntei, quando ele deu a partida.

- Eu gostaria que você me desse opções de vez em quando. – reclamou, e eu ri.

- Apenas responda!

Ele parou de tentar sair com o carro e pôs a mão sobre a minha. Tirou os olhos da direção por um breve instante para olhar pra mim.

- Eu confiaria minha vida a você. – respondeu, com tanta sinceridade que meus olhos marejaram.

- Então não vai ser difícil confiar em mim nessa. – afirmei, sorrindo. Sam sorriu de volta e começou a dirigir.

Rodamos a cidade inteira na hora seguinte. Perguntamos pra todas as pessoas, procuramos, tentamos a todo custo encontrar uma misera pista de onde Shiny poderia estar. Mas era como se, naqueles dois dias desde que eu a vira, ela tivesse desaparecido no ar. Ninguém a tinha visto, ninguém sabia de ciganos, ninguém tinha nenhuma informação.

- O que você quer fazer agora? – Sam me perguntou, quando eu bufei de cansaço após a milésima resposta negativa naquela tarde. Eu sabia que ele estava implorando por dentro pra que eu desistisse da busca, mas que não iria me falar nada.

Olhei em volta pela janela do carro e pensei um pouco. Eu podia continuar buscando às cegas por horas, tentar sair de Oxford, estressar a mim e a Sam, e muito provavelmente não chegar a lugar algum; ou eu podia voltar pra casa e pensar com calma no que fazer. Eu estava exausta, e não estava chegando a lugar nenhum. Quem sabe, pensei, houvesse algo no livro de feitiço que me fosse útil.

- Vamos embora. – respondi, por fim. Sam concordou, e deu a partida, deslizando o carro lentamente pelas ruas paradas da cidade. Em alguns minutos, ele parava em frente à casa de Frida.

Frida! Eu tinha me esquecido dela! Podia até imaginar a bronca que ela me daria por ter demorado a chegar, e como diria, naquele

tom que mesclava autoridade e carinho, que eu precisava me cuidar. Sam pareceu ler meus pensamentos – mesmo sem que eu pedisse, ele abriu a porta do carro para mim e me acompanhou até lá dentro. Quando entramos, Frida estava comendo as unhas de ansiedade.

- Eu não acredito que você ficou fora até agora e não me avisou onde ia! – ela exclamou assim que me viu, instantes depois de eu bater a porta atrás de mim – Você está em recuperação! E Sam, como você pôde ajudá-la?

Sam ia responder quando eu me intrometi.

- Eu estou ótima, e pare de culpar o Sam. – afirmei, categoricamente.

- Onde vocês estiveram? – ela quis saber, e eu hesitei. Mas sabia que tentar mentir pra Frida era o mesmo que tentar voar sem asas, então desisti.

- Estávamos procurando pelo acampamento dos ciganos. – respondi.

E só de olhar pra cara dela, eu já sabia que ela ia explodir. O lindo rosto de Frida ficou vermelho, e seus olhos se estreitaram tanto que quase se fecharam. Se eu não a conhecesse melhor, diria que iria jogar o primeiro objeto pesado que encontrasse na minha cabeça.

- Malena, você perdeu o juízo? – ela quase gritou. Em algum lugar no andar de cima, Linda começou a chorar – Hugo, vá dar uma olhada nela! – minha tia gritou, olhando brevemente por cima do ombro, então virou e me encarou de novo – Você foi enfeitiçada por aquela cigana! No que você está pensando?

- Foi o que eu disse, mas ela não escuta! – Sam resmungou, e eu olhei feio pra ele.

- Ela não vai me enfeitiçar de novo! – exclamei, tentando passar pra minha voz a crença que eu não possuía.

- Você não pode garantir isso! – Frida contrapôs, com muito mais convicção – E eu definitivamente não vou arriscar a sua saúde mental e a segurança de todo mundo deixando que você vá atrás dela!

- Zethi, me escute! – apelei. Ela parou. A atmosfera na sala tinha, de repente, ficado mais tensa – Você acha que eles estão em

Oxford, nessa cidade minúscula, simplesmente porque vieram parar aqui? Você honestamente acredita nesse tipo de coincidência?

- Não, mas...

- Então você *tem* que me deixar fazer isso! – respirei fundo – Eu quero saber por que isso está acontecendo! Quero ir até essa cigana e ter uma conversa bem longa com ela!

Por um tempo, ninguém disse nada. Frida andou pela sala, as mãos na cintura, ponderando. Ela respirava tão fundo que, mesmo longe dela, eu conseguia escutar. Olhei pra Sam procurando por apoio, mas ele estava encarando o chão. Seus olhos estavam preocupados, e seu semblante estava tenso. Estiquei meu braço e toquei seu rosto, fazendo ele sorrir um pouco.

- Você não precisa fazer isso. – ele murmurou pra mim, quase inaudível.

- Preciso. – discordei. Ele riu.

- Você é tão teimosa!

- Vou aceitar isso como um elogio.

- Malena.

Me virei num salto pra encarar Frida de novo. Ela parecia bem mais calma, e ainda mais preocupada do que Sam.

- Eu devo estar ficando louca. – ela murmurou pra si mesma, e eu já senti o gostinho da vitória – Se você vai mesmo fazer isso, eu sei que não há como eu impedir que você faça.

- Não, não há. – concordei. Ela balançou a cabeça.

- Então vamos tomar todas as precauções possíveis.

- Perfeito por mim.

- Não faça eu me arrepender disso, está bem?

A compreensão de Frida, no entanto, não durou muito. Assim que Sam foi embora, eu insisti pra que planejássemos minha visita para a tarde seguinte, mas ela me parou antes mesmo que eu conseguisse terminar minha frase.

- Amanhã você vai até a casa da sua avó visitar a sua mãe. – ela disse, num tom de voz que já me avisava que não haveria discussões sobre o assunto – Ela está morta de preocupação.

- Preocupada com o quê? – indaguei, sem entender, seguindo Frida pela casa enquanto ela corria com a mamadeira de Linda.

- A escola ligou pra ela quando você não apareceu e ela ligou pra mim. Tive que inventar uma história louca de que você estava doente e menti mil razões pra que ela não viesse te ver. Jurei pra ela que você passaria por lá assim que melhorasse!

Bufei. Queria muito acabar de vez com aquela história dos ciganos. Queria ir lá *ontem* se pudesse, desvendar todo aquele mistério que estava atrapalhando a calma da minha vida. Queria mais do que tudo descobrir porque eles estavam ali, e algo me dizia que fizesse isso o mais rápido possível. Mas eu não podia deixar minha mãe preocupada. Eu sabia que logo mais ela estaria invadindo a casa de Frida sem convite caso eu não aparecesse pra provar que estava melhor.

- Certo. Mas amanhã à noite você vai me ajudar.

- Sem falta. – ela prometeu. E eu já estava pra ir pro meu quarto quando ela me chamou novamente – Ah, Malena. Você teve uma virose. Não se esqueça disso.

Assenti, mesmo sem fazer a mínima idéia do que poderia ser uma virose. Mas se tinha sido o bastante para convencer a minha mãe, então tudo bem por mim.

Saí da aula acompanhada de Freddy e Eric na tarde seguinte, e juntos seguimos a pé pra casa da minha avó Martha, que ficava apenas a dois quarteirões da escola. Quando batemos, não foi ela quem veio atender, e sim minha mãe. Sua primeira reação foi a mais lógica de uma mãe preocupada: ergueu minhas pálpebras pra ver se eu estava anêmica, mandou que eu abrisse a boca e pusesse a língua pra fora e testou minha temperatura com as costas da mão. Passado o check-up básico, me abraçou como se não me visse a uma década.

- Eu fiquei tão preocupada quando a escola ligou! – exclamou, chorosa. Meus irmãos murmuraram um “oi mãe” e entraram, me deixando sozinha com ela na porta da frente – E sua tia não quis que eu fosse até lá! Vou matar a Frida!

- Mãe, ta tudo bem. – falei, quase sufocando naquele abraço – Vamos entrar? Ta meio frio aqui fora.

- Claro, claro.

Entramos e mamãe fechou a porta e pegou minha mochila, como se eu não tivesse força suficiente pra carregá-la até a mesinha de centro da sala, onde ela a colocou. Então se pôs a me examinar novamente. Revirei os olhos.

- Mamãe, eu to legal. Já melhorei.

- O que foi mesmo que você teve?

- Um... uma... – como era mesmo o nome? Então, milagrosamente, ouvi a voz de Dorothi sussurrar na minha mente, e respondi, zozona – Virose.

- Isso é perigoso? O que você sentiu? Frida te levou no médico?

- Não é perigoso, eu me senti mal, fomos no médico. – bufei, cansada do assunto e cansada de mentir pra ela – Tem alguma coisa pra comer? Estou morrendo de fome.

- Claro, eu te faço alguma coisa!

Na cozinha, meus irmãos já se serviam de pão com manteiga de amendoim e leite. Eu não estava realmente com fome, mas aquela tinha sido a única desculpa que eu conseguira pensar a tempo para me livrar da nossa conversa. Então deixei que ela me fizesse um sanduíche e comi, mesmo sem o menor apetite.

Passei a tarde inteira na companhia da minha mãe e dos meus irmãos, e, mais tarde, também da minha avó – quando ela acordou da sua soneca. Minha mãe me contou que ela e meu pai estavam procurando uma casa nova, mas que estava difícil de encontrar alguma que abrigasse decentemente todos os nove, de modo que ninguém tivesse que transformar em quarto algum outro cômodo da casa – como, digamos, o sótão. Fiz minha lição de casa e, por volta das sete e meia, depois que meu pai já havia chegado e nós já havíamos jantado, andei de volta pra casa de Frida.

Ela estava assistindo TV na sala com Hugo quando cheguei. Normalmente eu me sentiria mal por estragar o momento, mas estava tão ansiosa que não podia esperar. Eu tinha certeza de que meu assunto era muito mais urgente do que o *Dançando com as Estrelas*, então Hugo teria que se contentar em assistir televisão sozinho. Parei atrás do sofá e pigarreeei baixinho pra chamar a atenção deles sem ser mal educada.

- Ah, você chegou. – Frida sorriu – Como foi a tarde? Tudo bem com seus pais?

- Tudo em ordem. – respondi – Podemos começar?

Eu enxerguei nos olhos dela e senti na sua hesitação que ela estava esperando que eu tivesse desistido ou esquecido, e que no fundo preferia muito não ter que fazer nada daquilo. Mas eu conhecia Frida o suficiente pra saber que, mesmo que ela discordasse, jamais quebraria uma promessa. Motivo pelo qual ela assentiu e me acompanhou até meu quarto sem dizer nada.

Entramos e eu fechei a porta. Toy estava sentado sobre o baú, olhando para nada em especial, lambendo a pata. Ele reclamou quando o tirei de cima para poder erguer a tampa e tirar de dentro os livros que julguei serem úteis. Frida se ajoelhou ao meu lado e passou as mãos pelas capas, como se quisesse adivinhar por osmose onde estaria a resposta pro nosso problema.

- Muito bem... – ela murmurou, num suspiro – Muito bem, o que nós estamos procurando?

- Uma maneira de localizá-los.

- E de te proteger.

- É, também.

Frida torceu o nariz, uma ruga de concentração se formando em sua testa. Me deu o livro de poções e pegou pra si um dos diários. Eu estranhei.

- De quem é esse diário?

- De Irma.

- E pra que precisamos dele?

- Irma era especialista em plantas e em suas propriedades mágicas. – ela abriu o diário e começou a folhear, passando os olhos brevemente por cada página – E ela tinha mania de anotar todas as suas descobertas no seu diário. Se ela sabe de alguma coisa que possamos usar, vai estar aqui.

- Por que não temos um livro só sobre isso? – indaguei, confusa. Me parecia tão útil quanto um livro todo de feitiços e poções.

- Porque Jane só confiava no que ela sabia. E o que ela sabia já estava registrado no livro de poções. – Frida desgrudou os olhos do caderno por um minuto e olhou pra mim, séria – Procure.

Não discuti. Pus o pesado livro de poções no colo e comecei a passar pelas páginas sem tocá-las, simplesmente movimentando os dedos no ar, virando-as à minha vontade.

Me pareceu que ficamos horas sentadas naquele quarto passando páginas. O livro de poções não acabava nunca – não importava quantas folhas eu virasse, mil ainda haviam por percorrer. Eu estava exausta e já tinha visto de tudo naquele livro, desde poções para curar feridas até poções para fazer o cabelo cair. Quem quer que tivesse se dado ao trabalho de pesquisar e testar todas aquelas poções pra documentá-las ali, provavelmente tinha levado uma vida inteira.

Pensando nisso, comecei a prestar mais atenção a detalhes do livro, e menos ao que eu realmente estava procurando. Percebi que a caligrafia nunca era a mesma. Algumas páginas eram obviamente escritas pela mesma pessoa, mas ao longo das cinquenta ou cem páginas que eu percorri em seguida, notei que pelo menos dez pessoas haviam participado daquele livro. Uma família inteira talvez? Anotei mentalmente que um dia, quando estivesse menos preocupada com coisas mais urgentes, eu perguntaria a Frida a origem de todos aqueles livros.

Meus pensamentos foram imediatamente interrompidos quando Frida falou alto, quase num grito:

- Achei!

Larguei o livro de poções e me inclinei pra ver o que Frida estava apontando. A letra de Irma era torta, difícil de decifrar, mas minha tia leu sem a menor dificuldade.

- "Testei hoje uma nova flor que encontrei. Ela é pequena e avermelhada, de centro negro, e assim que a encontrei, senti minha energia sendo imediatamente drenada. Para me certificar, amassei uma flor e a coloquei no leite de Dorothi. A pobre ainda está regurgitando. Porém, percebi também que nem Jane nem Cecily conseguiram fazer com que melhorasse por meio da magia, pois nenhum feitiço ou poção funciona com ela. A flor, acredito, é repelente de magia. Levei-a a um herbolário que me contou que o nome da flor é sândalo."

- Então foi isso que aquela praga colocou no meu leite. – Dorothi falou por mim. Praguejei por dentro. Odiava quando ela fazia isso. Mas Frida não estava me escutando.

- É claro! – ela exclamou, e deu um tapa leve no próprio colo – Sândalo! Eu devia me lembrar!

- Por quê? – perguntei, sem entender.

- Porque foi isso o que Hugo usou pra te amarrar no outro dia. – explicou, e balancei a cabeça em concordância – Corda de carneiro e sândalo. Não prestei atenção nisso na hora porque não sou mais bruxa, então a planta não me afetou. Mas ela enfraqueceu você.

- Ótimo! Então já temos a proteção!

- Na verdade, não. Temo que a corda tenha ficado na casa da minha sogra.

- Então ligue pra ela e vamos buscá-la!

Frida fez uma careta, como uma criança manhosa.

- Não queria ter que pedir ajuda pra ela de novo. –reclamou.

- Frida, por favor! – pedi, agarrando o braço dela – Isso é importante. Não posso ir até lá desprotegida.

- Pedirei a Hugo. – ela me garantiu, e colocou o diário de lado.

- Agora, a questão é: onde estão os ciganos?

- Eu conheço um feitiço pra isso. – Frida se levantou e me apontou o livro de feitiços enquanto ia em direção à porta – Já venho. Abra na página 299.

Ela saiu, deixando a porta entreaberta. Puxei o livro de feitiços, sem me atrever a depositar todas as suas noventa toneladas sobre o meu colo, e resolvi tentar uma coisa. Deixei minha mão pairando sobre ele, fechei os olhos e me concentrei no número 299. Então virei a mão com a palma para cima, ainda de olhos fechados, ouvindo as páginas do livro se virando à minha vontade. Quando abri os olhos, o livro tinha aberto exatamente na página que Frida me pedira.

Eu nunca ia me acostumar com o lado legal de ser bruxa. Sempre ia ter uma surpresa pra mim.

Frida entrou instantes depois trazendo um mapa numa mão e uma faca na outra. Se ajoelhou ao meu lado, arrastou o livro de feitiços e colocou o mapa diante de mim.

- Tecnicamente, deveríamos usar uma adaga de prata, mas eu não tenho uma. Acho que o Senhor das Almas não vai se importar. – explicou, me estendendo a faca. Peguei-a com certa hesitação.

Com algum esforço, Frida ergueu o livro de Feitiços de modo que eu conseguisse lê-lo sem sair do lugar. Em seguida mandou que eu ficasse de joelhos, e segurasse a faca com as duas mãos, na altura do peito, em cima do mapa.

- Este feitiço é bastante exaustivo. – disse ela – É um feitiço de rastreamento. Jane usava o tempo todo, pra saber aonde estava o que ela queria. Mas você precisa se concentrar muito. Tem que ser específica em pensamentos e palavras.

- Como eu faço isso?

- Bom, se você simplesmente disser “tribo cigana”, vai acabar sendo levada a todos os endereços onde possam haver uma tribo cigana. Precisa dizer o que quer e pensar em algo específico sobre eles.

- Shiny.

- É. Shiny. – minha tia bufou, visivelmente já exausta de ter que segurar todo o peso daquele livro – Diga as palavras em voz alta e claramente, e concentre-se nela. O Senhor das Almas vai guiar suas mãos.

Respirei fundo duas vezes procurando me concentrar. Imaginei Shiny em sua dança exótica, seus passos hipnotizantes, o brilho do seu cabelo sob o sol, o tilintar e o som de sua voz. Imaginei a música, o batuque do tambor, e tentei me lembrar do rosto dos outros dois que estavam com ela. Então abri os olhos e li, em latim:

- Senhor das Almas, de ti nada se esconde, de mim nada se esconderá. Seja meu guia, dá-me a magia, o poder para encontrar... a tribo cigana.

Então a sensação mais estranha e incômoda do mundo se apossou de mim. De repente, era como se eu não fosse mais dona do meu corpo; mas não da maneira como Dorothei fazia. Eu senti uma força arrasadora queimar minha pele de dentro pra fora, como se fizesse meu sangue ferver, e foi como se todos os meus músculos tivessem câimbra ao mesmo tempo. Não pude evitar um grito quando meu corpo foi puxado pra frente e pro lado, acompanhando

o movimento que minhas mãos faziam empunhando a faca, que dançava em círculos desiguais em volta e em cima do mapa, até que, finalmente, com um único puxão, fui trazida pra baixo e finquei a faca tão fundo, que tive certeza que havia rasgado o carpete.

Tão rápido quanto veio, toda aquela força, a dor e a sensação horrível que me trouxera foram embora, deixando pra trás só uma cabeça latejante e uma exaustão absurda. Abri os olhos e Frida me ajudou a sentar. Quando olhei, vi que a faca não tinha ido tão fundo quanto eu imaginara – na verdade, só a ponta dela estava presa, marcando um lugar no mapa. Frida a tirou sem o menor esforço e a deixou de lado, girando o mapa para si.

- Você não vai acreditar. – ela me disse, com uma risadinha sem humor. Então girou o mapa de volta pra mim, a unha batucando o local furado pela faca.

Me inclinei pra enxergar melhor, porque todos os nomes de rua estavam escritos numa letra muito miúda. Primeiro, encarei sem entender a que Frida estava se referindo. Então olhei os arredores e entendi. Inacreditável. De todos os lugares em Oxford, é claro que eles tinham ido parar ali.

O local indicado era justamente onde jaziam os restos da Casa Azul.

Ficou combinado que Frida me mandaria uma mensagem até a hora do almoço caso conseguisse o sândalo. Tudo estava pronto pra que eu fosse até eles; tudo, menos eu. Eu estava tão nervosa que passei a noite em claro, imaginando as mil perguntas que eu tinha pra fazer. Pra começar, queria saber por que eles estavam ali.

Levantei de manhã mal tendo dormido duas horas entre um cochilo e outro. Estava exausta, mas me forcei a ficar de pé, tomar uma caneca enorme de café, engolir meu cereal e andar até a escola. O vento frio de fim de inverno me mantia acordada enquanto eu andava até a OSD, mas nada impediu que eu cochilasse durante as aulas. Yara me cutucou tantas vezes que cheguei a ficar dolorida.

Fui almoçar me arrastando, mas com a mão agarrada ao celular. Somente graças a Sam consegui pegar meu almoço – do que dependesse de mim, teria me servido de coca-cola achando que

fosse uma maçã. Nos sentamos pra comer, mas eu não conseguia me concentrar em mastigar quando todas as minhas energias se direcionavam ao aparelho que insistia em não alertar nenhuma mensagem. Será que Frida não tinha conseguido?

- Lena, você precisa comer. – Sam disse, sua voz soando quase distante. Olhei pra ele, e então pra minha salada de frutas e meu pãozinho praticamente intocados. Eu estava com fome, mas estava enjoada e não tinha certeza se comer seria uma boa idéia.

- Não quero comer. – reclamei, com uma careta. Sam afagou meu rosto com o polegar.

- Faz um esforço. Você não vai conseguir perguntar nada pra ninguém se estiver morrendo de sono. E o sândalo vai te enfraquecer. Você precisa de energia.

Ele estava certo, como sempre. Nos minutos seguintes, me esforcei pra engolir o máximo de comida possível, mas só consegui terminar a salada de frutas e deixar o pão pela metade. Sam ainda me obrigou a tomar parte do seu suco de laranja, e prometeu que iríamos comprar um energético antes de ele me levar pra qualquer lugar. Já estávamos voltando pra classe quando percebi o celular vibrando.

Meu coração acelerou e foi como uma injeção de ânimo. Imediatamente abri a mensagem, e recebi as boas notícias: “Sândalo comigo, passe em casa antes de ir.” Avisei a Sam, que fingiu estar animado, quando na verdade eu conseguia ver no fundo dos seus olhos que ele estava torcendo pra que Frida não conseguisse e eu pudesse adiar aquela loucura mais um pouco. Mas agora estava feito. E faltavam poucas horas.

Então era isso.

Eu ia encontrá-los. Eu ia encará-los. Eu ia passar por eles, fraca, sem saber quantos de lá tinham as mesmas raízes que as minhas. E então, eu iria caminhar até ela, olha-la nos olhos e, felizmente, resistir ao seu feitiço enquanto descobria tudo o que eu precisava saber.

Frida havia sido bem clara antes de me deixar sair de casa. Havia me dado uma corda banhada em sândalo, feita especialmente por

Lady Lew, e me mandou até-la em contato direto com a pele, caso contrário, não funcionaria. Me avisou também que eu tinha no máximo três horas antes de desmaiar de fraqueza, então, eu deveria ser rápida. E aproveitou pra me dizer que, caso eu não voltasse antes das seis, ela e Hugo viriam  nossa procura.

Eu não sabia o que esperar enquanto Sam me dirigia para as proximidades do terreno onde jaziam os destroços da Casa Azul. Eu não sabia o que eu iria ver, muito menos como seria recebida. Insegura e fraca, tentando me manter firme, eu amarrei a corda em volta da minha barriga enquanto ainda estava no carro. Sam estacionou longe o bastante do meu antigo endereço pra que eu não pudesse ter nenhuma idéia do que estava por vir.

- Tome cuidado. – ele me disse, sério demais.

- Vai dar tudo certo. – afirmei, sem ter certeza se eu mesma acreditava no que eu estava dizendo.

- Assim que você terminar o que tem pra fazer aqui, você vai me ligar, ouviu bem? – Sam praticamente ordenou, e eu assenti – Droga, Malena, eu estou uma pilha de nervos! Não me deixe mais preocupado do que o necessário. Se eu achar que você está demorando demais pra ligar, eu vou até lá procurar por você!

- Não vai, não! – bufei – Te encontro aqui, assim que eu ligar. Controle-se.

- Cuide-se.

- Eu amo você.

Sai da picape e bati a porta atrás de mim. O vendo gelado parecia que ia me derrubar, não porque estava muito forte, mas porque eu estava demasiadamente fraca. Toda a minha força, vital e mágica, parecia estar sendo sugada pra dentro daquele cordão idiota.

Estava quieto demais, por mais que eu estivesse mais e mais próxima da rua sem saída onde eles estavam acampando. Eles não deveriam estar, sei lá, cantando e dançando em volta de uma fogueira? O que ciganos faziam quando não estavam na rua enfeitando pessoas?

Pelo visto eu não fazia a menor idéia de nada. A última coisa que eu ia ver ali era um bando de gente com roupas coloridas dançando em volta de uma fogueira e cantando músicas alegres. Nada disso.

Se todas as tribos ciganas eram daquele jeito, eu tinha era pena de quem cruzasse o caminho deles.

Porque, quando eu entrei na minha antiga rua, o que eu encontrei foi um acampamento onde algumas tendas menores e muito pretas, de aparência pesada, estavam dispostas num círculo. No centro, estava uma tenda maior, mais imponente. Um brilho majestoso refletia dela, machucando meus olhos. Uma tenda de ouro. Não de ouro de verdade, mas de um dourado tão intenso que parecia ser talhada em pedras reais. Era tão imponente e tinha um brilho tão único e capturava meu olhar de uma maneira que...

Dei risada ao perceber a semelhança, conforme chegava mais perto. Eu já sabia onde tinha que ir antes mesmo de alcançar a primeira tenda negra, e os habitantes começaram a sair e mostrarem suas caras fechadas, estampando o quanto eu não era bem-vinda. Estremeci enquanto caminhava por entre as tendas, como se estivesse sendo atingida por várias pequenas pedrinhas vindas de ângulos diferentes.

Feitiços, pensei. E se estavam ricocheteando pra longe de mim, era sinal de que estava dando certo, de que o cordão estava funcionando. Mas seria forte o suficiente pra afastar Shiny e seu poder?

Eu estava prestes a descobrir.

Shiny apareceu por uma abertura na tenda tão logo eu me aproximei o bastante. Atrás dela, o careca que a havia acompanhado no espetáculo de rua naquele nosso primeiro encontro saiu, me lançando um olhar tão ameaçador quanto se estivesse me apontando uma arma. Ele *era* uma arma, percebi. De olhar pra ele, eu já sabia que ele poderia me torturar o quanto quisesse sem nem estalar os dedos. A coisa mudava de figura quando eu olhava pra Shiny.

O poder que emanava dela e que eu podia sentir ali, protegida sob o meu escudo de sândalo, era algo mais sutil, suave, porém igualmente letal. Detrás da minha proteção, ela já não parecia mais tão brilhante, nem ao menos tão bela. Era ainda espetacularmente bonita, mas não da mesma forma. Eu não me sentia presa à sua órbita agora.

- Você veio. – ela disse para mim, sorrindo de um jeito sedutor, encantador e que poderia fazer até o mais duro dos corações derreter.

Mas não o meu. Não hoje.

Shiny me circulou com calma, por um momento. Eu me mantive dura, parada como uma estátua, o mais firme que meus membros amolecidos pela minha própria proteção poderiam me permitir. Senti sua pele, seu rosto próximo do meu. Como se ela estivesse me cheirando.

Então ela parou em frente a mim, mas de costas. Pareceu trocar olhares – ou palavras – com aquele que era tão claramente seu guarda-costas (como se alguém pudesse chegar perto dela sem se sentir compelido a *protegê-la* ao invés de feri-la!) e então virou-se pra mim de novo, curiosidade em seus olhos.

- Entre. – convidou, passando para dentro da tenda e mantendo a abertura aberta para mim.

E eu fui. Entrei, cada músculo do meu corpo tremendo de ansiedade e fraqueza.

Por dentro, tudo era vermelho. Tudo, exceto Shiny que, dessa vez, estava vestindo branco da cabeça aos pés, embora a excentricidade das suas roupas não tivesse mudado muito. Um enorme coração de pedra ametista pousava em seu colo, pendendo de uma fina corrente de prata. Não havia nada além de um pequeno fogão elétrico, dois sacos de dormir e uma toalha vermelha e dourada estendida no chão, onde Shiny se sentou sobre as pernas e me convidou a fazer o mesmo.

Me sentei em frente a ela, sem desgrudar meus olhos do seu rosto bonito, sem saber o que falar. Ela me estudou por um minuto ou dois, e, de repente, ela abriu mais um sorriso.

- Me desculpe por forçá-la ao sândalo. – comentou, como se fôssemos amigas de longa data, conversando durante um encontro casual – O feitiço atinge qualquer um ao meu alcance, exceto os que estão protegidos contra ele.

- As pessoas da sua tribo. – constatei, de forma óbvia. Estava muito lógico que eles estavam imunes ao seu poder. Ou isso, ou estavam completamente *imersos* nele.

- Tribo? – ela riu, me olhando com ainda mais curiosidade – Você fala como se realmente fôssemos ciganos!

- Então o que vocês são? – eu perguntei, a primeira das muitas perguntas que eu queria fazer já sendo riscada na minha lista mental. Shiny suspirou.

- Pequena! – Shiny exclamou, carinhosamente, como se falasse à sua própria filha – Somos os últimos bruxos nômades.

Coração da Magia

A informação era lógica e perfeitamente aceitável. Ainda assim, demorei alguns segundos para digeri-la.

Eu, quero dizer, Dorothi e as irmãs Von Evans eram bruxas nômades. Numa época onde pequenos grupos de bruxas, mais conhecidos como *famílias*, circulavam o mundo, parando por qualquer motivo – geralmente, um motivo que apenas Jane conhecia e que nunca, jamais nos era explicado. Tinha sido assim que acabamos em Oxford.

O fato de que aquele tipo de coisa ainda existia era o que, na verdade, me surpreendia. Ainda mais porque a nossa raça não era imortal – nós nascíamos, envelhecíamos e morríamos como qualquer outra espécie, apenas num processo mais lento. Eles eram *jovens*. Se fosse uma tribo cheia de velhos mantendo tradições e ensinando-as aos mais jovens, talvez eu pudesse entender, mas não havia visto ninguém ali que aparentasse mais de vinte e cinco ou trinta anos. Não podia entender como alguém poderia preferir aquele estilo de vida.

- Você deve estar se perguntando como. – ela sugeriu, me deixando meio assustada.

- Você lê mentes? – eu perguntei, com cuidado, e Shiny riu.

- Não. Apenas sou muito boa em ler expressões. – hesitou – E a sua está confusa. – continuou – Querendo entender os comos e os porquês da nossa chegada e do nosso modo de vida.

- Sim. – concordei, a testa franzindo. Shiny mudou de posição e suspirou.

- Nossas tradições não foram perdidas, pequena. – disse, então – Alguns, como você, vivem escondidos entre os humanos, fingindo ser fracos, fingindo ser parte de um mundo a que não pertencem. Outros se juntam aos seus iguais e saem em jornadas para descobrir o mundo.

- Eu não... – desisti de contestar o que ela estava dizendo tão logo comecei. Ao invés disso, passei para a pergunta seguinte – Quantos anos você tem?

- Já devo ter chegado nos meus vinte. Não se conta a vida em números, e sim em ações.

- Isso não faz sentido. Você disse que... disse que nós nos conhecíamos de outro tempo. E eu *me lembro* de você...!

- E nós nos conhecemos, pequena. Seu outro eu conhecia meu outro eu, e nossas almas não se esqueceram.

Assenti, lentamente. Aquela não era a resposta que eu procurava sobre como nos conhecíamos, mas algo me dizia que Shiny seria a última a me dizer o que eu realmente queria ouvir. Resolvi passar para as próximas perguntas.

- Como você os encontrou? Os outros? Quantos de nós há ainda?

- Isso é apenas uma parcela do nosso mundo, criança! – Shiny sorriu e se inclinou para mim, estendendo suas mãos abertas – Deixe eu te mostrar.

- Não. – hesitei. Olhei pra ela, pras suas mãos e seu rosto convidativo, e pesei minha curiosidade com a minha necessidade de proteção – Eu não posso confiar em você.

- Eu entendo. – ela tornou a assumir uma postura impecável e pousou as mãos sobre o colo – Ah, há tantos de nós. E tantos tão perdidos. Se nosso Senhor das Almas visse como as coisas estão, quanta decepção teria de nós...!

- Se chama evolução. Tivemos que nos adaptar e perder algumas tradições pra nos mantermos vivos. Os mais fracos morrem. – soltei a opinião de Dorothei no mesmo tom azedo que ouvi ecoando em minha mente sem sequer me dar conta. O rosto de Shiny entristeceu.

- Você não me parece muito triste por nossos irmãos e irmãs que se submeteram à raça inferior.

- Eu não sou apenas bruxa. Eu sou humana. Não existe uma raça inferior.

Shiny pareceu assustada com essa sentença. Me olhou com cuidado, apreensão, então o rosto foi aliviando suas leves rugas de dúvida até ficar tão pacífico quanto antes.

- Incrível. – ela sussurrou. Me perguntei o que ela teria visto, mas decidi que não importava. Ainda havia muito que eu queria perguntar.

- O que vocês vieram fazer aqui? – perguntei, ignorando o que ela havia dito – Não foi coincidência vocês terem parado numa cidadezinha minúscula como Oxford. O que os trouxe aqui?

- Nada é coincidência, não é mesmo? – ela riu, como se para si mesma – Nós temos um motivo. Um grande motivo.

- Não me diga: estão planejando alguma coisa pra dominar o mundo?

- Você é mesmo uma bruxa? – Shiny riu da própria piada e suspirou – Estamos à procura da chave que vai nos levar à ressurreição do Senhor das Almas.

Aquilo me pegou de surpresa. Ebugalhar os olhos e deixar o queixo cair foram reações inevitáveis. Logo eu estava piscando a balançando a cabeça, tentando descobrir o que eu tinha entendido errado no que Shiny tinha acabado de me dizer.

Acordar o Senhor das Almas. Aquilo não me parecia nada bom. O criador das bruxas, o responsável por todo o nosso poder, estava morto por um motivo. Quero dizer, se fosse algo bom ele estar vivo, ele nunca teria morrido, não é?

Claro que eu não podia dizer isso para Shiny. Pra conseguir informações, eu teria que dançar conforme a música. E, pelo que eu via no brilho dos olhos dela e da alegria no seu jeito de falar, a música era uma balada de amor pelo Senhor das Almas e de alegria pela sua volta.

- É uma intenção grande. – afirmei, com um leve sorriso falso brotando nos lábios, tentando dissolver meu choque numa espécie de alegria inesperada – Já foi tentado antes?

- Ah, sim! – Shiny exclamou em resposta, aparentemente comprando o meu fingimento – Há muitas lendas que circulam a

ressurreição do nosso Senhor. Sua família, pelo que me recordo, foi atrás de uma delas.

- A que está se referindo?

- À sua morte, Dorothi. – ela sussurrou, numa voz lenta e pausada. A fúria que me dominou eu não sei ao certo de onde veio – Jane ia sacrificá-la por um bem maior.

- Bem maior? Ela queria dominar a cidade!

- Não. Ela precisava que suas irmãs acreditassem nisso, pois elas não eram dignas do respeito do Senhor das Almas. Jane veio até mim quando ouviu falar da lenda, e se dispôs ao sacrifício. Claro que ele nunca chegou a acontecer.

Não respondi. Dorothi urrava tão alto na minha cabeça que era como se chegasse aos meus ouvidos e me ensurdescesse. Então era assim que Shiny me conhecia. Eu era o sacrifício para que Jane tentasse levantar o Senhor das Almas dos mortos. Muito legal.

– Não daria certo, de qualquer forma. – Shiny prosseguiu, indiferente à minha expressão chocada e furiosa - Eu recentemente descobri o que estava faltando na equação que todas as bruxas e bruxos do mundo tentaram responder em séculos.

- E o que seria? – indaguei, de modo seco. Não ia deixar que ela me atingisse a nível tal que eu não terminasse o que tinha começado.

Shiny me olhou de modo hesitante, então estreitou os olhos, como se fosse me contar um grande segredo. Eu tentei parecer curiosa de um jeito bom, e não completamente irritada, como eu estava me sentindo.

- “Encheu-se de ódio e fúria e luto o mundo, deixando vermelho o céu e ocultando a luz do dia”. – Shiny citou, e meus lábios completaram sem que eu percebesse:

- “Quando o Senhor de todas as Almas morreu pelas mãos daquele cujo coração pertence à magia”.

Eu nem sabia como eu sabia isso. Coisas da Dorothi, provavelmente. Parte dos espaços em branco na minha mente que de vez em quando eram subitamente preenchidos por algo de que ela tinha conhecimento, sem nenhum tipo de explicação.

- Você é uma bruxa, afinal. – ela brincou, rindo. Eu dei um risinho nervoso para disfarçar o fato de que queria ir direto ao ponto – Estava ali, tão óbvio o tempo todo. Contamos esta história por séculos a fio a nossos descendentes, mas nunca demos a devida atenção a ela. Aquele que matou nosso Mestre é a chave para ressuscitá-Lo.

- Então o plano é sacrificar uma bruxa ou um bruxo pra trazê-lo de volta? – indaguei, confusa – Mas se você disse que o plano de Jane em me sacrificar não daria certo, então o que...

- Oh, não, não. – Shiny me interrompeu, balançando a cabeça negativamente – Por muito tempo tentamos todo tipo de sacrifício mágico em vão. Não, o sangue que procuramos não é bruxo, é humano. O Coração da Magia. Um humano incorruptível, destinado à magia, mas incapaz de ser dominado por ela. A descrição é incerta, mas creio que saberemos quem é ao encontrá-lo.

- E por que você acha que vai encontrar essa pessoa aqui? – eu perguntei, sentindo minha boca seca – Numa cidadezinha de menos de dois mil habitantes?

- Nossa busca é incessante. Já estivemos em outros lugares antes, e partiremos se nada pudermos encontrar. Mas continuaremos nossa busca até que nosso Mestre seja trazido de volta à vida, como tem que ser.

Mordi o lábio e respirei fundo. Mal havia aberto a boca para fazer a próxima pergunta, quando, sem aviso, uma voz me deu um susto quando entrou na tenda, quase gritando:

- Malena!

Virei pra trás num salto, e encontrei Sam parado ali, ofegando, olhando pra mim. Ele se ajoelhou ao meu lado e me abraçou forte, como se não me visse há anos.

- Você não me ligou, e o tempo passou, e eu comecei a ficar preocupado... – Sam disse, passando as mãos pelo meu cabelo, me olhando como se procurasse algum sinal de que eu estava ferida.

- Eu estou bem! – exclamei – Você não devia estar aqui!

Me levantei, segurando suas mãos, e me virei de novo para Shiny. Ela também estava de pé, nos olhando, parecendo ao mesmo tempo confusa e curiosa.

- Eu preciso ir. – afirmei. Como se ela já não tivesse percebido.

Shiny assentiu, e eu não conseguia dizer se ela estava olhando para mim ou para Sam.

- Então vá. – me disse, com um meio sorriso – E volte quando quiser, *Malena*. Estaremos sempre de braços abertos para receber nossos irmãos.

- Obrigada. – embora eu não soubesse se estava ou não agradecida.

Então deixei que Sam me arrastasse para longe dali.

Ele estava dirigindo rápido. Muito rápido. Mais rápido do que as normas de segurança no trânsito consideravam aceitável em Oxford.

O meu coração estava na boca, palpitando ameaçadoramente rápido, beirando explodir a qualquer segundo. Minha mente era uma confusão de pensamentos tão grande que eu estava com dor de cabeça.

- Nunca mais... – Sam disse, então, me pegando de surpresa. O silêncio estava reinando sobre nós dois desde que ele tinha me puxado pra longe da tenda de Shiny – Nunca mais faça isso comigo.

- Não foi de propósito. – eu respondi, baixinho, evitando olhar pra ele – Eu só perdi a noção do tempo. Eu não achei que você fosse chegar e simplesmente entrar me procurando.

- O que você esperava, Malena? – ele parecia realmente chateado – Eu já estava de cabelos brancos esperando você me ligar, e eu ainda dei um bom tempo antes de ir atrás de você. Da última vez que você cruzou com aquela gente, você acabou completamente psicótica e enfeitiçada! Eu teria passado por cima de todos eles se eu precisasse pra chegar até você!

Só então eu me dei conta de uma coisa.

- Sam, você está se sentindo bem? – eu perguntei, me virando pra olhá-lo melhor.

Ele desviou os olhos da rua por um segundo pra me lançar um olhar incrédulo e confuso. Sam parecia chateado, cansado, irritado – só isso. Ele tinha ficado pelo menos dois minutos a poucos metros de Shiny e não havia nada de errado com ele.

- Você não foi enfeitado! – conclui meu pensamento, soltando um suspiro atônito. Sam franziu ainda mais a testa.

- Por que ela iria querer me enfeitar? – perguntou, soando até meio ingênuo. Eu balancei a cabeça negativamente.

- Não é uma questão de querer, é automático. Shiny me disse que todos expostos a ela estão sujeitos ao feitiço. – parei um pouco e pensei – Isso não faz sentido!

- Vamos apenas agradecer a Deus por que todo mundo está bem, certo? – ele estacionou em frente à casa da minha tia – Quer que eu entre?

- Acho melhor sim, só pra ela saber que eu estou bem.

- Certo.

Sam desceu do carro e abriu a porta pra que eu descesse. Então fomos até a porta, que eu destranquei e abri, ao mesmo tempo em que gritava:

- CHEGUEI!

Dois minutos depois, uma Frida aflita chegava com Linda no colo, suspirando de alívio ao nos ver.

- Obrigada, Sam. – ela agradeceu – Malena, eu fiquei preocupada! Mais um pouco e você desmaiaria de exaustão! Você está bem?

- Não. – admiti, pressionando as têmporas. Minha cabeça doía como se eu tivesse levado uma martelada – Mas nós temos muito o que conversar!

- Aposto que sim! – então voltou-se pra Sam de novo – Quer entrar, tomar um chá?

- Não, é melhor eu voltar pra casa. – Sam me deu um beijo no topo da cabeça – Amanhã você vai me contar tudo.

- Vou sim. – concordei, enquanto começava a tirar aquela corda idiota da minha cintura.

- Até mais.

Sam se foi e Frida fechou a porta. Eu atirei a corda no chão, sentindo a pele que ela tocara queimar e o meu corpo ir aos poucos recuperando a força. Só a falta de contato já me deixava bem melhor.

- Vou entregar essa boneca pro papai dela... – Frida disse, e chacoalhou Linda de brincadeira, fazendo a menina rir – E já volto

pra falar com você. Me espere no escritório.

Assenti, e lentamente fui até a cozinha. Bebi dois copos cheios de água e então fui pro escritório. Frida apareceu alguns minutos depois, trazendo consigo um lanche rápido que consistia em sanduíche de queijo e refrigerante.

- Certo. – ela suspirou, e se sentou enquanto eu pegava o sanduíche com cuidado – Sente-se e me conte tudo.

Eu não sabia direito por onde começar. Se fosse qualquer outro assunto, eu iria do mais leve até a pior parte, mas não era o caso. Não tinha “mais leve”. A pior parte era tudo. Eu soltaria uma bomba de qualquer maneira. Então resolvi começar já chocando Frida de uma vez.

- Eles querem ressuscitar o Senhor das Almas.

Mesmo com todo o cuidado com o qual tentei falar, Frida me olhou com a cara mais espantada que eu já a vira fazer. Ela empalideceu, e passou um bom tempo muda, piscando feito louca, como se seu cérebro tivesse dado um nó tentando entender o que eu tinha acabado de falar.

- Como? – ela perguntou, quase num sussurro. Mastiguei um pedaço do sanduíche, que mais parecia uma lixa na minha boca, e engoli antes de responder.

- Encontrando o Coração da Magia.

De novo, Frida ficou muda, refletindo sobre o assunto. Imaginei que pra ela a história toda fizesse mais sentido do que pra mim, afinal, ela tinha sido apresentada à história das bruxas.

Então, eu tive uma idéia.

- Já volto. – falei, e sai do escritório deixando o sanduíche meio mordido e uma Frida atônita para trás.

Subi até meu quarto e puxei o baú debaixo da cama. Não estava com tempo para procurar, então simplesmente pensei no livro de história que Frida tinha me mostrado e movimenteiei minha mão, de modo que ele saltou de dentro do baú e pairou no ar. Peguei-o nos braços – aquela porcaria parecia feita de chumbo de tão pesada – e o carreguei com certa dificuldade de volta ao escritório.

Joguei-o no chão, fazendo tanto barulho que minha tia, ainda na mesma posição de quando eu deixara a sala, acordou do transe e se

ajoelhou ao meu lado diante do livro. Fechei os olhos e me concentrei nas palavras “Coração da Magia” e virei a palma da mão para cima. Quando olhei, havia uma enorme ilustração em preto e branco de um homem todo de preto com um rosto cadavérico caído no chão aos pés de um outro, sem rosto, que segurava uma adaga. Havia várias outras pessoinhas inclinadas no chão, como se estivessem chorando. Só a imagem já me dava ânsias de vômito.

- O que é isso? – perguntei, mais pra mim mesma do que para Frida – É... horrível.

- Você não conhece a história porque morreu antes de começar os estudos. – Frida murmurou, seus dedos passeando pelo desenho – A história da nossa origem.

- Não parece nada feliz.

- Antes de qualquer bruxa nascer, houve um homem com grandes ambições. – ela começou, e fez uma pequena pausa – Naquela época, a Igreja dominava pessoas e subjugava culturas, determinava quem era bom e quem era mau, e Deus era a maior preocupação na vida da maior parte das pessoas.

Eu não disse nada, apenas balancei a cabeça devagar, para demonstrar que estava acompanhando.

- Aquele homem não era mais especial do que os outros. – prosseguiu – Ele não era casado, não tinha família, tinha um emprego simples e não era estudado. Mas ele pensava a frente de seu tempo.

“Esse homem não achava certo todo o poder possuído pela Igreja. Ele dizia a quem quisesse ouvir que, se Deus estivesse mesmo lá, Ele jamais concordaria com o comportamento daqueles que diziam ser seus fiéis, que matavam em Seu nome, que deixavam pessoas morrerem de fome, de doenças. E que se ele, simples homem, fosse algum dia erguido a um nível de poder superior ao da Igreja e comparável ao de Deus, então ele agiria diferente e mudaria o mundo.”

Frida afastou o livro e se sentou no chão. Percebi que meus joelhos estavam formigando, e me sentei também.

- Então, ele teve uma idéia: por que não pedir a Deus a dádiva necessária para poder mudar o mundo? Ele estava certo de que

Deus concordaria com ele, e se Ele lhe concedesse o poder de que precisava para se fazer ouvir, ele poderia corrigir tudo. Poderia colocar a humanidade de volta nos trilhos.

“Ele saiu em busca do lugar ideal para falar com Deus. Procurou em igrejas espalhadas pelo mundo, em lugares abençoados, procurou insistentemente pelo lugar onde Deus se escondia, pronto pra responder suas perguntas, pronto para atender ao seu pedido fervoroso. Quando percebeu que não havia lugar onde pudesse encontrá-lo, a última opção lhe passou pela cabeça: morte.”

“Uma facada no peito foi o necessário para levá-lo até a porta entre esse e o próximo mundo. Lá, ele encontrou Deus e fez seu pedido. Decepcionou-se com a resposta. Pois Deus lhe disse: ‘Não lhe darei tal poder, pois é preciso que a humanidade erre para que se corrija. Entendo seus bons motivos, mas não cabe a um homem reter um poder tão grande quanto o que me pede. Darei, contudo, sua vida de volta, para que em palavras e gestos possa alcançar aquilo que almeja.’”

“E Deus cumpriu sua promessa. Quando o homem acordou, nem faca nem sangue estavam à vista. Seu peito estava limpo e livre de cicatrizes. Seu coração, contudo, estava cheio. Cheio de raiva, de ódio de Deus por ter sido egoísta a ponto de negar o seu pedido, quando tudo o que ele queria era ajudar. Cego de ódio, ele decidiu que viraria sua busca em outra direção. Se o bem não podia ser seu aliado, então o mal o seria.”

“Procurou até encontrar as portas do inferno, escondidas sob um manto de pecado numa cidade esquecida. Lá, o homem refez seu pedido, mas agora mudando sua visão. Deus queria que a humanidade se corrigisse sozinha? Então ele queria dificultar as coisas para Deus. Pediu ao Diabo que lhe desse um poder sem igual, o qual ele pudesse repassar para homens e mulheres escolhidos, que iriam, a partir daquele dia, servi-lo para toda a eternidade, e cujas almas e sangue iriam perpetuar o selo para todo o sempre.”

“O Diabo gostou da proposta, e aceitou o acordo. Em troca, pediu-lhe a alma quando a morte o alcançasse. Deu a ele um poder inimaginável, enchendo-o de fúria e faíscas, selando o pacto com a

garantia de que ele só morreria pelas mãos daquele que a magia não pudesse conquistar.”

“A partir daquele dia, o homem passou a ser o Senhor das Almas, aquele que decidia quem era ou não escolhido a se juntar ao seu exército. Ele escolheu a dedo a quem daria a dádiva da magia, selecionando apenas os fortes de corpo e espírito, sem medo das conseqüências de seus atos. Assim, ele juntou dezenas, centenas ao longo dos anos, indo de lugar a lugar, passando como uma tormenta, sugando até o último suspiro de bondade, e deixando seus destroços para trás.”

“Mas um dia, não se sabe onde, ele selecionou uma mulher e seu único filho. Suas almas eram tão fortes e seus corações tão pesados, que logo o Senhor das Almas percebeu que ali se escondia uma mina. Ele os convidou, e a mulher concordou, pedindo apenas que seu filho fosse deixado em paz. O Senhor das Almas deu a sua palavra de que nada aconteceria ao rapaz, mas uma vez que a mãe estava submetida, partiu em busca dele, quebrando sua falsa promessa.”

“O que ele não esperava contudo, era algo que nunca tinha visto ao longo de todas as décadas que haviam se passado. Quando ele partiu em busca do filho, a mãe deixou de lado os juramentos que sua alma havia proclamado, abriu mão da magia e de tudo o que havia aceitado, e se pôs a defender o filho. Queria salva-lo.”

“Quando argumentos não funcionaram, o Senhor das Almas decidiu tira-la do seu caminho, matando-a de forma impiedosa. O rapaz, contudo, não seria presa fácil. Tentou fugir, mas logo notou que o Senhor das Almas era demasiado forte para tentar competir. Ainda chorando a morte da mãe e ansiando por vingança, o rapaz surpreendeu o Mestre da Magia com uma dolorosa facada em seu peito.”

“Mas dessa vez, Deus não estava lá para lhe devolver a vida, e, seguindo a profecia do Diabo, o Senhor das Almas morreu e foi trancafiado no inferno, destruído pelas mãos da alma que a magia não podia conquistar.”

Ninguém falou nada depois que Frida terminou de contar a história. Eu já imaginava que bruxas não poderiam ser uma espécie

vinda da luz, mas não fazia idéia de que a nossa existência originava de tanto sangue, destruição e... pactos com o diabo. Parecia tão surreal!

Mas eu atirava coisas com a força do pensamento, tinha uma alma dividida e um gato falante. Eu almoçava e jantava o surreal todos os dias.

- Isso é possível? – perguntei, por fim – Ressuscitar o Senhor das Almas?

- Talvez. – Frida respirou fundo, parecendo muito cansada – Nada é impossível, Malena. E se eles conseguirem, então vai ser...

- O fim do mundo. O apocalipse.

- É. – ela se pôs a virar manualmente algumas páginas do livro diante de nós, até parar em uma que trazia imagens horrorosas de oferendas sangrentas e maus presságios, com legendas escritas à mão – Há uma tonelada de lendas sobre a ressurreição do Mestre, sobre o mal que ela poderia trazer. Todas as lendas têm um fundo de verdade. Se Ele retornar, isso aqui – e batucou com o dedo na página – será apenas o começo.

Engoli seco. As imagens mostravam noites infinitas, tormentas, destruição em massa, crianças sangrando. Eu não conseguia nem olhar. Fechei o livro com um baque surdo.

- Então temos que encontrar esse Coração da Magia antes deles. – falei, mas me senti uma idiota assim que fechei a boca. Se eles não sabiam como encontrá-lo, como eu saberia?

- O que exatamente Shiny te disse sobre isso?

- Que ele é humano, e que ele não pode ser corrompido ou algo do gênero. Que seu coração é da magia, mas que ele não pode ser dominado por ela.

- Dominado como? Tipo não poder ser enfeitado?

Gelei. Minha mente rapidamente navegou para a tenda, para Sam, o olhar de Shiny, sua curiosidade. Eu não tinha dado tanta atenção na hora porque ainda estava com a cabeça cheia.

Ah, meu Deus. Ah, meu Deus, meu Deus, meu Deus! Podia ser?

- Malena, o que foi? – minha tia me chacoalhou e eu olhei assustada pra ela.

Ouvi a voz de Dorothei sussurrando na minha mente que eu deveria ficar quieta. Quer era melhor guardar minhas suspeitas pra mim. Por isso, eu balancei a cabeça, respirei fundo e disse:

- Não é nada. Eu só estou muito cansada.

Frida me olhou com compreensão e me ajudou a levantar. Deu o lanche que tinha preparado e que ficara esquecido na minha mão e me mandou comer e descansar. Eu comi em silêncio, peguei o pesado livro de história e subi pro meu quarto.

Mudança

Adormeci aquela noite ainda pensando aquela possibilidade. No fim, meu corpo acabou vencendo a briga contra o meu cérebro, e me obrigou a descansar. Dormi o resto da tarde e a noite toda, acordando cedo no dia seguinte para ir pra escola.

Minha cabeça continuava a mil. Eu não pronunciava diretamente as palavras, e não tinha dito a ninguém o que estava me incomodando, mas não conseguia me desligar da chance que tinha pulado de maneira tão óbvia bem diante dos meus olhos. Foi difícil olhar pra Sam naquela manhã sem sentir um aperto na garganta e um nó no estômago. Eu queria muito acreditar que estava ficando maluca, mas uma vez que a semente da dúvida estava plantada, ela não iria embora a menos que eu testasse a teoria.

Não tive chance de testá-la naquele dia. Na hora do almoço, minha mãe me ligou e me disse pra voltar da escola com os meus irmãos, porque ela tinha uma novidade pra contar e queria todo mundo na casa da vovó Martha aquela noite para uma reunião de família. Eu sabia por experiência própria que reuniões da família Gördon só eram realizadas quando grandes mudanças estavam a caminho. A expectativa não me deixou lá muito animada.

Mesmo assim, quando a aula acabou, encontrei Freddy e Eric na saída e andamos até em casa. Minha mãe não estava, mas Colin estava lá, jogado no sofá da sala, assistindo uma reprise de

beisebol. Ele veio me abraçar quando entrei. Tinha esquecido como fazia tempo que eu não via meu irmão. Na verdade, tinha me esquecido como fazia tempo que eu não via toda a nossa família reunida.

- Como você tá? – ele quis saber – Soube que você ficou doente.

- Eu to ótima. E já melhorei. Só passei mal por uns dias. – respondi, atirando minha mochila no chão – E você? Não devia estar trabalhando, não?

Colin tinha conseguido um emprego no Wildcat Grill. Havia começado depois que o antigo atendente se mudara pra outra cidade ou algo do gênero. Ele trabalhava a semana toda e raramente tirava uma folga.

- Tirei o dia pra mim. – ele falou, com um meio sorriso.

Eu e Colin não conversávamos muito. Ele era alguns anos mais velho que eu, e bastante calado, na dele. Era o que menos falava na mesa, mas era também o mais inquieto, do tipo que precisa estar fazendo alguma coisa o tempo todo. Quando nós morávamos em Oklahoma City, ele trabalhava como louco e tirava uma, às vezes duas folgas num mês. Quando eu perguntava pra ele, me dizia que ele gostava de se manter ocupado. Então era de se estranhar que ele tivesse tirado uma folga.

Mas olhando bem, ele parecia diferente. Aquele brilho nos olhos... onde eu já tinha visto aquilo?

- Tirou uma folga só pra reunião familiar? – perguntei, jogando verde. Ele me olhou de soslaio, sem falar nada, mas na hora eu já sabia a resposta.

- Não. – me respondeu, e na hora eu quase morri de curiosidade.

- Quem é ela?

Falei isso meio alto, e por isso Colin me deu uma almofadada de brincadeira na cabeça. Os olhos dele brilhavam loucamente. Eu só tinha visto isso uma vez antes, quando Colin conheceu a sua primeira e única namorada. O nome dela era Sophie, eu acho. Ele a idolatrava. Quando ela o magoou, Colin nunca mais se envolveu com garota nenhuma.

- Conta pra mim, maninho! – implorei, e ele deu risada – Eu prometo que não conto nada pra ninguém!

- Ela é... – Colin parou, encarando o teto. Parecia tão feliz! Eu tinha vontade de sorrir só de olhar pra ele – Ela é linda. Eu nunca tinha visto ela por aqui. Ela entrou uns dias atrás no restaurante pra almoçar e ficou me olhando. E voltou no outro dia, e no dia seguinte, e sempre falava comigo. Aí eu tomei coragem e chamei ela pra sair.

- E aonde vocês vão?

- Não sei ainda. Talvez só dar uma volta. Pra falar a verdade nem pensei nisso na hora que fiz o convite. Não tem muitas opções em Oxford.

- Isso é. – dei uns pulinhos felizes no sofá, abraçando-o logo em seguida – Mas é o máximo mesmo assim! Qual é o nome dela?

Quando Colin abriu a boca pra responder, Freddy e Eric entraram na sala fazendo um escândalo brincando de lutinha, e ele se calou de novo. Eu sabia que não ia arrancar mais nada, então apenas sorri em cumplicidade. Fosse essa garota quem fosse, estava botando um brilho nos olhos do meu irmão que eu não via havia séculos. Pontos pra ela!

Acabei me deixando levar pelo clima leve do ambiente e não pensei mais no que estava me consumindo por dentro. Joguei conversa fora com Colin, Freddy me ajudou a fazer a lição de casa, roubei um muffin que vovó Martha estava fazendo (e tomei uma palmada na mão por isso) e esperei.

Adam foi o primeiro a chegar. Ele me cumprimentou, mas não me olhou nos olhos. Ao invés disso, entrou rapidamente e sumiu casa adentro. Depois dele, Bryan chegou, e alguns minutos mais tarde, meus pais chegaram com Dylan. Ajudei minha mãe na cozinha e eu, ela e minha avó preparamos a janta. Jantamos e só depois que a mesa estava limpa, nos sentamos pra reunião.

- Bom, como todos sabem, eu e sua mãe vínhamos procurando uma casa grande o bastante para todos já tem algum tempo. – papai começou – E, acreditem ou não, é algo bastante raro de se encontrar em Oxford.

Novidade. Quando nos mudamos, a única casa que papai tinha conseguido encontrar pra abrigar todo mundo tinha sido a Casa

Azul. Agora que ela tinha se tornado cinzas, não havia mesmo mais nenhuma opção.

- Não encontramos nenhuma. – ele continuou – Todas são pequenas demais, e nós não temos dinheiro pra construir uma casa. Então vamos ter que fazer algumas mudanças que não vão ser muito confortáveis pra alguns de vocês, mas que vão resolver nossos problemas.

- Mas, antes de falarmos da casa nova, Bryan tem algo pra contar.

Todos os olhos se voltaram para Bryan. Ele remexeu os cabelos e se ajeitou na cadeira.

- Eu... consegui uma bolsa. – fez uma pausa – Na Universidade de Oklahoma.

Em um segundo, a mesa estava explodindo felicitações a Bryan. Ele tentava uma bolsa na Universidade desde que saíra do colégio. Apesar de já estar nos seus vinte e tantos anos, Bryan queria muito estudar e se tornar engenheiro, mas nós não podíamos arcar com as despesas. Ninguém mais achava que ele fosse conseguir, mas ele tinha conseguido!

- Eu vou me mudar pra lá só em Julho, mas falei com a mamãe e achamos melhor eu continuar na casa da vovó Dina até lá. Só vou atrapalhar me mudando com vocês agora.

Ninguém disse nada. Então nos voltamos de novo pros meus pais.

- Nossa casa nova fica um pouco mais afastada da cidade, perto da estrada para o Rio Arkansas. – papai explicou, e a minha barriga deu um nó. Todo o jantar pareceu voltar pela minha garganta – A propriedade é bem grande, mas a casa não tem muitos quartos. Vamos ter que reorganizar vocês pra encaixar todo mundo. Sinto dizer, mas vão ter que dividir quartos de novo.

Freddy e Eric reclamaram. Adam, que tinha olhado pro chão durante toda a conversa, não se pronunciou. Eu não me meti na discussão – como mulher, eu era a única a ser presenteada com a vantagem de ter um quarto só pra mim. Meu pai que se entendesse com os meninos.

Ao invés disso, me concentrei no fato de que todos os dias a partir de agora eu teria de viver com o fato de a minha nova casa ficar perto do cemitério de bruxas que eu havia enterrado. O maldito Rio

Arkansas! Pensei em pedir pra continuar vivendo com Frida, mas sabia que seria um absurdo, além de uma ofensa aos meus pais. Ia ter que conviver com os pesadelos.

Ficou decidido que o processo de mudança começaria já no dia seguinte, quando mamãe pegaria a chave da casa nova. Todo mundo que não trabalhava deveria estar lá pra ajudar – ou seja, mamãe, eu, Freddy, Eric e Dylan, que ainda estava desempregado. A princípio, deveríamos ajudar na arrumação dos muitos móveis usados que haviam sido doados pelo povo da cidade, e depois compraríamos coisas novas. Papai queria que a mudança estivesse encerrada em no máximo duas semanas.

Mamãe me levou pra casa de Frida depois disso, e eu fiquei algum tempo olhando pro teto antes de conseguir dormir. Eu tinha relutado tanto em ficar ali, e agora já estava tão acostumada que não queria ir embora. Tinha se tornado um lar pra mim, o único lugar onde eu podia ser completamente livre. Eu não tinha medo que Hugo ou Frida me pegassem erguendo coisas no ar ou falando com um gato; tinha se tornado natural não fingir mais. E agora eu ia ter que voltar pra minha vida dupla.

Pensaria nisso em outro momento. Eu estava exausta. Virei pro lado e adormeci.

No dia seguinte, depois da aula, mamãe veio nos buscar. Ela estava com Dylan já no banco do carona, e eu, Freddy e Eric entramos. Todo mundo estava curioso pra saber onde ficava a casa nova, e se dava pra ir a pé de lá até a escola, mas eu estava enjoada. Reconheci cada árvore no caminho como se tivesse sido ontem que eu passara por aquela estrada com os corpos de Megan e Kathi na picape de Sam.

Surpreendentemente, a casa não ficava assim tão afastada de Oxford. A cidade mal tinha sumido atrás de nós quando mamãe estacionou. Não era uma distância que pudesse ser percorrida a pé todas as manhãs, mas pelo menos era longe o bastante do Rio Arkansas.

Em comparação com a Casa Azul, aquela casa era muito mais nova, bonita, e com ar hospitaleiro. Um sobrado de paredes de

tijolos e telhado de madeira escura, portas e janelas envernizadas que se fundiam com a cor da casa em si. Uma cerca de ferro destruída pelo tempo marcava os limites da propriedade. Um caminhão velho estava estacionado ali na frente, e dois homens desciam dele alguns móveis usados.

Descemos da van e nos colocamos a ajudar. Minha vontade mesmo era acelerar o processo usando magia, mas não acho que alguém fosse encarar com bons olhos um monte de móveis voando pela casa. Me coloquei a ajudar os garotos o máximo que a minha força física permitia carregando alguns móveis pra dentro.

Não tinha muita coisa. Pra uma família grande como a nossa, eu diria que não tinha quase nada. Um fogão velho, uma mesa um pouco gasta com quatro cadeiras, duas camas desmontadas, um armário, um sofá de três lugares. E coisas menores, como caixas com louça velha, panelas usadas, copos, um abajur, um tapete e até alguns quadros pra decorar. Não era quase nada, e nós ainda tínhamos muito pra comprar, mas já era mais do que eu estava esperando. Era incrível o quanto aquele pessoal de Oxford, a maioria de pessoas que eu sequer conhecia, estava sendo generoso conosco. Eu nunca poderia agradecer.

Depois que o caminhão foi embora, com todos os móveis acumulados no que viria a ser a sala, – um grande espaço com chão de madeira, uma lareira suja e janelas embaçadas – nós começamos o que minha mãe chamou de “operação limpeza”. Ela tirou vassouras, esfregões, pás e produtos de limpeza de dentro da van, e começamos a varrer, limpar as janelas, esfregar o chão, tirar o pó dos móveis, mas só no andar de baixo. Quando terminamos, já estava escuro e estávamos todos exaustos.

No caminho de volta pra Oxford, mamãe disse que no dia seguinte, enquanto os meninos ficavam pra montar os móveis desmontados e colocar as coisas mais ou menos no lugar, eu e ela iríamos às compras. Suspirei, sem o menor pique pra isso, mas concordei. Quando cheguei em casa, praticamente desmaiei na cama.

Naquela noite, tive um sonho estranho. Sonhei que Sam corria feito louco numa floresta escura e infinita, olhando por cima do

ombro, gritando por ajuda. Eu o ouvia e podia vê-lo, mas por mais que eu corresse atrás dele, não conseguia alcançá-lo. Ele estava correndo muito rápido, e eu tropeçava e caía no caminho. As árvores pareciam ganhar vida pra me segurar. Eu sabia que ele estava em perigo, mas não conseguia ajudá-lo.

Então aparecia Shiny, com seu brilho próprio emanando da pele e refletindo nas árvores. Ela se parecia com um anjo, mas só de olhar pra ela eu podia perceber que não havia nada de bom ali. Ela me sorria e começava a correr, e eu sabia que estava atrás de Sam. Eu tentava segui-la, mas as raízes das árvores me prendiam, enrolando-se pelos meus calcanhares, subindo pelas minhas pernas, enroscando o meu pescoço.

Acordei sobressaltada, poucos minutos antes de o alarme disparar. Parecia que eu não tinha dormido nada, e meu corpo doía. Limpei um suor imaginário da testa e me levantei pra mais um dia.

Aquela semana correu muito rápida. Não tive tempo pra pensar no sonho, muito menos pra testar minhas teorias sobre Sam. Droga, eu mal tinha tempo de dormir. No pouco tempo livre que me sobrava, eu estava estudando para a semana de provas que estava a caminho. Quando não estava na escola, estava na casa nova, limpando vidros, arrastando mesas, guardando pratos, pendurando quadros. Chegava em casa tarde e caía na cama já quase dormindo. Às vezes não me dava nem ao trabalho de trocar de roupa.

Finalmente – ou não – chegou o dia da nossa mudança definitiva. Eu estava adiando aquele momento o máximo possível, mas ele havia chegado. Meu guarda-roupa na casa de Frida estava vazio. O baú das irmãs von Evans estava seguramente encantado para caber dentro de uma mala (por mais que ela estivesse pesando chumbo agora). O quarto estava vazio exceto pelas malas cheias que estavam junto à porta.

Frida bateu à porta entreaberta e entrou. Sem dizer nada, se sentou ao meu lado na cama e me deu um abraço apertado. Foi só quando me soltou que percebi que ela estava carregando um embrulhinho.

- O que é isso? – perguntei. Ela abriu o embrulho e despejou o conteúdo na palma da mão. Era uma corrente prateada com uma pequena flor vazada no pingente. Dentro da flor, havia uma coisa. Frida trouxe o pingente para perto dos meus olhos.

- Sei que você está com medo do que vai acontecer daqui pra frente, e que eu e Hugo não vamos mais estar por perto o tempo todo. – ela explicou – Por isso, resolvi te dar esse presente.

- É lindo. – murmurei.

- É para sua proteção. Está vendo dentro dele? – chacoalhei a cabeça – É sândalo. Mesmo a flor seca e mesmo o menor pedacinho dela ainda é poderoso. Banhamos o pingente com sândalo e adicionamos esse detalhe.

Ela o colocou em torno do meu pescoço. Me senti um pouco zozona, mas bem.

- Vai te enfraquecer, mas não o suficiente pra te fazer passar mal. Depois que você se acostumar a ele, não vai mais te causar nenhum dano. Mas vai te manter protegida de feitiços como o de Shiny.

Eu sorri em agradecimento, completamente sem palavras, e a abracei. Frida me murmurou desejos de boa sorte, e então saiu. Eu fiquei uns minutos com os dedos sobre o pingente, encarando o nada. Toy, ampoleirado na janela, soltou um miado.

- No que você está pensando? – quis saber, sentando-se ao meu lado. Eu sorri pra ele e cocei sua cabeça.

- Em como tudo está acontecendo tão rápido. – afirmei - Não quero ir embora, Toy.

- Você tem problemas em se desapegar das coisas desde os tempos de Dorothi. – ele me disse, e eu dei um sorrisinho fraco.

- Eu sei.

- Me lembro muito bem de quando suas irmãs decidiam partir e você estava numa casinha ou numa cidade que gostava e não queria ir embora. Jane ficava furiosa.

- Jane ficava furiosa por tudo.

- E as outras tinham que dizer a ela pra ficar calma, e forçar você a vir. Às vezes me pediam ajuda.

- Pare de lembrar do passado. Estou me sentindo velha.

Então a porta se abriu e mamãe entrou, abaixando-se para pegar uma mala do chão enquanto fazia uma careta zombeteira.

- Querida, você estava falando com o gato? – ela quis saber, um ar de riso e a testa enrugada. Eu dei de ombros.

- Ele é um bom ouvinte. – falei.

- Pelo menos ele não estava falando de volta. – disse, com um jeito de falso alívio, enquanto saía com a primeira mala. Eu sorri.

Ah, mamãe, se você soubesse...

Nosso novo lar estava completamente mudado agora. A sala de estar tinha dois sofás de cores diferentes (um novo e o outro usado), uma TV, o tapete gasto e meio sujo no chão, e alguns quadros na parede. A cozinha estava equipada com geladeira, fogão, armários cheios com louças e panelas doadas, mas alguns eletrodomésticos, como microondas, batedeira e liquidificador ainda precisavam ser comprados. Os dois banheiros da casa estavam limpos de toda a incrível camada de sujeira que tinha se acumulado no box, nas pias e nos vasos sanitários. E os quartos estavam equipados com camas e armários simples, com lençóis e cobertas vindos de doações.

No fim das contas, pra casa abrigar a família inteira, quase todo mundo (exceto eu) teve que dividir um quarto. Meus pais estavam na única suíte da casa. Eu estava no quarto menor, que ficava no fim do corredor superior, onde o espaço era disputado entre a cama e o guarda-roupa. Freddy e Eric dividiriam um quarto, Adam, Colin e Dylan dividiriam outro, que era o maior quarto da casa, mas que mesmo assim parecia pequeno depois de enfiarmos uma beliche, uma cama de solteiro e um armário de seis portas nele.

Eu não me sentia nem um pouco confortável. Me sentei no novo colchão, meio duro demais, e olhei em volta, sentindo falta de tudo que tinha queimado junto com a Casa Azul. Meu abajur de urso panda. Meus livros. Meu cobertor com manchas de esmalte. Detalhes que faziam o sótão ficar com a minha cara e dos quais eu nunca achei que sentiria saudades.

Mas não ia ficar pensando nisso. Agora que a mudança havia terminado, eu podia me concentrar em outros assuntos importantes

que tinha negligenciado por mais de uma semana. Eu precisava saber se as minhas teorias eram verdadeiras. Precisava provar a mim mesma que estava enxergando pêlo em ovo, que não tinha nada a ver, que Sam estava livre. Precisava ter certeza.

Naquela noite, quando ele me ligou pra me desejar bons sonhos, pedi a ele que viesse passar o sábado comigo na casa nova. Ele, é claro, disse que sim. Não consegui prestar atenção em muita coisa do que conversamos depois disso, e minhas respostas foram fruto do acaso. Depois que desliguei, fiquei horas encarando o teto descascado do meu novo quarto, tentando me adaptar ao novo colchão e ao travesseiro desconfortável, incapaz de fechar os olhos.

Levantei na manhã seguinte sem ter dormido mais que duas horas. Eu estava exausta e olheiras enormes marcavam meu rosto pálido de maneira que parecia que eu tinha sido socada, ao invés de ter passado a noite em claro. Quando sai do quarto, demorei a achar meu caminho até o banheiro, e tropecei nos degraus desconhecidos da escada. Rodei pela casa pra localizar a cozinha, e tive que abrir todos os armários pra encontrar as coisas de que precisava pra fazer meu café da manhã.

No fim, depois de engolir meio sanduíche de queijo e um copo de suco de laranja, acabei deitando no sofá da sala – que ainda cheirava a loja – e adormeci por mais algumas horas. Acordei com o barulho dos meus irmãos fazendo café da manhã e vi que já passava das onze. Sam tinha dito que chegaria ao meio dia, pra almoçarmos juntos. Subi, meio trôpega, e troquei de roupa.

Quando ele chegou, eu já tinha ajudado minha mãe a preparar o almoço, colocado a mesa e dado comida pra Toy. Eu o recebi na porta da frente – depois de pedir ajuda ao meu pai pra abrir o trinco, que aparentemente requeria um macete específico pra destrancar – e me joguei nos braços dele assim que o vi. Já fazia dias que eu não tinha um tempinho pra ficar com ele, e eu estava morrendo de saudades.

Por isso, resolvi adiar mais um pouquinho meus testes. Ele ficou batendo papo com o meu pai enquanto eu fingia assistir TV. Almoçamos e ele me ajudou a lavar e guardar a louça. Ficamos um

tempinho namorando no sofá. E quando a tarde já estava acabando e percebi que logo ele teria que ir embora, eu soube que era hora e que não podia mais esperar. Com a desculpa de mostrar a casa nova pra ele, eu o levei até o andar de cima, e, quando abri a porta do meu quarto e ele entrou, fechei a porta cuidadosamente atrás de nós.

Sam me olhou sem entender. Pela minha cara ele devia saber que não era coisa boa. Mordi o lábio e desviei seus olhos, sentindo um aperto na garganta. Então fui até ele.

- Sam, eu preciso te contar uma coisa. – murmurei, pegando suas mãos – Algumas coisas, na verdade.

- O que é? – ele quis saber.

Resumidamente, contei a ele sobre as palavras de Shiny, a história da criação das bruxas e o tal Coração da Magia. Quando terminei, estávamos os dois sentados na beirada da cama, e ele me olhava um pouco atônito.

- E você acha que... – ele começou a falar, mas eu o interrompi.

- Eu não acho nada ainda. Provavelmente eu estou ficando maluca. Só quero checar.

- E como você vai fazer isso?

- Vou tentar enfeitiçar você.

A careta dele aumentou.

- Não entendi a lógica.

- Sam... – parei, tentando organizar meus pensamentos. A possibilidade me ocorrera, mas eu não sabia nem explicar direito porque – Lembra da lenda? Um homem matou o Senhor das Almas porque ele matou sua mãe. Certo?

- Certo. – Sam respondeu, lentamente.

- E se esse lance de o coração “pertencer à magia” não tem nada a ver com mágica? E se tiver a ver com o amor?

Ele se calou. As palavras “alma gêmea” pularam na minha cabeça, mas achei que seria ridículo mencioná-las. Suspirei.

- O coração dele pertencia a alguém dominado pela magia, mas ele não poderia ser corrompido. – continuei – O Senhor das Almas não poderia derrotá-lo. E por isso nenhuma magia funciona nele.

De novo, Sam não disse nada. Tentei não pensar nele na tenda de ouro de Shiny, e em como ele sobrevivera ao seu feitiço sem nenhum dano. Nem eu tinha sobrevivido àquele encanto. Não havia nenhuma outra explicação, mas mesmo assim eu estava disposta ao benefício da dúvida, porque não podia aceitar assim tão fácil que era ele quem Shiny queria.

- E por isso você precisa me enfeitiçar... – Sam concluiu, num sussurro. Eu concordei com a cabeça. A tensão estava tão grande que era quase visível, uma camada espessa pairando no ar entre nós, dificultando a minha respiração, fazendo meus batimentos soarem tão alto que eu temia que até Sam pudesse escutá-los.

Me abaixei e puxei o baú de sob a cama. De dentro dele puxei o livro de feitiços e o abri numa página aleatória, com instruções para um feitiço para fazer o oponente desmaiar. Era extremamente simples. Fiz o livro pairar no ar entre mim e Sam, agora de pé. Olhei pra ele, mas doía encarar o mar esverdeado de seus olhos, que pareciam já saber da verdade.

Pronunciei as palavras com cuidado, lentidão e voz baixa, as palmas voltadas para Sam. Quando terminei de ler as poucas linhas, nada havia acontecido. Devia ser o colar, o maldito colar. Uma lágrima se formou no canto do meu olho. Arranquei o colar do pescoço e o joguei sobre a cama. Virei as páginas freneticamente e tentei outro feitiço. E outro. E absolutamente nada acontecia com ele.

Deixei o livro cair e tentei mover Sam com a mente. Meu travesseiro decolou pelo quarto, mas nada aconteceu com ele. Tentei todas as formas de magia que podia, mas ele continuava ileso. Comecei a chorar compulsivamente ao ver o pânico tomar o rosto de Sam, por mais que ele tentasse parecer firme. Abracei-o e admiti em silêncio entre os soluços o que eu já havia imaginado desde o começo.

Sam era o Coração da Magia.

Jogo de Ameaças

- O que a gente faz agora? – ele me perguntou baixinho. Fiquei surpresa com a calma em sua voz. Não parecia alguém que estava

sendo caçado.

- Você precisa ir embora. – respondi, as palavras secando a minha boca e formando um nó gigantesco na minha garganta. Até respirar doía – Sumir da cidade. Eu dou conta das coisas por aqui.

- Lena, não...

- Sam, você não vê? – mais lágrimas se formaram nos meus olhos e borraram a minha visão. Eu tentei engolir o choro antes de continuar – Eles vão atrás de você e da sua família. Você precisa tirar seus pais daqui o mais rápido possível. Vocês precisam desaparecer.

- Meus pais...

- É, Sam, seus pais. Shiny chegou até aqui procurando por você. Ela vai matá-los se precisar. Vocês têm que fugir!

- Fugir pra onde, Malena? E o que eu digo pra eles?

Sam estava exaltado, e com razão. Era demais pra cair sobre ele de uma só vez. Mas ele não entendia o quanto era perigoso. Eu não podia deixar que o pegassem, não podia permitir que... a mera idéia me causou enjôo. Eu me sentei na cama, baixando a cabeça até minha testa quase tocar os joelhos. Céus, era tão difícil pensar!

- Eu não sei. – falei, por fim – Diga qualquer coisa, invente uma mentira. Você precisa ir, Sam. Nada de telefones, nada de família, nenhum lugar onde possam rastrear vocês. Só... sumam.

Me levantei de novo. Cada instante perdido era um minuto que Shiny chegava mais perto. Ela não era boba, e provavelmente já tinha percebido antes mesmo de mim. Era um milagre que não tivesse chegado até Sam. Ele precisava sair dali o quanto antes.

- Você precisa ir agora! – exclamei, sem perder tempo pra explicar tudo o que se passava pela minha cabeça – E não me diga aonde você vai. Ninguém pode saber, ok? É perigoso. Suma e não conte nada para ninguém! Agora, você precisa ir.

Sam se aproximou e me deu um abraço forte. Um abraço com gosto de despedida. Me segurei pra não chorar mais, mas era tudo o que eu conseguia fazer. Eu perderia Sam, de um jeito ou de outro. Mesmo para salvá-lo, eu teria que perdê-lo.

Finalmente ele saiu, e eu desabei sentada no chão ao lado da cama, as mãos segurando firme minha boca como se pudesse

empurrar a dor e o sofrimento de volta pra dentro. Não me surpreendi que, minutos depois, alguém entrasse no quarto. Não vi quem era até sentir as mãos firmes e protetoras da minha mãe me acolhendo. Ela murmurou algumas coisas e acariciou o meu cabelo, me perguntou o que havia de errado, mas eu só conseguia chorar. Não adiantava dizer nada, de qualquer maneira. Ela não podia ajudar dessa vez.

Os dias se arrastaram depois disso, como se por teimosia se recusassem a passar. Sam enfim entendeu meu aviso e fez o que eu havia pedido: desapareceu. Durante os primeiros dias, não me ligou. No terceiro dia, me mandou uma mensagem simples, de um número desconhecido, com um código de área diferente, que dizia simplesmente "estamos todos bem". O alívio foi instantâneo.

Para todos os efeitos, Sam estava viajando. Ele havia dado um jeito de avisar a escola que ia fazer uma viagem com a família, e assim que as gêmeas Nelson descobriram isso por algum funcionário, foi essa a versão que espalharam. Toda vez que alguém me perguntava alguma coisa, eu saía pela tangente. Não sabia de nada, não tinha visto ninguém, e não, Sam não me avisara. Nós estávamos brigados.

Essa tinha sido a versão curta que eu contara pra minha mãe. Eu havia mostrado a casa a Sam. Nós conversamos. Nós brigamos. Nós decidimos dar um tempo. Essa era a justificativa pro meu choro, mas eu não estava afim de discutir o assunto nem de contar o porquê da briga. Minha mãe pareceu aceitar bem. Yara, nem tanto. Ela não questionou, mas eu via nos seus olhos que ela sabia que tinha mais do que eu estava contando.

Aquela semana sem Sam e com notícias parcas pareceu demorar um ano pra passar. Mesmo não tendo comentado nada nem com Frida, eu ainda temia por ele. Eu não tinha ouvido falar mais nada sobre Shiny ou sobre os ciganos, e todo aquele silêncio só aumentava o meu medo. Eu não sabia quais eram os limites para eles, que feitiços eles poderiam tentar, quem eles poderiam perseguir. Sumir com Sam tinha sido a melhor escolha? E se eles descontassem em alguém por isso?

Minhas noites em claro haviam voltado. Eu passava horas olhando para o teto, com Toy roncando baixinho ao meu lado e a luz da lua entrando pela janela, pensando onde ele poderia estar. Eu não fazia idéia do que ele deveria estar dizendo aos pais pra ficar todos aqueles dias fora. Teria dito a verdade? Dificilmente. Quem acreditaria, afinal? Eu sabia que, independentemente do perigo que Sam estivesse correndo, ele ficaria quieto.

No sábado, enquanto eu tentava em vão me distrair arrumando o quarto – que nem estava tão bagunçado assim – meu telefone tocou. O toque do celular novo ainda me era estranho, por isso demorei alguns segundos para entender que era ele quem estava tocando. Quando percebi, me coloquei a procurar até encontra-lo embaixo do travesseiro.

- Alô?

- Malena, oi. É o Ned.

Estranhei. Não lembrava de Ned ter me ligado alguma vez na vida. Na verdade, eu não lembrava nem se ele tinha o número do meu celular antigo, quanto mais do novo.

- Oi, Ned.

- Eu queria falar com você. Será que tem como você dar uma passada aqui em casa?

Olhei no relógio. Era quase hora do almoço. Minha mãe ia me matar se eu saísse agora e não participasse do almoço em família, que só acontecia aos finais de semana.

- Por favor. É importante. – ele insistiu, a voz aflita.

Ned não me ligaria se não precisasse de mim, pensei. Além do mais, com tudo o que eu estava passando, a última prioridade pra mim era o almoço em família. Se meu amigo precisava de mim, eu estaria lá pra ajudar.

- Já estou indo. Onde você mora mesmo?

Enquanto Ned me explicava como chegar na sua casa, coloquei uma calça jeans e calcei um par de tênis. Peguei a bolsa e já ia saindo quando lembrei que não morava mais na casa de Frida, e precisaria de uma carona. Mamãe estava na cozinha, e papai estava lendo jornal na sala. Dificilmente algum deles me levaria. Bufei e bati na porta do quarto de Adam.

- Entra.

Ele estava largado, de pijama e ouvindo música quando entrei. Ele se sobressaltou ao me ver e arregalou os olhos. Fiquei me perguntando até quando ele iria me tratar como se eu fosse um monstro horroroso, mas decidi que isso não era importante agora. Talvez seu medo fosse até um pouco útil.

- Preciso de uma carona. – eu disse, sem nenhum tom de interrogação. Adam se levantou de imediato.

- Já estou descendo.

Fechei a porta e resolvi espera-lo na escada, pra não levantar perguntas dos meus pais. O antigo Adam teria me dito “aprenda a dirigir” ou “use suas pernas”. O novo Adam tinha medo de olhar pra mim, quanto mais de se recusar a atender um pedido meu. Por um lado era ótimo, mas por outro, eu me sentia quase como Dorothea e não como Malena.

Ignorei tudo isso quando Adam desceu e nós saímos (após discretamente pegar a chave do carro ao lado da porta). Ele dirigiu em silêncio, e eu só abri a boca pra guiar o caminho. Estacionamos na frente de uma casa de madeira amarela, com um bonito jardim de hortênsias na frente. As cortinas nas janelas estavam fechadas, mas Ned tinha acabado de me ligar. Não poderia ter saído.

- Quer que eu te espere? – Adam ofereceu, pra minha surpresa, soando quase como um motorista. Rolei os olhos.

- Não precisa se preocupar. Volte pra casa que depois eu dou um jeito de voltar. Qualquer coisa eu ligo.

Adam não discutiu. Eu saí do carro e o observei dar meia volta e ir embora antes de ir até a porta e tocar a campainha.

Quando a porta se abriu, eu ouvi Ned me dizendo pra entrar, mas não o vi. Suponho que eu deveria ter prestado atenção, ter recuado. Eu devia saber. Mas eu estava tão cansada e tão detonada que eu não soube. E quando entrei, só senti uma pontada aguda de dor antes de desmaiar.

Abri os olhos para sentir a cabeça dolorida e uma vertigem gigantesca que me impedia de enxergar direito. Ao tentar me mexer, surpresa: eu estava amarrada na cadeira onde estava sentada.

Demorei alguns segundos para me lembrar de onde estava, e de Ned, da ligação, da porta e da dor e...

- Ela acordou.

Ouvi a voz nojenta de Liu e tentei fixar o olhar. Ned estava sentado numa cadeira bem na minha frente, amarrado e com a testa e os lábios sangrando. Senti vontade de chorar, mas logo essa urgência foi substituída por ódio ao ver Liu, em suas roupas pretas e All Star de cano alto falando no telefone logo atrás dele, me olhando com superioridade.

Olhei de volta para Ned, tentando perguntar sem fazer barulho, somente com os olhos, o que diabos estava acontecendo. Ele não parecia ter resposta. Me mexi, sentindo o resto do meu corpo, aparentemente intacto. Meu colar banhado em sândalo ainda estava no lugar. Olhei fixamente para uma almofada jogada no chão e consegui fazê-la tremer. Era um bom sinal. Eu não estava fraca o bastante que não conseguisse usar magia.

Liu desligou o telefone e andou com um sorriso desagradável pela sala, mexendo em um ou outro item de decoração, jogando retratos no chão. Finalmente, chegou perto de mim e de Ned. Ela se sentou no colo dele, brincando com seu cabelo, mas ele virou a cara. Liu deu risada, e continuou agindo como se absolutamente nada estivesse acontecendo.

- Shiny já vai ligar. Ela quer ter uma conversinha... motivacional com você. – ela disse, calmamente.

- Como eu nunca soube que você é uma bruxa? – perguntei, ignorando a regra geral de que prisioneiros deveriam ficar calados. Liu não pareceu se importar.

- Eu sei manter a discrição. – ela suspirou – A única que desconfiou foi a Yara, mas ela é muito centrada na sua fé idiota pra abrir a mente para algo tão maior que ela. Garota estúpida. Mas tenho que admitir que ela tem sorte. – Liu deu dois tapinhas nada gentis no rosto de Ned, que contraiu a cara numa careta – Era pra ela estar aqui, mas não consegui pôr as mãos nela. Tive que usar ele mesmo. Bom, pra alguma coisa você serviu, não foi?

- Quem mais na cidade é bruxo? – interrompi, dando graças a Deus por Yara estar bem – Sua família...

- Sou uma bruxa reencarnada. – ela respondeu, revirando os olhos
– E quer saber? Você está fazendo perguntas demais.

Uma música berrante de rock interrompeu nossa conversa. Liu se levantou, puxou o celular de dentro da blusa – ergh! – e o atendeu. Após ouvir por um segundo, puxou a mesinha de centro e colocou o telefone sobre ele. A voz de Shiny preencheu o ambiente.

- Olá, pequena. Como vai? Espero que Liu não tenha te acertado muito forte.

- Em que isso te importa? – resmunguei, sem saber o que dizer. Me senti infantil, impotente. Shiny riu.

- Importa muito, Malena. Ou deveria chama-la de Dorothei? Quem está no comando agora?

- Malena. Meu nome é Malena.

- Ótimo. Malena. Querida, gostaria que, por favor, olhasse para seu amigo Ned.

Involuntariamente, olhei. Liu estava com um braço em torno do seu pescoço, enquanto uma mão ainda traçava contornos no cabelo dele. Seu rosto estava vermelho e os olhos estavam cheios de lágrimas. No exato momento em que percebi o que Liu estava fazendo comecei a lutar contra as cordas que me mantinham na cadeira.

Converse com ela. Eu cuido das cordas.

Me surpreendi ao ouvir a voz clara e alta de Dorothei soando na minha cabeça. Se dei a entender que estava ouvindo alguma coisa, Liu não percebeu. Senti meus dedos se mexendo fora do meu controle e ouvi um leve murmúrio de Dorothei na minha mente.

- O que ela está fazendo? – perguntei, soando tão boba que era quase inacreditável. Mas minha mente estava muito embaralhada pra pensar nas melhores respostas.

- Isso vai depender de você.

- O que você quer?

- Quero que me diga onde está Sam Goyle.

Estou quase lá.

- Eu não sei! – respondi, imediatamente.

- Malena, olhe de novo para o seu amigo.

Ned estava estribuchando na cadeira. O aperto de Liu estava evidentemente cada vez mais forte. Comecei a ficar desesperada.

- Se você não me disser onde escondeu o Coração da Magia, Liu irá matar seu amigo bem diante dos seus olhos. Você entende isso?

- Eu não sei onde ele está!

- Não minta para mim, Malena.

- Eu estou dizendo a verdade!

- Você tem cinco segundos. Um...

Só mais um pouco.

Ned estava lutando. Mas ele não ia conseguir suportar por muito tempo.

- Dois...

Liu sorriu diabolicamente para mim e beijou a orelha de Ned.

- Três...

Agora!

Não pensei. Simplesmente libertei meus braços e os movi para frente com tamanha força que Liu não teve tempo de contra-atacar ou se proteger. Ela simplesmente decolou contra a parede da sala, num baque tão intenso que o teto soltou poeira e lascas de tinta. Antes mesmo que ela caísse no chão, atirei o telefone na parede e o assisti se partir em mil pedacinhos.

Liu despencou no chão como um saco de batatas, desacordada. Fui até Ned, que respirava com dificuldade, e o soltei com ajuda de um pouquinho de magia. Uma vez solto, eu o abracei, querendo de alguma forma me desculpar por tudo aquilo, mas sabendo que era completamente impossível. Minhas mãos tremiam e meu corpo estava dolorido, as pernas estavam bambas e eu não ia conseguir afastar Shiny por muito tempo, mas pelo menos tinha conseguido salva-lo.

Shiny. Ned era só o começo. Ela queria Sam, e tinha usado Liu para chegar até um dos meus pontos fracos. Mas se ela não estava ali... onde estava?

Gelei. Eu tinha deixado a minha casa, com todos os meus irmãos e os meus pais desprotegidos. Como eu tinha sido burra! É claro que ela tinha uma segunda carta na manga!

Peguei um papel e uma caneta na mesinha de telefone e escrevi o número da casa de Frida, entregando-o nas mãos de Ned. Ele estava lentamente voltando ao normal. Eu queria conversar e explicar, mas não dava tempo agora. Eu precisava que ele me ajudasse antes que fosse tarde.

- Eu preciso que você pegue essas cordas e amarre Liu o mais forte que conseguir. – expliquei, e ele balançou a cabeça positivamente sem questionar. Acho que estava apavorado demais pra dizer alguma coisa – Depois você vai ligar pra minha tia Frida nesse número e vai dizer a ela que tem uma bruxa na sua casa e que você precisa de ajuda. Ela vai saber o que fazer, e você pode confiar totalmente nela. Entendeu?

De novo, Ned só balançou a cabeça. Algumas lágrimas escaparam de seus olhos, mas não soube dizer se de medo ou se por dor após quase morrer estrangulado.

- Eu preciso pegar o seu carro emprestado. Ned, é importante. Onde estão as chaves?

- No... – ele tossiu – No hall.

- Obrigada! – peguei minha bolsa que jazia no chão junto à janela e sai correndo. Peguei as chaves que estavam num porta-chaves próximo à porta da frente e corri para a garagem.

Ergui o portão da garagem e abri o velho Chevrolet quadradão que Ned ganhara como presente de 16 anos em Dezembro. Liguei o carro e o deixei morrer algumas vezes antes de conseguir fazê-lo andar. Me lembrei daquele dia (meu corpo se arrepiou só com a lembrança) em que peguei o carro de Sam para salva-lo na Casa Azul. Quem precisava de autoescola quando se podia aprender a dirigir na marra em momentos de pressão?

Dirigi o mais rápido que aquela velha carroça me permitiu – o que não era muita coisa – tentando, em meio ao turbilhão de medos e pensamentos me lembrar o caminho para a minha casa nova. Se Shiny ousasse colocar um dedo na minha família, eu...

Meu telefone tocou. O número era desconhecido. Resolvi que já era muito arriscado dirigir sem saber direito o que estava fazendo e sem ter carteira, então eu não precisava piorar as coisas. Deixei o telefone dentro da bolsa e continuei.

Cada segundo fazia meu coração bater mais rápido. Fiquei me perguntando o que Shiny estaria fazendo na minha casa. As possibilidades eram muitas, e nenhuma delas estava exatamente a meu favor. Se ela queria mexer comigo, tinha conseguido. Mas eu não tinha nada para ela. Eu não sabia onde Sam estava, eu não poderia fazer nada por ela. E se soubesse...

Não diria? Eu não sabia dizer. Era fácil jurar minha lealdade a Sam enquanto minha família estivesse a salvo, mas eu conseguiria continuar protegendo-o se a vida do meu pai, da minha mãe ou de algum dos meus irmãos dependesse de eu entregá-lo? Eu daria prioridade a ele ao invés da minha própria família?

Não seja idiota. Não tem a ver com amor. Tem a ver com deixar o Senhor das Almas ser libertado ou não.

A resposta de Dorothei fez meu cérebro arder com uma pontada. Todo aquele tempo sumida, e tinha resolvido descontar todo o tempo perdido num único dia.

Onde você esteve?, eu pensei. Senti meus olhos rolarem à sua vontade.

Eu sempre estive aqui, querida. Mas você não estava precisando de mim, me respondeu. Bufei. Ela era muito desagradável.

Mas ela estava certa. Minha decisão não tinha a ver com quem eu amava mais. Se eu não protegesse Sam e deixasse Shiny e sua tribo pega-lo, e o Senhor das Almas fosse realmente libertado, não haveria mais família para amar, pois eles iriam morrer. Não haveria futuro. Haveria destruição e sangue e... o maldito apocalipse. O mundo inteiro estaria condenado.

Ainda assim, eu não estava certa do que aconteceria. Eu não podia confiar em mim mesma para tomar a decisão certa. Não se alguém que eu amava estivesse ameaçado.

Todos que você ama estão ameaçados, tolinha. Seja firme, foi a resposta de Dorothei. Eu a ignorei.

Como que por um milagre, cheguei em casa. Eu já imaginava, mas mesmo assim, prendi a respiração por uns segundos de medo. Três homens guardavam a entrada e a porta estava entreaberta, somente me esperando entrar. Controlei a tremedeira e sai do carro, marchando decidida em direção à porta da frente.

Para a minha surpresa, não encontrei caos. Minha casa estava em ordem, tudo estava no lugar, e o cheiro do almoço ainda estava no ar. Não havia som vindo de cômodo algum. Caminhei em direção à cozinha e foi lá que tomei um susto. Shiny estava sentada na mesa com um enorme sorriso no rosto, o coração de ametista contrastando contra um vestido bege, mais bonita do que nunca. O almoço estava servido e intocado. E toda a minha família estava sentada em volta da mesa, encarando o nada, hipnotizados.

- Ah, Malena. Que bom que resolveu se juntar a nós para o almoço. – Shiny me disse, graciosamente – Por favor, sente-se.

Uma cadeira surgiu, posicionada exatamente de frente para ela, e papai, sentado naquele lado da mesa, foi arrastado para o lado. Ele não pareceu se importar. Continuou olhando para a parede com olhos vidrados, aparentemente concentrado em decifrar um segredo existente nos azulejos. Eu me sentei em silêncio, com um nó do tamanho de uma bola de golfe se formando na garganta.

- Bem, acredito que agora possamos conversar de igual para igual. Você tem algo que eu quero, e eu tenho algo que você quer. – continuou, calmamente. Aquele sorriso magnífico era a parte que mais me irritava. Shiny parecia uma psicopata vestindo aquela cara tão alegre. Respirei fundo e tentei me manter calma, como Dorothi me dizia para fazer a cada cinco segundos.

- Eu não tenho nada que você queira.

- Ah, você tem sim. Seu namoradinho Sam. Sabe, eu o achei um rapaz muito bonito. E bastante interessante.

Senti meu rosto queimar e estreitei os olhos involuntariamente. Shiny riu.

- Ora, Malena. Não fique com ciúmes. Minhas intenções com Sam são as melhores! Na verdade, você deveria ser a primeira a entregá-lo a mim.

- Para que? Para que você traga o Senhor das Almas de volta e destrua o mundo inteiro? Não, obrigada.

Finalmente, Shiny perdeu seu sorriso. Sua alegria psicótica foi substituída por um olhar feroz, de nojo, que me fuzilou de cima abaixo.

- Você é uma vergonha para a sua raça. – ela cuspiu na mesa em sinal de reprovação. Tive que me conter pra não torcer o nariz – Quando o Mestre retornar, e ele retornará, você será caçada e servirá de sacrifício e exemplo. Como pode renegar seu próprio criador?

Eu não respondi. Qualquer resposta seria inútil. Shiny era como uma fanática religiosa, incapaz de considerar pensamentos alheios e opostos aos seus. Preferi o silêncio.

Visto que eu não disse nada, Shiny se acalmou. Assumiu uma expressão neutra e suspirou.

- Vamos aos negócios. Quero que me entregue a localização do Coração da Magia.

- Você é uma bruxa. Faça um feitiço. – respondi com desdém.

- Nenhum feitiço funciona com ele. – ela respondeu pausadamente, parecendo irritada – Não é possível localiza-lo. É por isso que estamos aqui.

- É uma pena. Eu não sei onde ele está.

- Teremos que fazer isso do modo difícil? Malena, eu realmente não gostaria de matar sua família.

- Eu não sei onde ele está! – me desesperei. Matar a minha família? Ela tinha enlouquecido?

- Descubra! – Shiny ficou de pé, e por apenas um momento achei que ela fosse tentar lançar um feitiço contra mim. O colar de sândalo era forte o bastante para segurar *um* feitiço, mas eu não tinha certeza se ele me protegeria contra muito mais do que isso.

Mas ela não fez nada contra mim. Ao invés disso, foi até Colin, passou a mão pelos seus cabelos e olhou maliciosamente para mim.

- Eu me diverti muito extraindo algumas informações de seu irmão. Foi ele quem me convidou para almoçar aqui hoje, sabia?

Me arrepiei. A tal garota que Colin tinha conhecido no restaurante era ela! Eu devia ter imaginado que ela estaria circundando a minha família! Pobre Colin, enfeitado aquele tempo todo e eu sequer havia percebido. Que informações ele teria passado para ela?

Shiny andou até Freddy, sentado ao lado de Colin e chacoalhou seus ombros. Depois tocou o rosto de Adam, sentado logo ao lado.

- Uni-duni-tê... de quem será que a Malena sentiria mais falta?

Meus olhos marejaram e meus músculos se retesaram. Eu queria fazer alguma coisa, mas estava congelada de pavor. Qualquer ação minha poderia ter resultados catastróficos e imprevisíveis. Meus poderes jamais se comparariam aos de Shiny. Eu só continuava solta porque ela possuía sobre mim a vantagem do medo.

- Shiny, eu não sei onde ele está. – falei, minha voz saindo trêmula.

- Então eu sugiro que você descubra, Malena. – ela foi lentamente se aproximando de mim. Quando estava bem na minha frente, ela se abaixou até ficar na altura do meu ouvido e sussurrou – Porque eu vou matar cada um dos seus familiares enquanto você se recusar a me entregar o Coração.

Chorei. Minha vontade era de implorar, mas eu já estava sendo fraca demais. Minhas lágrimas pareceram diverti-la. Após um breve sorriso, ela limpou meu rosto com as costas da mão com um olhar quase maternal, o que me fez odia-la ainda mais.

- Oh, criança, não chore. Veja bem, vou te dar algum tempo. Vocês são em nove. Todos os dias, um de vocês cairá doente, de uma enfermidade incurável. Após três dias, começarão a morrer. Isso dá... – ela fingiu contar nos dedos – Quase quatro dias de vantagem pra você. Muito pode ser feito nesse tempo.

Imediatamente, meu pai começou a tossir e a respirar com dificuldade. Tentei levantar para ir até ele, mas Shiny me segurou na cadeira. Eu estava fraca demais pra lutar contra o seu aperto, então desisti.

- Você pode salvar a sua família, Malena. – seu sussurro fez cócegas no meu ouvido, num sibilar ameaçador - Basta me entregar Sam. Você sabe onde me encontrar.

Ela me soltou, e apenas escutei seus passos sumindo com a distância. No momento em que o silêncio foi quebrado apenas pela tosse contínua e agravada do meu pai, me levantei e fui até ele. Ele tossiu de novo e minha mão ficou coberta de respingos de sangue.

Subitamente, toda a minha família despertou do transe e, após olharem para os lados algumas vezes, suas atenções se voltaram para papai ali, quase morrendo bem diante dos nossos olhos. Foi o início do desespero generalizado. Minha mãe tentou chamá-lo, mas

ele não conseguia respirar o bastante para responder. Adam pegou o telefone para ligar para a emergência, mas Bryan começou a gritar que eles não chegariam a tempo, enquanto Colin corria para pegar as chaves do carro, e Eric pegava os documentos de papai, e Freddy e Dylan erguiam meu pai pelos braços e o levavam porta afora.

E eu, em todo o meu desespero, continuei ajoelhada no chão, as mãos cobertas de gotas de sangue e cuspe, soluçando de tanto chorar, incapaz de descobrir o que fazer a seguir.

O Ritual

Quando consegui me recuperar, só havíamos sobrado eu, Freddy e Eric em casa. Os mais novos sempre ficavam para trás naquelas horas. Ninguém falava nada, mas a minha cabeça estava explodindo como se o mundo todo estivesse falando dentro dela. Perdi Dorothi dentro da confusão de dor e pensamentos que minha mente tinha me transformado. Enquanto Freddy limpava a cozinha e Eric me abraçava pra tentar me fazer parar de tremer, só conseguia me perguntar se eles faziam a menor ideia do que havia acontecido ali.

Mais ou menos uma hora mais tarde, eu já havia cansado de ficar esperando por notícias. Eu tinha mesmo que voltar à cidade pra devolver o carro de Ned, então podia aproveitar para passar no hospital – onde toda a minha família estaria em breve, pensei, e a dor foi tão forte que voltei a chorar. Eu não podia pensar nisso. Tinha que haver alguma solução.

Deixei o carro na frente da casa de Ned com a chave no pára-brisa e fui andando até o hospital. Frida estava lá, e vi a compreensão, bem como o desolamento, estampar seu rosto. Meu pai estava isolado e não poderia receber visitas até definirem se o que quer que ele tinha era ou não contagioso. Meus familiares preenchiam o corredor, e olhei cada um dos meus irmãos abatidos me perguntando quem seria a próxima vítima aleatória da ira de Shiny.

- É Sam, não é? – ouvi a voz de Frida atrás de mim e me virei – É Sam que ela quer? Ele é o Coração da Magia?

Concordei silenciosamente. Mais lágrimas escorreram e Frida me abraçou.

- Malena! Por que você não me contou?

- Eu não podia! Ninguém podia saber! Era perigoso!

- Meu Deus, foi por isso que ele foi embora! Ah, Malena, e agora seu pai...

- Não é só meu pai, Frida. – solucei – Todos os dias, alguém da minha família vai adoecer, e todos eles vão morrer. Ela vai matar todos eles!

Frida me encarou horrorizada. Eu podia ler seus pensamentos com clareza através de seus olhos, mas sabia que ela não teria coragem de dizer em voz alta.

- Eu não posso entrega-lo a eles, Frida! – respondi à pergunta muda. Minha tia pareceu horrorizada.

- Mas a sua família...

- Pense no que vai acontecer se o Senhor das Almas ressurgir. O caos. Quantas famílias irão morrer? Eu não posso!

- E sacrificá-los está correto? Quanto tempo você acha que vai demorar até que Shiny o encontre, Malena, com ou sem você?

Balancei a cabeça negativamente, ainda que minha mente aceitasse aquela ponderação. Eu tinha que ser forte, mas quanto tempo mais eu iria aguentar?

- Não! Eu vou dar um jeito. Vou descobrir uma forma de...

- Malena! – minha tia me interrompeu – Você não pode vencê-la! Vai perder todos os que você ama para tentar salvar apenas um!

Mas eu não queria escutar. Sai de perto de Frida e entrei no primeiro elevador aberto, chorando tanto que mal conseguia respirar.

Eu já havia me acalmado quando cheguei em casa, mas ainda não conseguia pensar com clareza. Meus irmãos voltaram para casa, deixando minha mãe sozinha no hospital junto com meu pai. Vi Adam parado atrás da porta entreberta do meu quarto e por um instante achei que ele fosse bater e pedir explicações, mas ele desistiu e deu meia-volta.

Puxei o baú do seu esconderijo sob a cama, e com um movimento de mão, espalhei todo o seu conteúdo pelo chão. Tinha de haver uma forma. Sempre havia uma saída.

Não tem nada aí, ouvi Dorothi, estranhamente calma e quase melancólica, soando na minha cabeça. Sua presença me deixou tonta, mas fingi não perceber.

- Você não tem como saber. – repliquei, em voz baixa. A última coisa que eu precisava agora era chamar atenção por estar falando sozinha.

Esses livros pertenciam à minha família. Acha que eu não sei o que tem ou não tem escrito neles?

- Você leu eles todos, por um acaso? Do começo ao fim? – ela não respondeu – Então cale a boca e me ajude.

Comece pelo de poções, foi tudo o que ela disse. Puxei o livro de poções pra mim e me pus a folheá-lo.

Fiquei ali, debruçada sobre aquelas páginas amareladas, durante horas. Toda vez que eu achava que tinha um bom palpíte, Dorothi dava um jeito de provar que não daria certo. Nada era bom o bastante.

Estamos lidando com um feitiço extremamente poderoso, Dorothi repetiu, pela enésima vez. *Só melhorar os sintomas não vai resolver o problema.*

- Mas talvez nos garanta mais tempo. – argumentei, massageando a cabeça que já começava a doer.

Você acha que Shiny não pensou nisso? Ela é esperta! Cure um sintoma e outros dez aparecerão. Se tentarmos ajudá-lo, podemos apenas matá-lo mais rápido!

- E O QUE VOCÊ ESPERA QUE EU FAÇA?

Meu berro estourou o vidro da janela. Lágrimas escorriam pelas minhas bochechas e caíam sobre as páginas abertas sem deixar vestígios. Dorothei calou-se.

- Você não entende. Que diferença faz pra você se um ou se todos eles morrerem? Eles não significam nada pra você, Dorothei. Mas são a minha família!

São a minha família também, foi tudo o que ela disse.

No dia seguinte, Bryan amanheceu com uma febre tão absurda que ele começou a delirar. Nada de escola para mim ou meus irmãos; Adam pegou o carro e saiu correndo para levá-lo ao hospital. Meus irmãos tentavam me acalmar falando que ele e papai ficariam bem, mas eles não entendiam. Eles sequer se lembravam. Apenas eu sabia que todos eles iriam adoecer e morrer, e que a culpa era toda minha.

Encostada na parede do quarto, observando enquanto Toy lambia as patas, me perguntei se estava fazendo a coisa certa. Meus pensamentos estavam completamente divididos; parte de mim acreditava que eu estava fazendo o que tinha que fazer, enquanto outra parte me odiava e me xingava de assassina cruel.

Mas o que eu poderia fazer? Entregar Sam não significava apenas sofrer com a sua morte, mas também entregar o mundo num espeto para o Senhor das Almas. Eu tinha lido sobre as previsões do seu retorno no livro de história das von Evans. Humanos escravizados, crianças mortas, epidemias, almas vendidas para o diabo, o início do que era descrito no livro como A Era Negra. Sacrificar Sam significaria matar milhares de pessoas num futuro próximo. Eu seria responsável por um genocídio.

Mas não entregá-lo e ver minha própria família morrer enquanto eu ficava de braços cruzados fazia de mim o quê? Eu poderia parar com aquilo, poderia poupá-los. Papai só sobreviveria mais um dia; Bryan já estava internado. Qual deles seria o próximo? Eu não conseguia nem pensar e já sentia meu coração se contorcer. O mundo inteiro não era minha responsabilidade, ou ao menos não deveria ser. Se eu entregasse Sam, suas mortes não seriam

diretamente minha culpa. Eu não estaria apertando o gatilho. Ou estaria?

Meu Deus, como aquilo era difícil!

O meu celular tocou, me tirando dos meus devaneios. Me levantei rapidamente e fui até o aparelho, embolado entre os lençóis da cama. O número era desconhecido e tinha um código de área diferente. Meu coração acelerou, porque eu sabia exatamente quem era. Só podia ser uma pessoa.

O telefone tocou de novo. Eu não tinha certeza se falar com ele era uma boa idéia. Poderia me fortalecer ou me partir em mil pedaços. Permaneci nesse impasse por mais alguns segundos até finalmente optar por recusar a chamada.

Naquela tarde, liguei pro Hugo e pedi que ele levasse Lady Lew até o hospital. Chamá-la havia sido sugestão de Dorothei, mas eu não estava muito confiante – acima de tudo porque Lady Lew nunca fazia nada por apenas compaixão. Muito menos por compaixão *por mim*.

Se Hugo explicar a ela exatamente o que está acontecendo, ela irá ajudar, Dorothei me garantiu. Torci o nariz.

- Por quê?

Porque claridentes odeiam bruxos. Somos a essência do mal. Ela jamais permitiria que o Senhor das Almas retornasse sem tentar impedir.

Aceitei sua palavra, mais por esperança que por crença. Andei de um lado a outro do corredor, torcendo pra que ninguém da minha família voltasse tão cedo do seu merecido descanso. Enquanto Adam estava ao lado de Bryan, eu estava do lado de fora do quarto de papai, esperando a chegada de Hugo e sua mãe.

Já estava puxando o celular para ligar para eles de novo quando Frida, carregando Linda no colo, apareceu, seguida de Hugo e Lady Lew. Seus olhos felinos estavam ainda mais estreitos, e havia rugas de preocupação em sua testa. Tanto ela quanto Hugo carregavam sacolas de aparência pesada, e se moviam rápida e silenciosamente.

Sem perguntar, abri a porta do quarto de papai e entrei. Tia Frida ficou, e fez sinal de que iria visitar Bryan. Fechei a porta e as

persianas da janela que dava pro corredor, ao mesmo tempo em que acendia a luz.

- Apague isso, menina! – Lady Lew ralhou comigo, e a obedeci de imediato.

Hugo tirou algumas velas de dentro de uma das sacolas, e um maço de alguma erva. Olhou pra mim e entendi o que ele queria antes mesmo de ele se pronunciar. Fui até o detector de fumaça do quarto e o desativei com um pouquinho de magia.

Os dois trabalharam extremamente rápido. Hugo distribuiu as velas em volta da cama, e as acendeu enquanto Lady Lew colocava pequenas pedras de vários tamanhos ao longo do corpo semi-inconsciente de papai. Em seguida, Hugo pegou as ervas e as queimou nas pontas, liberando uma fumaça perfumada que imediatamente preencheu todo o quarto. Entregou o maço para sua mãe, e só então veio pro meu lado, perto da porta.

Lady Lew passou o maço de ervas por sobre si mesma e então sobre o meu pai. Movimentou os braços, descrevendo formas com a fumaça, fazendo as chamas das velas dançarem, sem nunca se apagar. Então estendeu suas mãos sobre ele e começou a murmurar um cântico numa língua completamente desconhecida e incoerente.

- A clarividência também é um tipo de magia. – ouvi Hugo murmurar – Mas uma magia branca. Extraída da terra, em conexão com os elementos. Somos o outro lado da balança.

- O que ela está dizendo? – perguntei, num sussurro, tentando decifrar pelo menos uma palavra na profusão de coisas cantaroladas por Lady Lew.

- Ela está chamando a força dos elementos. As velas representam o fogo, as ervas são a terra, a fumaça é o ar e as pedras tiradas do rio são a conexão com a água. Estamos tentando decifrar a essência do feitiço pra poder quebrá-lo.

- Que língua é essa?

- É o idioma dos nossos ancestrais. – Hugo fez uma pausa – Só é usada em magias extremamente poderosas.

Nos calamos. Bati o pé, sem fazer barulho, no ritmo da cantiga de Lady Lew. Eu segurava minhas mãos pra disfarçar o quanto elas estavam tremendo, e tentava me concentrar no trabalho que ela

estava fazendo pra não me comportar como a garotinha desesperada que eu me sentia.

Lady Lew agora havia dividido o maço de ervas em dois, e segurava um em cada mão. Balançava-os sobre o corpo do meu pai, com uma flexibilidade impressionante para alguém tão pequena e roliça. Percebi que a fumaça que saía das plantas estava cada vez mais densa, e que formava desenhos no ar agora. Desenhos que pareciam ter vida própria, cada vez mais nítidos, mas mesmo assim gradativamente menos claros para mim.

Apertei os olhos, tentando decifrá-los, e então reparei no silêncio. Lady Lew tinha parado de cantar.

Voltei meu olhar para ela, e vi que ela estava parada. A fumaça continuava subindo, descrevendo imagens no ar, mas Lady Lew não estava mais se movendo. Rápida, porém cautelosamente, Hugo foi até ela.

- Mãe? – ele chamou, e tocou em seu ombro.

Lady Lew virou-se com força e ferocidade, lançando Hugo no chão com um golpe e me fazendo recuar de susto, com a mão sobre a boca. Seus olhos pareciam pegar fogo, vermelhos e brilhantes. Sua boca desferia um sorriso ferino, ameaçador.

- Deixe-o. Ele deve morrer. – proferiu diretamente para mim, mas a voz não era sua. Era como se mil vozes gritando numa união aguda e assustadora falassem através dela.

- Ele quem? Meu pai? – perguntei, assustada. Mas ela ignorou minha pergunta.

- Somente a morte trará o renascer, e somente o renascer trará a profecia, e somente a profecia trará a paz. Não lute contra o destino, pequena bruxa. Isso está acima de você.

Então seus olhos voltaram ao normal, e todas as velas se apagaram. Lady Lew caiu de joelhos ao lado do filho, e eu os encarei, sentindo vontade de gritar.

- Sinto muito, Malena... – Hugo me disse, mas não fiquei pra escutar o resto. Abri a porta do quarto e saí.

Vi o dia amanhecer pela janela do quarto, meus olhos inchados e ardentes, mas a cabeça ainda eletrizada demais pra pegar no sono.

Verifiquei meus irmãos e descobri Eric vomitando as tripas no banheiro. Então ele era o próximo. Acordei Adam e não precisei pedir duas vezes para levá-lo ao hospital.

Minha família já ocupava três leitos e a expressão abatida do Dr. X quando ele passou por mim só me dizia o que eu já sabia. Papai estava pior do que nunca; ele não conseguia mais comer e o dreno ligado aos seus pulmões parecia extrair uma quantidade infinita de pus e sangue. Bryan continuava febril e estava meio amarelado; entreouvi mamãe comentar que a doença tinha atacado o fígado. E agora Eric.

Passei as horas mais difíceis da minha vida naquele corredor, esperando as notícias ruins. Meu pai ia morrer. Bryan estava quase lá. Eric piorava a cada hora. Mamãe estava desesperada e imóvel. Meus irmãos estavam calados. Todos eles carregavam um enorme alvo no peito e sequer tinham consciência disso. E eu não sabia mais pra que lado correr.

Yara, Ned e outros amigos da escola me ligaram para saber como eu estava e perguntar sobre meus familiares. A fofoca de que a família Gördon tinha sido amaldiçoada estava circulando rápido por Oxford. Não consegui realmente falar com ninguém; a cada ligação, o aperto aumentava. Yara me disse que todos na sua igreja estavam rezando muito, e me pediu pra ter fé. Naquelas horas, queria realmente acreditar que deus poderia mudar alguma coisa, se ele estivesse lá. Mas ao olhar pra minha família largada no corredor com a aparência desgastada, percebi que isso seria inútil.

Cada segundo contado no relógio era o tempo deles que se esvaía. Eram aproximadamente três da tarde quando entrei no quarto para ver meu pai. Ele estava acordado, mas era quase como se estivesse morto; seu peito mal mexia a cada respiração dificultada, seus olhos estavam meramente entreabertos e ele estava pálido e suado. Me aproximei da cama e apertei sua mão, mas ele mal teve forças pra pressionar fracamente de volta.

- Oi, papai. – murmurei, sentindo a garganta fechar. Não queria chorar ali na frente dele. Não queria que ele perdesse as esperanças, mesmo sabendo que não adiantaria tê-las.

- Filha... – ele respirou o máximo que pode. Uma palavra parecia ter o efeito de deixá-lo sem ar – Filha, eu...

- Shhh... – cobri sua boca com os dedos, os olhos marejados. Tive medo que ele se desgastasse demais e morresse ali, bem diante dos meus olhos. Depois percebi o quanto isso era hipócrita da minha parte, uma vez que era por minha causa que ele estava ali.

- Eu vou... – ele tossiu de leve. Não parecia ter fôlego nem pra isso – Vou sair daqui... logo.

Balancei a cabeça afirmativamente, mas nunca me senti tão mentirosa. Papai, papai! O que eu estava fazendo? Como eu podia deixar aquilo acontecer com ele?

Me debrucei sobre ele, pousando minha cabeça de leve sobre o seu corpo, me permitindo chorar enquanto ele não podia me ver. Funguei baixinho e me perguntei quanto tempo mais ele teria. Quantas horas até a magia arrancar-lhe seu último suspiro? Quantos minutos?

O barulho atingiu meus ouvidos, mas não o notei de imediato. Quando o silvo agudo e contínuo me alcançou, demorei pelo menos um minuto antes de me dar conta do que estava acontecendo. Então ergui a cabeça e percebi a linha imóvel no monitor cardíaco ao mesmo tempo em que o quarto era inundado por médicos e enfermeiros.

- PAI!

O grito veio de tão fundo que eu tinha certeza de que havia partido alguma coisa ao meio sem querer. Mãos fortes me agarraram e me arrastaram pra fora do quarto. Eu já não podia vê-lo, encoberto pela massa de gente que o circulava.

Ele estava morrendo.

Meu pai estava morrendo.

O enfermeiro que me arrastara me deixou do lado de fora e fechou a porta do quarto. Olhei pro lado e vi Adam abraçando forte minha mãe, que estava aos prantos, tremendo. Eu nunca tinha visto Adam chorar em todos aqueles anos, mas seus olhos estavam inchados, e ele mantinha a cara fechada enquanto deixava as lágrimas escorrerem. Freddy andava de um lado pro outro do corredor com as mãos cobrindo os ouvidos, como se abafando o

som, pudesse desprender-se da realidade. Colin estava com a cara grudada no vidro da janela, mas não podia enxergar nada através das persianas fechadas.

Só quem já esteve equilibrado na linha que divide a vida da morte sabe precisar exatamente quantas eras se passam entre o movimento dos ponteiros do relógio. Parada ali, com o coração na mão e o estranho silêncio do desespero tomando conta de mim, foi que entendi o quanto os segundos faziam toda a diferença. Cada tique-taque do relógio era uma batida de coração a menos. Cada milésimo de segundo era um gole de ar que deixava de encher seus pulmões. Cada batida do relógio era um passo mais perto do abismo.

Não sei quanto tempo se passou naquela agonia. Senti que anos, décadas inteiras, haviam se passado diante dos meus olhos, antes de a porta do quarto se abrir e recebermos um sinal afirmativo do médico. Minha mãe e meus irmãos entraram correndo, mas fiquei do lado de fora, lentamente sentindo o topor deixar o meu sistema, me tranquilizando com o retorno do som das batidas cardíacas do meu pai.

E foi naquele instante que eu decidi que não podia deixar minha família morrer. Naquele minuto, fiz a minha escolha, e soube que aquela seria a decisão mais difícil de toda a minha vida. Fui na direção de Adam e o puxei pelo braço sem dar maiores explicações, até chegarmos ao elevador.

- Pra onde estamos indo? – ele perguntou, confuso.

- Preciso que você me leve até a Casa Azul. – respondi, rapidamente, o corpo todo tremendo. Precisava fazer aquilo antes que eu mudasse de idéia.

- Mas o que... – Adam começou a perguntar quando entramos no elevador e eu pressionei o botão pro térreo. Eu o interrompi.

- Vou salvar o papai.

Ele não perguntou mais nada. Saímos rapidamente do hospital e entramos na van, estacionada na rua, e Adam pisou fundo com destino ao terreno da Casa Azul.

Mandei que ele parasse antes de virar a esquina. Dei ordens expressas pra que ele não saísse de dentro do carro e que me

esperasse voltar. Se alguém aparecesse, falei, ele deveria acelerar o máximo que pudesse e dar o fora dali. Adam concordou com tudo em silêncio, e eu saí do carro decidida, caminhando por entre as tendas negras do acampamento em direção ao brilho incomum da tenda dourada de Shiny.

Como era de se esperar, alguém já estava à minha espera para me dar passagem antes mesmo de eu me aproximar. Quando entrei, Shiny estava sentada junto a uma mesinha baixa que não estava ali da primeira vez, usando um vestido florido de decote quadrado com renda nas mangas, a ametista de seu pingente de coração parecendo pulsar. Ela não se surpreendeu ao me ver entrar. Continuou tomando seu chá calmamente e apenas me estendeu a mão, me indicando o assento à sua frente.

- Malena, querida. Estava esperando sua visita mais cedo. Mas que bom que veio, mesmo assim.

Eu a odiava. Odiava a maneira como tratava aquela situação repugnante como algo natural, odiava seu sorriso despreocupado, odiava o modo como se dirigia a mim como se fôssemos íntimas, e principalmente, eu a odiava por me fazer escolher entre as pessoas que eu amava. Queria mais do que tudo ter poder suficiente pra esmagar aquele rosto perfeito. Mas por ora, eu tinha que me controlar.

- Tem um jeito de encontrar Sam. – puxei o celular da bolsa e o estendi para ela. Shiny não fez nenhuma menção de pegá-lo – Mas quero garantias.

- Não há garantias, criança. Minha proposta foi bastante clara. Se me entregar o Coração da Magia, sua família ficará livre.

- E os doentes irão se curar?

- Sim.

- Todos eles? Mesmo meu pai?

- Todos terão uma melhora, digamos... miraculosa.

Bufei. Então era isso. Eu era uma assassina, uma traidora, e seria, muito em breve, uma genocida. Sam jamais me perdoaria por entregá-lo daquele jeito. Eu jamais me perdoaria. Mas por mais que eu o amasse tanto que sentia minha alma se quebrando por ter que

fazer isso, que opção eu tinha? Eu não podia simplesmente deixar minha família inteira morrer! Era pedir demais de mim mesma!

- Eu tenho o telefone dele. Uma ligação e posso te dizer onde ele está. – falei, tentando me manter calma, tentando raciocinar.

- Não. Ele deve vir até nós de boa vontade. Ele deve se entregar.

Tremi. Não bastasse ter de mentir pra ele, ainda teria que força-lo a se entregar por mim. Lágrimas rolaram, mas eu me limitei a acenar com a cabeça. Procurei o número nas chamadas recentes e disquei. A cada toque, eu implorava para que ele não atendesse. Mas ao quinto toque, a voz de Sam soou aflita do outro lado da linha:

- Malena?

Nunca vou entender de onde tirei forças para mentir daquele jeito. A pressão, acho eu, ajudou. Nunca fui muito boa em fingir nada pra ninguém, mas também nunca tive tantas vidas em jogo. Por isso, abri a boca e, após um soluço, despejei a quantidade mais inacreditável de mentiras que jamais contei na vida.

- Sam, por favor, você precisa voltar. Eles estão me machucando, Shiny disse que vai me matar, e... – parei, a garganta travada. Minha voz insistia em não sair, então forcei, falando tudo de maneira quase incoerente - Eu não consigo mais, Sam! – gritei em agonia, cada fibra do meu ser me implorando pra parar com o teatro, pra dizer a verdade. Mas eu não podia - Eu preciso de ajuda, por favor, por favor.

- Calma, calma, onde você está? – a dor e o desespero na sua voz me dilaceraram. Mais do que nunca, eu queria morrer. Mas engoli a dor e o choro e juntei forças pra responder.

- Estou na tribo, Sam. Por favor, venha rápido!

- Chego aí esta noite. Aguarde firme.

Desliguei o telefone me sentindo completamente destruída por dentro. Shiny me olhou em sinal de aprovação e fez um sinal para que alguém abrisse uma passagem na tenda.

- Você fez a coisa certa, pequena. Volte para a sua família. Eles ficarão bem.

Fiz a única coisa que poderia fazer, e lentamente me retirei. Bruxos e bruxas saíram para me encarar e alguns celebravam.

Ignorei-os e continuei meu caminho até o carro, onde Adam, sem fazer perguntas, nos dirigiu de volta ao hospital.

Aquela noite foi de vigília e boas notícias. A febre de Bryan baixou consideravelmente, e Dr. X disse que o manteria ali para observação. Eric parou de vomitar, no que foi tido como ação tardia da medicação. E papai parecia mais corado e respirava com mais vitalidade. Mas o alívio pela melhora deles não ajudava em nada no pesar do meu coração.

Estava me preparando para ir embora do hospital com meus irmãos quando me surpreendi com Frida aparecendo no corredor, andando na minha direção.

Ela me pegou pela mão e cochichou baixinho que viesse pra casa com ela. Avisei minha família e fui, sabendo que Frida só me tiraria dali por um motivo realmente importante. Ela permaneceu muda durante todo o trajeto até sua casa e, quando entramos a passos leves para não fazer barulho, ela me levou direto ao escritório.

- Desculpe te tirar assim de lá, mas Hugo teve uma visão esta noite. – Frida me explicou, remexendo os papéis sobre a mesa até encontrar o que procurava – Eu acredito que você deva ver isso.

Peguei o papel que ela me estendia. Era um desenho extremamente detalhado. O céu estava vermelho, como se pegasse fogo, e o carmim vasto se fundia às chamas que vinham de uma fogueira no canto da página. Mas nada disso chamou realmente a minha atenção. O que me ganhou foi o desenho do centro, cheio de detalhes mínimos que não deixavam a menor dúvida.

Ele mostrava uma garota pálida, de cabelos brancos, com duas pequenas pintas roxas no lugar dos olhos, enfiando alguma coisa pequena e pontuda (uma faca? Uma adaga?) no peito de um rapaz amarrado num tronco, com duas pintas verdes nos olhos.

A imagem mostrava a mim matando Sam.

Aquilo fez um gosto amargo subir à minha boca e achei que fosse vomitar. Como se nada até agora tivesse sido suficiente, tinha aquilo. Quando ia acabar? Aquele desenho não podia ser real!

- As visões são incertas, querida. – Frida tomou o desenho das minhas mãos trêmulas e me segurou como se tivesse medo que eu

caísse – O futuro é mutável. É somente uma previsão.

- Uma previsão forte o bastante pra Hugo recebê-la. – murmurei. Via nos olhos de Frida que ela parecia confiante no que me dizia e tentei absorver parte daquela certeza, mas não conseguia.

- Vá se deitar. O seu quarto continua do mesmo jeito. Descanse para poder pensar melhor.

Assenti e deixei que ela me levasse. Cai na cama feito uma boneca, mas não peguei no sono logo de cara. Fiquei horas rodando no colchão, aquela imagem tatuada na minha mente. Quando, por fim, dormi, foi um sono regado a pesadelos vermelhos, punhais, fogueiras e um pedido muito claro de socorro.

Frida me levou em casa logo após o almoço. No caminho, ela insistiu que eu deveria ter cautela, mas que não precisava me apavorar.

- O futuro não está escrito em pedra. – ela insistiu, com veemência – Nós mudamos o nosso destino o tempo todo. As coisas *não precisam ser assim*.

Assenti, mas não estava realmente escutando. Será que não precisava mesmo? Eu tinha tentado de tudo pra evitar, mas havia entregado Sam para morrer mesmo assim. Que garantias ela podia me dar de que tudo o que eu fizesse não iria apenas servir pra me aproximar mais daquela visão macabra?

Me despedi de Frida em silêncio quando chegamos, e tentei não pensar em nada daquilo enquanto entrava. Destranquei a porta e segui o cheiro de café até a cozinha. A mesa estava suja de migalhas de pão, havia louça suja na pia e a cafeteira ainda estava ligada, mas não havia ninguém lá.

Meus dedos formigaram, e eu travei, tentando ao máximo aguçar os meus sentidos. Alguma coisa estava errada. O silêncio era quase ensurdecedor. Já passava da uma da tarde, então onde estava todo mundo? Por mais que tivessem chegado tarde, pelo menos Adam e Colin já estariam de pé.

Voltei pra sala e deixei a bolsa sobre o sofá. Procurei pela casa inteira. Ninguém no quintal ou na lavanderia. Os quartos estavam com as portas abertas e quase todas as camas estavam desfeitas. O

tapete do banheiro estava molhado como se alguém tivesse acabado de tomar banho, mas não havia ninguém lá.

O mau pressentimento que já estava fazendo meus dedos formigarem quando entrei, agora tinha me tomado por completo. Desci as escadas voando em direção ao telefone na mesinha da sala. Tinha alcançado o aparelho quando reparei no bilhete sobre a mesa. Numa letra caprichada no papel que cheirava a incenso, estava escrito: *Olhe para trás.*

Olhei. E não vi mais nada.

Acordei sentindo a cabeça latejar. A princípio, achei que tivesse sido pela pancada brusca que eu tomara em casa, mas agora que estava prestando mais atenção, conseguia ouvir a voz de Dorothi berrando comigo.

Acorde, sua imprestável! Acorde e olhe em volta!

Abri os olhos, mas o mundo se recusava a fazer sentido. Eu estava vendo o entardecer alaranjado de Oxford num espaço gramado rodeado de árvores altas. Várias pessoas circulavam a área, firmando tochas, carregando algumas toras de madeira ou simplesmente conversando.

Eu estava sentada no chão, com as costas apoiadas de uma maneira desconfortável em uma árvore. Tentei mexer minhas mãos, mas percebi que estavam atadas às minhas costas. O mero movimento fez minha pele queimar, e naquele minuto eu já soube que estava magicamente incapacitada. Era provavelmente por isso que eu tinha apagado por tanto tempo. Quando olhei para o lado esquerdo, entrei em desespero.

Nas árvores seguintes, meus irmãos estavam amarrados e desacordados. Não todos eles, felizmente. Mas lá estavam Colin, Dylan, Freddy e Adam. Quis gritar, mas percebi que chamaria muita atenção indesejada caso o fizesse. Me debati, mas só consegui me machucar. Então olhei pro outro lado.

Em outra árvore, Sam estava amarrado. Seu rosto estava sujo e ferido, a roupa rasgada, o cabelo embaraçado, a cabeça pendendo pro lado. Só soube que ele estava vivo pelo movimento fraco de seu peito. Mas, se por um lado fiquei aliviada, por outro meu coração

quase parou de tanto medo; se ele estava vivo ainda, aquilo queria dizer que a visão de Hugo se tornaria realidade?

Olhei de novo pra onde meus irmãos jaziam, desacordados. Consegui ver claramente o plano de Shiny, e me perguntei como não tinha visto isso antes. Claro que eu não estava livre, muito menos a minha família. Como eu tinha sido imbecil! Descansei a cabeça no tronco da árvore, me sentindo a pior das derrotadas. E dessa vez nem Dorothei me contestou.

Você está mesmo no fim da linha.

Obrigada, Dorothei. Muito esclarecedor.

Estou tentando pensar, ingrata. Agora fique quieta. Tem alguém vindo.

E realmente tinha. Vi os pés e antes mesmo de chegar ao rosto já sabia de quem se tratava. Shiny se agachou na minha frente e me sorriu daquele jeito psicopata.

- Desculpe o convite em cima da hora. Mas tinha certeza de que você não perderia esse Ritual por nada! – falou. Eu cuspi no chão ao seu lado em sinal de repulsa.

Shiny se levantou rindo e olhou em volta. O céu atingia uma tonalidade de vermelho que eu nunca havia visto antes. Seus olhos brilharam e ela inflou o peito.

- Está quase na hora! Vou preparar seus irmãos para o ritual e volto num minuto!

Ela se foi, e logo homens vieram retirar meus irmãos dos troncos e carregá-los para um enorme mastro posicionado a uns cinquenta metros de distância de mim, rodeado por folhas e palha seca.

Oh, não, oh não!

Então Sam foi levado e amarrado a uma outra tora. Meus irmãos permaneceram desacordados, mas ele acordou no minuto em que foi novamente amarrado. Vi seus olhos desesperados percorrendo o ambiente e pousando em mim. Quis gritar, mas minha voz não saía. Alguém cortou a corda que me prendia e segurou meus braços pra que eu não lutasse. Mesmo que quisesse, não conseguiria; o sândalo ainda queimava meus pulsos e me enfraquecia. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Fui arrastada contra a minha vontade até estar entre meus irmãos e Sam. À minha volta, dezenas de bruxos e bruxas se ajoelhavam num círculo perfeito. O homem que me segurava me soltou bruscamente e eu caí de joelhos na grama. Shiny veio até mim e me ergueu pelo pescoço sem nenhuma gentileza.

Uma vez de pé, ela pegou minha mão direita e colocou nela uma adaga fina e pontiaguda. Letal. Seus olhos faiscavam. Shiny se afastou de mim fazendo os panos de suas vestes farfalharem. Quis perguntar para ela por que, por que tinha que ser eu, mas não conseguia falar. O céu estava completamente carmim, como no desenho de Hugo, e percebi que nada que eu tivesse feito teria me livrado daquele momento.

- Decida rápido, querida. – sua voz ecoou num brado alto – Quem você vai salvar?

Senti o calor e ouvi o crepitar do fogo antes mesmo de ver as chamas surgindo do nada e tomando a palha em volta dos meus irmãos. Fiquei feliz por eles estarem desacordados. Meu coração batucava a mil por hora e todo o meu corpo parecia gelatina. Olhei da fogueira, onde eu sabia que eles não durariam muito tempo, para Sam.

Seu rosto ferido estava calmo. Vi lágrimas correndo de seus olhos, mas ele permaneceu impassível. Naquele breve minuto em que nos entreolhamos, sem nenhuma palavra em voz alta, muito foi dito. Eu o ouvi dizer que estava tudo bem, que ele entendia. Que ele perdoava. E tentei da melhor maneira explicar como aquilo estava doendo, e como o mundo deixaria de fazer sentido sem ele comigo.

Eu queria pedir perdão. Perdão por não tê-lo protegido como devia, perdão por ter trazido aquilo tudo para a sua vida. Ele não merecia. Ele estava melhor antes, sem mim, sem saber o que havia de ruim de verdade no mundo, sem ter o perigo rondando sua porta à espera de um momento de fraqueza. Queria que ele entendesse o quanto eu sentia por estarmos ali, outra vez na corda bamba entre a vida e a morte.

“Não foi sua culpa”, eu podia ouvi-lo dizer. Mas como poderia não ser? Se Sam nunca tivesse me conhecido, ele ainda estaria seguro. Sua família não precisaria ter sido destruída. Nenhum deles

precisaria fugir ou se esconder. Eu havia acabado com tudo. E agora isso estava acabando comigo.

Minhas mãos fraquejaram. Olhei para trás e vi meus irmãos cada vez mais perto da morte. Eu sabia exatamente o que tinha que fazer, mas sentia que não conseguiria. E foi quanto escutei a voz de Dorothei ecoando raivosa na minha mente: *você é uma fraca*.

Subitamente, o mundo ficou turvo e eu não controlei mais minhas ações. Senti meus lábios proferindo um murmúrio de desculpas enquanto meus passos avançavam contra a minha vontade em direção a Sam. Para a minha felicidade, Dorothei fechou nossos olhos quando enfiou a adaga em seu peito. Senti o sangue dele nas minhas mãos, ouvi uma última lufada de ar deixando seus pulmões e sussurrando meu nome, mas implorei a Dorothei que não abrisse os olhos.

E, pela primeira vez, ela me obedeceu.

Nada Para um Coração Destruído

Minhas mãos tremiam com força tal que eu não conseguia comandá-las. Dorothei me devolveu o comando de meu corpo, e só abri os olhos quando ouvi vozes celebrando com música e gritos altos de alegria à minha volta.

Ver o rosto pálido e sem vida de Sam era pior do que qualquer dor que eu já sentira na vida. Parecia que o meu coração tinha sido perfurado, que era o meu sangue que manchava as minhas roupas. Pus a mão sobre o cabo da adaga e a puxei, vendo o sangue dele escorrer, se esvaindo, me sujando, e tentei inutilmente contê-lo com as mãos.

- Sam. – sussurrei, chacoalhando-o devagar – Sammy.

Ele não respondia. Olhei pro seu rosto imóvel, tomada de uma dor insuportável que me fez gritar.

- Sam, por favor...

Sua pele estava fria ao meu toque. Seu peito não se mexia. E eu não conseguia acreditar.

Morto. Meu Sam estava morto.

Como eu havia permitido, por que eu havia desistido? Eu poderia ter tentado, eu deveria ter procurado mais. Eu poderia tê-lo salvado, mas fui fraca. E agora nem mesmo o alívio de saber que meus irmãos e meus pais estavam bem compensava a agonia que fazia meu peito arder em chamas.

O sol se pôs completamente, e de repente todos fizeram silêncio. Não entendi de primeira, até observar pequenas bolinhas de luz, tão minúsculas quanto vaga-lumes, deixando os lábios entreabertos de Sam. Centenas de pontos luminosos deixaram seu corpo e se juntaram acima de nossas cabeças, até formar uma enorme bola branca cuja luz era tão intensa que queimava meus olhos. Ela pairou por um minuto, parecendo brilhar com cada vez mais intensidade, e então explodiu em faíscas, devolvendo a escuridão da noite. Nada além disso – uma explosão de si mesma, uma rajada de vento momentânea, e então estava acabado.

Fora pra isso que ele morreria? Para uma explosão de luz qualquer, para nada? Me agarrei a ele com força, apagando todo o resto do mundo, chorando violentamente. Estava coberta do seu sangue quando ergui a cabeça, e não havia mais nada ali além de nós dois, meus irmãos soltos e jogados no chão e uma tocha de fogo presa na terra, esquecida para trás.

A noite corria enquanto eu chorava. Mas não havia mais nada que eu pudesse fazer.

Poderia ter se passado uma hora, um dia, uma semana. Tudo o que eu sabia era que eu tinha um estoque interminável de lágrimas a serem gastas, e uma dor tão profunda que me impedia de ouvir, de sentir, de dormir, de falar.

Era noite (de novo ou ainda?) quando alguém me ergueu do chão com mãos cuidadosas. Permaneci imóvel, mole, cansada demais para reagir. Desmaiei de exaustão após ser colocada dentro do que me parecia uma ambulância.

Eu ainda podia ver, claramente, cada vez que eu fechava os olhos. Podia ver Sam e suas últimas palavras, jamais ditas em voz alta, e o desespero e amor que fluíam dos seus olhos para os meus como uma corrente antes do inevitável. Podia ainda escutar o barulho da adaga, o som mudo com que o metal cortara seu peito, rasgara seu coração. Podia ainda sentir o cheiro do seu sangue.

Como era possível que ele estivesse morto? Em que planeta bizarro era aquele onde eu estava, como eu tinha vindo parar nessa dimensão paralela onde o inconcebível acontecia a torto e a direito? Não era possível, não podia ser possível que aquele fosse o fim. Que Sam estivesse realmente... eu nem conseguia dizer. Era doloroso demais, inacreditável demais.

Os rostos diante de mim, horas (ou seriam minutos?) mais tarde, eram borrões sem cor e sem vida. O mundo parecia ter ficado em tons de cinza de uma hora para outra. Não havia mais vida ou motivação que me guiassem. Eu não sentia dor alguma, não a dor física. Cheguei à conclusão de que quando algo dói demais, nós simplesmente paramos de sentir tudo ao nosso redor. O mundo passa a ser algo imperceptível.

Deixei que tudo desaparecesse à minha volta. Nada mais fazia sentido.

- Malena?

Abri os olhos quando o sussurro preocupado me acordou. Meus olhos doeram e demoraram a se acostumar com a luz, mas logo vieram as cores opacas do mundo, e o rosto conhecido e reconfortante à minha frente.

- Oi. – ela me disse.

Yara estava com os olhos cheios de lágrimas, debruçada sobre mim com o rosto tenso de preocupação contida. Eu não conseguia encontrar a voz para conseguir falar, ou meus lábios para poder forçar um sorriso. Apenas mexi a cabeça, e ela levou uma mão à boca.

- Malena, eu... – tentou falar, e tremeu. Deixou uma ou duas lágrimas escaparem, então fungou e se conteve – Eu sinto muito. Não sei se você se lembra, mas ainda assim eu...

Eu me lembro, pensei. Eu me lembro muito bem.

Ela sorriu, com um lampejo de alívio. Eu tinha dito aquilo em voz alta? Seu sorriso me dizia que sim.

- Eu compreendo o tamanho da dor que você está sentindo nesse momento. – falou, rapidamente, e eu senti quando comecei a chorar de novo. Ela não tinha nem idéia – Eu sei que eu não faço idéia do que eu estou falando, mas... – hesitou – Nós precisamos que você se levante. Já se passaram dois dias. Sam gostaria que você...

Sam. Sam. Sam.

Yara deu um pulo e um gritinho, e então percebi que eu tinha feito explodir uma das lâmpadas do quarto. Ela se levantou e começou a passar as mãos pela cama, aparentemente recolhendo cacos que poderiam me machucar.

- Malena, nós precisamos que você se levante! – exclamou, enquanto trabalhava, fungando – *Eu* preciso que você se levante. Não vai ser fácil, mas você não vai estar sozinha, eu te prometo isso!

Ah, Yara. Eu queria poder pensar em algo pra lhe dizer agora, tentar ser compreensiva e educada e sorrir pra você, mas eu simplesmente não posso, pensei, sem saber se estava dizendo ou não tudo aquilo em voz alta. É tudo grande e doloroso demais pra você entender.

- Eu sei que você vai sair dessa de algum jeito. – continuou falando – E eu vou te ajudar, vou rezar a Deus pra que Ele te acolha e te ajude, pra que cuide de Sam. Mas eu preciso que você seja forte, porque ninguém vai te ajudar se você não quiser ajuda.

Houve silêncio então, e Yara se sentou. Aproveitei para fechar os olhos e derrubar mais uma torrente de lágrimas. Menos de um minuto depois, senti um beijo na testa e sua mão sobre os meus cabelos.

- Eu vou voltar pra te ver. – disse – Não importa quanto tempo demore, eu vou te tirar daqui.

Ela se foi e abriu a porta, mas antes de tornar a fechá-la, ouvi um bufar e ela disse:

- Espero te ver no enterro amanhã de manhã.

Na manhã seguinte, pouco depois eu escutar minha mãe sair do quarto, eu me levantei da cama.

Minhas pernas fraquejaram, me senti tonta por um instante, mas me mantive de pé. Eu não fazia idéia de onde estava tirando a força, mas ela estava ali, e eu iria mantê-la. Não o bastante para a minha vida voltar aos eixos – ela nunca voltaria. Mas força que bastasse para que eu conseguisse pelo menos dizer adeus.

Quando mamãe voltou, me surpreendeu tentando tomar banho sozinha. Eu havia tirado todo tipo de agulhas que haviam enfiado no meu braço, e agora estava fraca, bambeando sob a água corrente do chuveiro, e com um pontinho minúsculo sangrando na mão esquerda. Ela disse alguma coisa em tom irritado, porém satisfeito, e se pôs a me ajudar.

Eu parecia uma boneca sem vida sobre as minhas próprias pernas, percebi. Estava de pé, mas não conseguia fazer nada sozinha – respirar e caminhar já eram tarefas sacrificantes. Mamãe me vestiu, me penteou, e me deu comida enquanto conversava com o meu pai, palavras que eu não pude realmente escutar.

Engoli com esforço um pão e um iogurte, fazendo doer minha garganta fechada. Eu não sentia fome, mas punha a comida para dentro por simples hábito e instinto – eu sabia que teria que comer alguma coisa em algum momento do dia. Então papai me ajudou a descer e me colocou na van, pôs o cinto de segurança para mim e, juntos, seguimos pelas ruas sem movimento.

Quando chegamos, papai me ajudou a descer e minha mãe me fez segurar algumas rosas brancas. Apenas deixei que eles me levassem, um de cada lado, segurando meus braços como se eu fosse uma criança. Seguimos por entre lápides e gramados tão sem vida quanto tudo à minha volta, e eu sentia como se estivessem me levando para conhecer a minha própria cova.

Perdi as contas de quantas pessoas me abraçaram, me deram tapinhas nos ombros ou choraram comigo. Depois da primeira, eu não ouvia mais o que eles tinham a dizer. Cada “meus pêssames” que me era dirigido era como voltar a vê-lo morto bem diante dos meus olhos, reviver o momento mais sombrio e doloroso da minha vida. Sandra Goyle me colocou ao seu lado e segurou meus ombros num

luto silencioso como se tentasse me manter inteira. Mas não havia nada que pudesse me consertar agora.

Meus soluços cortavam o silêncio do cemitério enquanto o padre falava. Havia tanta coisa que eu queria dizer, tanta coisa que jamais seria dita. Se eu pudesse tê-lo de volta por apenas um instante, eu diria a Sam que eu voltaria o tempo se pudesse. Que eu daria a minha vida em troca da sua, que nunca ninguém no mundo amaria mais uma pessoa do que eu o amava. Que era infinito, que era eterno. Que ele ainda estava vivo em mim, vivo o bastante para eu poder senti-lo cada vez que eu fechava os olhos e sonhava.

Sam, meu Sam. Aqui estou eu, com toda a magia correndo nas veias e uma incapacidade tremenda de realizar meu único desejo. Não havia feitiço que pudesse revivê-lo, mas se houvesse eu o faria. O preço seria pequeno em comparação com a perda. Eu havia prometido que iria cuidar dele e no entanto, agora eu o estava assistindo enquanto ele era sufocado por quilos e quilos de terra.

Não era justo, eu pensava, entre os soluços. Por que estão enterrando o meu coração? Me levem com ele, eu queria gritar. Queria abrir o caixão e me jogar dentro, fechá-lo e deixar que a terra nos engolisse para sempre. Soava dramático até para a minha mente entorpecida, mas eu nunca desejara tão veementemente estar morta. Estar com ele. Por um só minuto que fosse.

Quando o caixão foi baixando e as pessoas atiraram suas flores, o céu começou a chover pétalas.

Não sei quando a dor começou a se transformar em raiva.

Dentro de mim, eu ia refletindo, ruminando o que havia acontecido. Não conseguia aceitar tudo aquilo como algo que estava predestinado a acontecer, como algo fora do meu alcance. Não deveria ter acontecido. Estava errado. Contrariava toda a lógica. Tinha que ser revertido. Tinha que ter um jeito.

Conforme os dias se transformaram em semanas, passei a colocar na cabeça que eu estava enganada. Tinha acontecido e eu não podia mudar nada daquilo. E, embora a culpa que eu carregava não cessasse, eu sabia que havia outros por culpar. Shiny, por exemplo.

O assassinato de Sam foi investigado, mas a escassez de pistas, somada a uma simples poção no café com leite diário do xerife fizeram com que o caso fosse gradualmente esquecido. Enfeiticei toda a minha família pra que nunca mais voltassem a pensar nas tragédias daquele ano. Se alguém perguntasse, desconversariam. Se tentassem se lembrar, rapidamente pensariam em outra coisa. Eu não podia arriscar que se lembrassem, e sabia que, se ninguém voltasse a tocar no assunto, então lentamente tudo acabaria por cair no esquecimento geral. Seríamos uma história boba a ser contada pras crianças das próximas gerações, nada mais.

Mas de algum modo, eles ainda se lembravam. Lá no fundo de suas mentes enfeitizadas, algo permanecia, algo capaz de mudá-los para sempre. Não havia mais conversas à mesa, não havia mais som dentro de casa. Era como se todos compartilhássemos um segredo tão horrível que estava destruindo a nossa relação familiar. A mim, ninguém dirigia a palavra. Eu me tornara o membro delicado da família, o elo fraco que se romperia se alguém por acaso dissesse a coisa errada.

Proteger-me, era o que estavam tentando fazer. Eu ria disso cada vez que eles tentavam, cada vez que nos sentávamos à mesa pra jantar e meus pais e meus irmãos se entreolhavam, procurando o momento certo de agir, a coisa certa a ser dita, desistindo de falar minutos após a refeição ter começado. Queriam me poupar, mas aos poucos eu fui percebendo que eu desprezava toda aquela piedade.

Piedade para quê, afinal? Não era de mim que eu tinha pena, não era por mim que deveriam estar chorando. Era minha culpa que tudo tivesse acabado do modo como acabara. Minha culpa e de mais ninguém. Jamais poderiam fazer justiça.

Acordei sobressaltada na manhã do dia 2 de Maio.

Eu havia sonhado. Não era nada específico – apenas uma profusão de cores e formas, que se juntavam em formatos incoerentes. E música. Eu definitivamente me lembrava de música. Algo contínuo e grave, como as batidas de uma percussão, e algo mais agudo e indistinto, melodioso, atrativo. Como o canto de uma sereia.

Despertei a tempo de não cair da cama. Eu estava empapada de suor, tão enrolada nos lençóis que não conseguia me soltar. Lutei pra retomar a liberdade – e o fôlego – e então reparei que a tela do meu celular piscava.

Era uma nota do calendário. Eu a havia feito meses atrás, mesmo sabendo que jamais me esqueceria, só pra garantir. Mas agora, parecia apenas uma piada de mau gosto.

“02 de Maio – Aniversário do Sam,” dizia a nota.

O buraco, já constantemente aberto, pareceu inchar e ficar ainda mais profundo. Larguei o celular e me encolhi na cama, me segurando como se, desse modo, pudesse me impedir de partir ao meio.

Mas já era tarde. Eu já estava quebrada há muito tempo. Não havia mais o que fazer agora.

Mais tarde naquele dia, comprei flores e pedi à minha mãe que ela me levasse ao cemitério. Seguimos caladas, como vinham sendo todos os dias desde que ele se fora. Apreciei o silêncio. Não tinha nada que eu quisesse dizer.

O túmulo de Sam era o mais bem cuidado. Fosse porque ainda era recente, fosse porque eu ou sua família estávamos sempre por ali, zelando por ele, permanecia limpo, com flores novas e o epitáfio brilhante.

02/05/1992 – 03/04/2009

Samuel August Goyle, amado e inesquecível

Fechei os olhos e passei os dedos por sobre as letras em relevo. Se eu respirasse bem fundo e imaginasse, ainda podia sentir o seu cheiro no ar. Deixei as flores sobre o mármore e me sentei, meio encolhida entre ele e o túmulo seguinte.

- Eu sinto tanto sua falta. – murmurei, e beijei a pedra fria, sentindo o peito doer na vontade que tinha de poder abraçá-lo de novo. De poder beijá-lo. De poder senti-lo perto.

- Olá, Malena.

Me virei rápido, devido ao susto, alerta e desconfiada de quem quer que pudesse chegar perto demais dele de novo. Mas era só

Sandra Goyle.

Ela não parecia bem, mas eu tinha a mais absoluta certeza de que estava agüentando melhor do que eu. Sandra estava usando um vestido discreto cinza escuro, e trazia um enorme buquê de begônias amarelas, que deixou ao lado das flores que eu trouxera.

Aquela não era a primeira vez que nos encontrávamos por acaso no cemitério, mas nunca deixava de ser estranho. Mais do que nunca, eu não podia olhar nos olhos de Sandra Goyle depois de tudo o que acontecera. Por minha causa, ela havia perdido sua família inteira. O fato de ela não saber não tornava o fato menos real. Eu havia causado a morte dos seus dois únicos filhos. Como jamais poderia olhá-la de novo?

Mas, como sempre, Sandra veio até mim, se abaixou e me abraçou longamente. Era indiscutível o quanto ela me lembrava Sam até na hora de me abraçar. Por alguns minutos, era como se fosse ele nos meus braços de novo. E eu pude me permitir chorar.

Não falamos mais nada. Cada uma viveu seu luto em silêncio, tendo suas conversas particulares com Sam. Eu gostava de imaginar que ele ainda estaria por ali, rondando nós duas. Ralhando comigo por não querer me aproximar dela. Confortando sua mãe em seu pior momento. Seria tão a cara dele...

- Malena, querida. – Sandra me chamou, e, de novo, me assustei. Nós nunca nos falávamos. Ficávamos horas, às vezes, dividindo espaço ao lado do túmulo de Sam, e então uma de nós ia embora sem nunca dizer uma única palavra.

- Sim?

- Vou reunir alguns amigos em casa hoje à noite, em homenagem a Sam. – ela disse – Gostaria que você viesse.

Não respondi. Não queria ter que dizer pra ela que não conseguiria, que a única coisa pior do que falar sobre ele era ouvir o seu nome. Não queria admitir pra Sandra que eu tinha vergonha de homenageá-lo quando a única culpada pela sua morte era eu. Então preferi o silêncio.

- Eu sei que tem sido difícil pra você. – a voz dela vacilou, e Sandra pigarreou forte – Tem sido difícil pra todos nós. Mas Sam jamais ia querer que passássemos o aniversário dele nos

lamentando. Ele acreditava que cada aniversário é um renascimento, sabia? – ela sorriu, e vislumbrei lágrimas caindo. Então baixei a cabeça – Não podemos trazê-lo de volta, querida, mas podemos mantê-lo vivo na nossa memória. E, principalmente, no nosso coração.

De novo, fiquei calada. Mas já estava aos soluços.

- Te espero às sete.

Não vi quando Sandra foi embora. E também não tornei a vê-la. Não fui naquela noite, e não voltei mais ao cemitério. Era doloroso demais.

Os meses se foram num ritmo desigual e lerdo. Cada dia durava uma semana, e cada semana, um ano inteiro. Parecia que nunca ia passar, até que a formatura de Eric e Freddy chegou.

Mamãe insistira que eu comparecesse pelo menos à cerimônia de graduação. Seria algo simples, organizado na quadra do colégio, abrigando os poucos alunos do último ano e os pais e amigos com perfeição. Mais uma vez, mamãe praticamente me vestiu e me carregou até lá, me deixando sozinha apenas quando Yara, convidada especialmente pelos meus irmãos só pra me fazer companhia, chegou.

Minha melhor amiga me sorriu, tentando fazer com que eu me animasse. Desejei por um momento que tudo aquilo fosse embora, que eu pudesse simplesmente esquecer, perdoar e viver minha vida – o que restara dela. Mas quando olhei pro meu outro lado e vi uma cadeira vazia e pensei que ali era onde Sam poderia estar sentado, eu percebi que aquilo jamais aconteceria. Não seria esquecido, ou perdoado, e eu jamais teria uma vida a ser vivida de novo. Estava tudo acabado. Eu seria pra sempre apenas um fantasma de mim mesma, um fantoche humano, guiado por forças invisíveis a seguir em frente.

Não sei de onde veio a idéia. Pode ter sido que estivesse ali o tempo todo, ou que tivesse surgido de último minuto, na minha necessidade de desaparecer. Só sei que, uma vez plantada a semente, não consegui mais parar de pensar naquilo. E, no fundo da minha mente, senti que ela, Dorothei, estava, finalmente,

concordando com algo a meu favor. Talvez Toy estivesse certo e ela estivesse mesmo do meu lado, afinal. Ou talvez fosse apenas seu anseio pela liberdade misturado à minha vontade de sumir.

Permaneci séria, já com tudo formulado na cabeça, até o último nome ser chamado e a turma ser declarada oficialmente formada no Ensino Médio. Me levantei com Yara e fui parabenizar meus irmãos, abraçando-os como se aquele fosse nosso último abraço. Em breve, não haveria mais Malena. Eu não sabia ainda o que surgiria no lugar dela.

Fomos pra casa, e enquanto todo mundo comemorava, eu fui pro meu quarto. Dorothei estava mais viva do que nunca, embora ainda em silêncio, fazendo minha cabeça doer de tal forma que estava difícil manter meus olhos abertos. Deitei sobre a cama desconfortável e fechei os olhos.

Dorothei?

Primeiro, só o vazio. Eu sabia que ela estava ali. Eu podia senti-la como se fosse um parasita se movendo. Por que aquela bruxa idiota não podia simplesmente me responder?

Dorothei, dá pra me responder logo?

O que você quer?

Ok, ela queria que eu dissesse. Ela podia ler meus pensamentos, mas fazia questão de me ver implorando. Pensei em Sam, e no quão pior minha vida podia ficar uma vez que ele já tinha sido tirado de mim. Rastejar atrás de Dorothei me parecia quase saudável perto disso.

Quero que você tome o meu lugar.

Silêncio. Senti a surpresa de Dorothei misturada à alegria. Ela ia ter um corpo de novo. Ia ter seus poderes de volta, e poder viver sua vida – nossa vida – como bem entendesse e sem que eu lutasse para tentar tirá-la do comando. Eu estava devolvendo a ela tudo aquilo que ela sempre julgou ser seu por direito.

Ora, mas o que você não me pede chorando que eu não faça sorrindo?

Sorri agradecida. Imediatamente, me senti sendo puxada pra dentro de mim mesma, uma força invisível que me agarrou e me

arrastou pra um lugar sem dor e sem tristeza, dominado pela escuridão.

Dorothi

Abri meus olhos e, primeiramente, acreditei estar encarando o vazio.

Mas o vazio não possuía rachaduras, disse a mim mesma. E eu me sentia tão... dolorida. Uma sensação incômoda. Para minha surpresa, ao tentar me mexer, houve resultado. Meus dedos se moveram, minhas mãos, meu braço, e minha cabeça. Encarei o quarto que me era, ao mesmo tempo, familiar e desconhecido, e sentei-me.

Eu já havia estado no controle antes, mas era diferente desta vez. Ela não estava lutando. Mesmo quando reuni forças suficientes para suprimi-la, eu podia senti-la tentando voltar a si, consumindo toda a minha energia. Agora, nada disso existia. Apesar de dolorida, eu era dona daquele corpo, dona da vontade, dona de mim, e, ainda que eu a sentisse ali dentro, era como se ela estivesse calma e profundamente adormecida.

Surpreendi-me quando Toy entrou desfilando pela porta entreaberta. Ele me estudou com seus enormes olhos amarelos, mas não se aproximou. Tive uma súbita onda de ciúme por perceber que ele permitia que Malena o tocasse, mas que a mim, sua dona e amiga durante anos e aquela responsável por sua sobrevivência através dos séculos, esta honra não era permitida. Toy sentou-se próximo à porta e miou sem entusiasmo.

- Seja bem-vinda de volta. – ele me disse. Eu sorri, satisfeita. Nem mesmo o mau humor e a indiferença de Toy poderiam me afetar agora.

- Muito obrigada, Toy!

Levantei-me e abri a porta do armário de Malena, encarando seu rosto – meu rosto – no espelho preso do lado de dentro. Ela – eu – era mesmo incrivelmente pálida, e estava tão magra que eu podia enxergar os ossos do rosto. Seus cabelos – agora meus cabelos – estavam opacos e quebradiços. Mas a força que enxerguei nos olhos violeta que me encararam de volta era única, e eu sabia que não vinha dela.

Malena queria sumir, pois sim. Eu queria viver, e não me importaria nem um pouco de fazer isso por ela, se ela assim tanto o desejava. Mas que soubesse que não havia caminho de volta. Eu

podia me acostumar a ser Malena, mas Malena agora não existia mais. O ano de Dorothea von Evans estava apenas começando.

[1] "Shiny" quer dizer "brilhante" em inglês